

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
Faculdade de Filosofia, Letras e Artes
Departamento de Antropologia
Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social

O JOGO DAS DÁDIVAS
Considerações sobre a prática da aposta na
Igreja Universal do Reino de Deus

Tatiana Savrassoff Oliveira

Curitiba
2006

Tatiana Savrassoff Oliveira

O JOGO DAS DÁDIVAS
Considerações sobre a prática da aposta na
Igreja Universal do Reino de Deus

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Faculdade de Filosofia, Letras e Artes da Universidade Federal do Paraná como requisito parcial à obtenção do grau de Mestre em Antropologia Social, sob a orientação da Prof.^a Dr.^a Sandra Jacqueline Stoll.

Curitiba
2006

Aquele que olha de fora através de uma janela aberta, não vê nunca tantas coisas quanto aquele que olha uma janela fechada. Não há objeto mais profundo, mais misterioso, mais fecundo, mais tenebroso, mais radiante do que uma janela iluminada por uma candeia. O que se pode ver à luz do sol é sempre menos interessante do que o que se passa por detrás de uma vidraça. Neste buraco negro ou luminoso vive a vida, sonha a vida, sofre a vida.

Charles Pierre Baudelaire.

A todas as pessoas que contribuíram, direta ou indiretamente, para a realização deste trabalho, com especial agradecimento àqueles que estiveram mais próximos durante a minha trajetória nesta instituição.

Primeiramente aos professores do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social e aos funcionários do Departamento de Antropologia. Especialmente aos professores: Dr.º Marcos Lanna, Dr.ª Ciméa Beviláqua, Dr.ª Christine Alencar Chaves, Dr.º Ricardo Cid Fernandes e Dr.ª Rosângela Digiovanni, que, por meio das disciplinas ofertadas, contribuíram para a minha formação profissional, e, também, pelo suporte financeiro do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social (PPGAS) às atividades que beneficiaram diretamente este trabalho, possibilitando minha participação na XXVII Reunião da ANPOCS (2003), IV RAM (2003) e na XXIV Reunião Brasileira de Antropologia (2004). À Capes pelo apoio representado por meio da concessão da bolsa de mestrado entre os anos de 2004 e 2005.

À professora Dr.ª Selma Baptista, agradeço a leitura atenta, rigorosa e polemizadora desde a sua primeira participação na minha banca de monografia e, depois, na banca de seleção de mestrado, tendo supervisionado meu estágio de docência na turma do quinto período em Ciências Sociais, no ano de 2004; integrou, também, a banca de qualificação e, finalmente, estava presente na banca examinadora desta dissertação. Da mesma forma, à professora Dr.ª Liliana Porto, integrante da banca de qualificação, agradeço as críticas e sugestões. Ao professor Dr.º Ronaldo de Almeida por ter aceitado o convite de integrar a banca examinadora desta dissertação.

Aos colegas de mestrado: Verediane Andrea Gautério da Rosa, Angela Kurovski, Daniele Figueiredo dos Santos, Ricardo de Campos Leinig, pela rica convivência que tivemos durante as disciplinas. E, especialmente, à Laura Jane Ribeiro Garbini (Laurinha), Flávia Lac, Judith Camilo dos Santos e Eliana do Pilar Rocha (Ane), Vanessa Moreira, aluna do mestrado de Sociologia, pelos laços de afeto e atenção que tiveram comigo antes, durante e após essa jornada.

À professora Dr.^a Mirian Adelman pela amizade, pelo reconhecimento do meu lado “etnográfico” quando proporcionou a mim, à Sabrina Lopes Bandeira (Sá) e à Emmanoelle Ajaimé (Manu) nossa primeira atividade enquanto profissionais de ciências sociais, por intermédio do projeto “Travestis, transsexuais e os outros: identidade e experiências de vida”, viabilizada pelo Núcleo de Estudos de Gênero da UFPR, em 2002.

Meu especial agradecimento às pessoas que se dispuseram a contar suas trajetórias de vida para a confecção deste trabalho. Aos adeptos e ex-adeptos da Igreja Universal do Reino de Deus o meu reconhecimento de que este texto é também produto da importância que eles atribuem à narrativa de suas crenças. Ao advogado, Dr.^o Francisco Machado de Jesus pela intermediação do encontro com os quatro ex-adeptos da Igreja Universal. Ao grupo de Jogadores Anônimos (JA) pela confiante convivência na explicitação pública dos seus sofrimentos por meio dos relatos compartilhados.

À minha amiga e arquiteta, Ana Cristina Motta de Camargo (Tina), que nos últimos quinze anos me acompanhou, me guardou e me estimulou para consolidação da pessoa que atualmente sou. Agradeço a minha amiga Luzinete Pereira (Lu) pela solidariedade, força e companheirismo com que divide a sua trajetória comigo. À Solange Fortunato Calabrese, vizinha, conselheira, amiga e cabeleireira que, entre um corte e outro de cabelo ou uma tonalidade de tinta, sempre escutou as minhas lamúrias com paciência me apontava o caminho correto para seguir. Ao amigo canadense de pátria mas brasileiro de coração, Pierre Lois Beranek, que em dez anos de amizade sempre me incentivou a seguir em frente e jamais desistir de viajar pelo universo do conhecimento.

À professora, Dr.^a Sandra Jacqueline Stoll, pela orientação acadêmica, mas também pelo exemplo, confiança, compreensão, dedicação e competência com que, pacientemente, desde os meus primeiros passos na formação profissional e no aprendizado da pesquisa, foi tornando possível a construção deste texto e da minha carreira profissional.

Durante o período de mestrado tive a alegria de conhecer Juliano Vos, que não apenas compreendeu o processo de pesquisa, mas ensinou-me, por meio das palavras de Roland Barthes, que “apesar das dificuldades de minha história, apesar dos mal-estares, das dúvidas, dos desesperos, apesar dos ímpetos de abandonar tudo, não paro de afirmar em mim mesmo o amor como um valor”.

Enfim, agradeço à Maria Savrassoff Oliveira (mamãe), Antônio Carlos Oliveira (papai), Antoninha Rosa Oliveira (vovó) e Widsley Anderson Oliveira (meu irmãozinho), parentes queridos, pela importância do suporte familiar e emocional desde sempre. A vocês, dedico este trabalho.

A circulação de dinheiro no interior da Igreja Universal do Reino de Deus (IURD) ocorre a partir de duas práticas: o dízimo e as ofertas. No âmbito da Teologia da Prosperidade (Mariano, 1999), o pagamento do dízimo e a “doação” das ofertas se constituem nas principais formas pelas quais os adeptos provam sua fé. Enquanto a prática do dízimo se configura, segundo Mônica Barros (1995), em uma relação de reciprocidade do adepto com o sagrado, a idéia do desafio se apresenta na prática da oferta. Esse desafio significa, para essa instituição religiosa, demonstração de fé do adepto ao “exigir” de Deus a concessão de bênçãos generosas de acordo com o grau de sacrifício financeiro feito e do risco por ele assumido ao ofertar determinada quantia de dinheiro durante os cultos. Pretendo neste trabalho evidenciar as motivações dos adeptos na participação desse jogo de “bênçãos sem medidas”, bem como a participação continuada na “aposta com Deus”. Demonstrando que é o modelo do jogo que organiza a prática da oferta pela qual são construídas as relações entre a Igreja Universal e seus adeptos.

Palavras-chaves: Igreja Universal do Reino de Deus; práticas monetárias; jogo; dízimo; ofertas.

The circulation of currency inside the Universal Church of the Kingdom of God (UCKG) occurs based on two practices: tithe and offerings. Within the sphere of the Theology of Prosperity (Mariano, 1999), the payment of tithe and the “donation” of offerings constitute the principal forms through which followers prove their faith. Whereas the practice of tithe is configured, according to Mônica Barros (1995), in a relation of reciprocity between the follower and the sacred, the concept of challenge presents itself in the practice of offerings. In this religious institution, challenge represents a demonstration of faith by the follower - “demanding” the concession of generous blessings from God in proportion to the level of financial sacrifice made and of the risk assumed by the amount of money offered during the cults. This essay work intends to bring into evidence the motivations for participating in this game of “blessings without limits”, as well as the followers’ continued participation in their “wagers with God”. Demonstrating that it is the model of the game that organizes the practice of the offer for the which the relationships are built between the Universal Church and their followers.

Word-key: monetary practices, game, tithe, meeting.

Apresentação.....	11
Introdução.....	15
1. Procedimentos da pesquisa de campo.....	22
2. A “reunião universal” no Reino de Deus: ritos e práticas econômicas.....	30
2.1 A “Catedral da Fé” em Curitiba.....	30
2.2 Fogueira Santa: Etnografia de uma reunião.....	35
2.3 O Calendário das ofertas na Igreja Universal.....	38
3. Leituras sobre as práticas econômicas <i>iurdianas</i>	46
3.1 Primeira leitura: Dinheiro & Mercado.....	48
3.2 Segunda leitura: Dinheiro & Sacrifício.....	53
3.3 Terceira leitura: Dinheiro & Posse – a bênção como “direito”.....	58
4. A “aposta com Deus”: o significado da oferta na prática dos adeptos.....	61
Considerações finais.....	91
Referência Bibliográficas.....	98

Tabela 1 - Calendário das campanhas promovidas pela Igreja Universal em 2005.....43

Tabela 2 - Contribuição financeira – maior ou menor que o dízimo.....67

Tabela 3 - Ofertas para a igreja, conforme faixa de renda, por denominação.....68

A revista *Veja*, em 3.11.1999, publicou uma reportagem *O milagre do caixa da Universal* onde levantava suspeita quanto à atuação da Igreja Universal do Reino de Deus (IURD), sugerindo que é preciso saber quanto de dinheiro circula pelos seus templos e o que é feito com ele. Os indicadores apontados pela reportagem visam impressionar a opinião pública. Entre eles estão a existência de dez mil templos construídos somente no Brasil; estima-se que o faturamento anual gire em torno de R\$ 2 bilhões; autuações do INSS são de R\$ 22 milhões pelo não recolhimento dos benefícios, dessa instituição, das pessoas que nela trabalham, o valor de R\$ 300 milhões sob forma de multa da Receita Federal por encontrar “furos inaceitáveis na contabilidade das empresas ligadas à igreja” (*Veja*: 3.11.1999).

No ano seguinte, o periódico *Gazeta do Povo* (10.9.2000), apresentou a matéria intitulada *Abrir uma igreja sai barato*, na qual mostra que com apenas trinta reais é possível abrir uma igreja em Curitiba. O baixo custo advém do fato de ser cobrado pela Prefeitura apenas o valor da emissão do alvará e do registro junto à Secretaria Municipal de Urbanismo (SMU). De acordo com a reportagem, a Constituição Federal isenta as igrejas do pagamento de impostos. Elas pagam apenas taxas municipais, tais como: licença para construção, alvará de funcionamento, taxas de serviço e iluminação pública. A Igreja Universal do Reino de Deus aparece citada nesta reportagem no quesito “cobrança de dízimo” por cobrar, segundo a reportagem, uma “quantia maior de dízimo e oferta, equivalente a um salário mínimo” (*Gazeta do Povo*: 10.9.2000). Este dinheiro arrecadado tem o objetivo, segundo a reportagem, de cobrir a manutenção dos templos, como pagamentos de água, luz e aluguel das igrejas pesquisadas, incluindo a IURD.

Segundo o bispo Edir Macedo (2000), no seu livro, *Vida com Abundância*, “o dinheiro, que é humano, deve ser a nossa participação, enquanto que o poder espiritual e os milagres, que são divinos, são a participação de Deus. Quem ganha com isso? Deus e você. Porque tendo sua renda aumentada você viverá mais tranqüilo e mais feliz, e Deus porque você trará mais à Sua igreja e Ele terá mais dinheiro para usar em favor de várias outras pessoas que estão necessitando de bênçãos” (pág. 52).

A prática da *oferta* realizada na Igreja Universal do Reino de Deus (IURD), objeto desta investigação, foi tema de uma pesquisa de campo realizada entre os anos 2000 e 2001 para a monografia de conclusão do curso de Ciências Sociais, nesta mesma universidade. Nessa época foi escolhido o culto da Terapia do Amor¹ para exercitar a observação participante. O que chamou a atenção, na ocasião, foram as práticas monetárias da Igreja Universal, tema que tem provocado polêmicas constantes na mídia e também suscitou alguns trabalhos acadêmicos (Prandi, 1996; Mariano, 1999; Oro, 1993). Em ambos os casos, conforme constatado, se prioriza a perspectiva institucional, sendo quase unânime a visão dos adeptos como massa de manobra, sujeita “inadvertidamente” aos apelos de contribuição financeira realizados por “pastores-ladrões”. Certamente as denúncias de extorsão apresentadas são fundamentadas, porém parece inadequada a caracterização dos adeptos simplesmente como atores passivos.

Este trabalho de conclusão de curso consistiu em apreender como as práticas monetárias do dízimo e da oferta eram realizadas e qual seu significado na ótica dos adeptos. Assisti e acompanhei programas veiculados no rádio e na TV, freqüentei as reuniões promovidas num dos templos da Igreja Universal em Curitiba e realizei entrevistas com alguns membros da instituição. Conversei com vinte e cinco, pessoas entre homens e mulheres, no final dos cultos da Igreja Universal, porém elas apenas reproduziram o discurso institucional sobre as práticas e o significado dos dízimos e das ofertas. Mudei, então, a estratégia: por intermédio de meu círculo de relações consegui realizar entrevistas e fazer observações sistemáticas sobre a prática de três mulheres freqüentadoras da Igreja Universal - uma diarista, uma cabeleireira e uma vendedora autônoma. Nos três meses de convivência com essas informantes, em meados de 2001, foi possível perceber formas distintas de comprometimento religioso: a diarista freqüentava a Igreja Universal aos domingos, levando seus filhos; a cabeleireira promovia reuniões de oração com a presença de um pastor no seu salão de beleza às quintas-feiras à noite; a vendedora autônoma, por sua vez, integrava o grupo de evangelistas da IURD, que realizava pregações nas ruas da cidade, nos hospitais e no interior do presídio e delegacias de polícia. Quanto à inserção no mercado de trabalho, as três informantes eram autônomas. Todas elas, além das ocupações descritas, exerciam outras atividades visando a complementação de renda. A diarista fazia as unhas das vizinhas aos sábados; a cabeleireira vendia compotas de

¹ No capítulo II será explicada a nomenclatura e a minha freqüência nos cultos realizados pela Igreja Universal.

doces no salão e a vendedora autônoma de “roupas de marca” representava, também, empresa de cosméticos.

Conforme relataram, elas retiravam apenas da renda principal o dinheiro para o pagamento do dízimo, entregando-o semanalmente à Igreja num dos cultos de fim de semana². Para fazer as ofertas elas utilizavam recursos de sua renda complementar e, quando não dispunham de dinheiro extra realizavam outras formas de sacrifício³, como por exemplo, a privação do tempo livre ou de alimentos; consideravam também como oferta os serviços prestados à igreja, dentre eles, a participação na limpeza dos banheiros e o engajamento em atividades institucionais.

Esses dados, diferentemente do que é sugerido pela mídia e alguns trabalhos acadêmicos, indicam que o adepto reinterpreta o discurso da oferta, na medida que nem sempre atende aos apelos institucionais doando seu dinheiro.

Pratica-se a oferta de outras formas, embora estas não sejam reconhecidas institucionalmente. Além disso, quando fazem doações, estas nem sempre são realizadas conforme prescreve a instituição.

A distinção entre fontes de renda das quais retiram o dízimo e as ofertas sugere que a resposta aos apelos constantes da igreja, por doações em dinheiro, não se dá de forma impulsiva, mas conforme uma racionalidade econômica que se opõe ao discurso da igreja sobre o modo como devem ser praticadas as doações: “Não dê o que você pode, mas o que vai fazer falta”, sugerem os pastores.

O presente trabalho pretende continuar nesta linha de investigação, problematizando como são construídas, por meio do modelo de jogo, as relações entre a Igreja Universal e os adeptos. Na introdução é apresentado como a IURD tem sido apresentada na mídia, especialmente na imprensa, no que se refere ao jogo de influências no campo político, visando vantagens econômicas. No Capítulo I são descritos os procedimentos e questões que envolveram a pesquisa de campo. No Capítulo II é apresentada uma etnografia das práticas econômicas da Igreja Universal, salientando sua inserção no ritual da instituição. Analisou-se no Capítulo III, como a literatura socioantropológica tem abordado a questão das práticas econômicas no campo religioso, a partir de estudos de caso sobre a Igreja Universal. No Capítulo IV é apresentada a etnografia realizada com os informantes, por meio das entrevistas que

² Essa prática não condiz, porém, com o preceito institucional, que sustenta ser o pagamento do dízimo correspondente a 10% do salário líquido.

³ A Igreja Universal define como sacrifício às doações financeiras “espontâneas”. Trataremos do tema com mais detalhes adiante.

denotam sua inserção nessa igreja, como também a participação deles na prática econômica da oferta. Nas considerações finais, é apresentada uma releitura do último capítulo a partir da teoria do jogo, procurando-se demonstrar a “manipulação” das regras estabelecidas tanto pela instituição quanto pelos adeptos.

“A mala de dinheiro fará os paralíticos levantarem,
os cegos enxergarem e os políticos trabalharem! (...) A mala de dinheiro garantirá carro com
chapa fria, assessores com costas quentes e dois recessos anuais remunerados! (...)
Uma mala de dinheiro nem precisa de alça, pois todos querem abraçar seu conteúdo. (...)”
PS.: Problema. Para cada mala de dinheiro, há milhões de carteiras vazias ...”

Fernando Bonassi.
(*Folha de São Paulo*, 12.7.2005)

Dentre os escândalos que pontuam a carreira do ex-funcionário da Loteria do Estado do Rio de Janeiro (Loterj), Edir Bezerra de Menezes, conhecido como “Bispo Macedo” o mais alardeado foi a temporada de onze dias que ele passou na cadeia em 1992, acusado de charlatanismo, estelionato, evasão de divisas, contrabando e curandeirismo. Apesar disso, ele continua comandando um império religioso e financeiro. Fundador da Igreja Universal do Reino de Deus (IURD) e líder carismático, o bispo Macedo administra, desde o final da década de 70, com mão de ferro os bens materiais e religiosos que se constituem numa verdadeira *holding*, sustentada, segundo Mariano (1999), pelos dízimos e ofertas provenientes dos adeptos. As acusações de extorsão, no entanto, não envolvem apenas a pessoa de Edir Macedo. Outros dirigentes dos mais altos escalões do poder eclesial da Igreja Universal também têm sido alvos de investigação policial nos últimos anos, seja por questões econômicas ou políticas.

Em 2005, o senador Marcelo Crivella (PFL/RJ), o deputado federal João Batista (ex-PFL/SP), juntamente com o então deputado federal Carlos Rodrigues (ex-PL/RJ) apareceram nas páginas dos jornais e nas imagens dos telejornais do País como personagens centrais de escândalos financeiros, nos quais a instituição religiosa à qual estão vinculados - a Igreja Universal - surge, não por coincidência, como beneficiária de operações ilegais.

A revista semanal *Isto É* denunciou-os com a seguinte manchete em maio de 2005: *As contas secretas da Igreja Universal*⁴. O subtítulo dessa matéria jornalística afirma ter havido desvio do dinheiro do dízimo pago pelos adeptos para

⁴ *As contas secretas da Igreja Universal*. Gilberto Nascimento, in *Isto É*: 25.5.2005.

paraísos fiscais e aponta o senador/bispo Marcelo Crivella⁵ como operador de um esquema de lavagem de dinheiro da igreja. A reportagem apresenta documentos com sua assinatura. Crivella aparece como um dos acionistas e diretor da Investholding Ltda, empresa localizada nas Ilhas Cayman, um paraíso fiscal britânico localizado no Caribe. Segundo a reportagem, a Procuradoria da República vinha investigando desde 1999 o envolvimento de líderes da Igreja Universal com essa empresa e a Cableinvest Limited, por meio das quais estes promovem desvios de dinheiro recolhido em seus templos no Brasil. O caminho da sonegação fiscal começa com a troca do dinheiro oriundo dos templos, isento de Imposto de Renda, por dólares que são enviados às duas empresas mencionadas, localizadas nas Ilhas Cayman. As transferências são feitas por meio de doleiros. Foram identificadas diversas operações de transferência de dinheiro entre as empresas Cableinvest e Investholding para nomes de religiosos e diretores de empresas da Igreja Universal. Dentre os beneficiários aparecem os nomes do deputado João Batista (ex-PFL/SP) e do, então, deputado federal Carlos Rodrigues (ex-PL/RJ).

Alguns meses mais tarde ocorreu outro escândalo envolvendo membros do clero da Igreja Universal. O personagem principal foi o deputado federal, ex-dirigente da Rede Record, bispo João Batista (ex-PFL/SP) e, coadjuvantes, o deputado estadual/pastor, George Hilton dos Santos Cecílio (PFL/MG), e o vereador/pastor de Belo Horizonte, Carlos Henrique da Silva (PL/MG), no dia 11 de julho de 2005. A Polícia Federal (PF) apreendeu no aeroporto de Brasília sete malas de dinheiro⁶ que estavam em poder do deputado João Batista num avião Citation 10, arrendado pela Igreja Universal por U\$ 90 mil mensais⁷. Essas malas estavam lotadas de cédulas de diversos valores, variando de R\$ 5,00 a R\$ 100,00. O dinheiro apreendido, no valor de 10,2 milhões de reais, foi contabilizado dias depois da contagem em máquinas (*Veja*, 20.7.2005). As malas possuíam papéis indicando diferentes cidades, dentre elas Belém do Pará (PA) e Brasília (DF). Em nota dirigida à

⁵ Ver Patrícia Birman (2003) a respeito da trajetória “exemplar” do bispo Marcelo Crivella no que diz respeito à imagem de homem, construída pela Universal.

⁶ Não se configura ilegalidade fiscal no Brasil portar uma quantidade expressiva de dinheiro, contanto que haja um documento comprovando a origem do mesmo. No caso das malas de dinheiro da Igreja Universal a apreensão de dinheiro se deu, segundo a reportagem da *Folha de S. Paulo* (12.7.2005), pelo fato de o documento, entregue pelo deputado aos agentes federais, ser uma declaração da Igreja Universal no qual afirma-se que as notas provinham de doação dos fiéis, não constando o valor transportado.

⁷ De acordo com a reportagem da *Folha de S. Paulo* (12.7.2005) o jato que transportava o dinheiro é considerado o avião comercial mais veloz do mundo, com capacidade para oito passageiros e custa cerca de 17 milhões de dólares.

imprensa, a Igreja Universal do Reino de Deus informou, de acordo com a reportagem da *Folha de São Paulo* (12.7.2005) que:

“o dinheiro apreendido ontem pela Polícia Federal no aeroporto de Brasília/DF, veio de **doações de fiéis** e seria usado no pagamento de impostos, de aluguéis, de empregados, contas de água, luz, telefone e para quitar a compra de imóveis e móveis. A matriz da instituição localiza-se em Santo Amaro (SP) e controla todos os pagamentos. Por essa razão, o dinheiro transportado no avião seria depositado em agências bancárias de São Paulo. O dinheiro foi doado no domingo [10 de julho] por fiéis, durante eventos realizados nos templos em comemoração ao 28.º aniversário da igreja. Todo o valor transportado para depósito em São Paulo era em moeda nacional, o que não caracteriza ato criminoso, sendo que teve origem comprovada e amparada pela Constituição. O deputado federal e bispo João Batista, e os demais bispos presentes no avião, portavam autorização expressa da igreja para transporte de dinheiro, inclusive com descrição da origem e finalidade dos valores” (destaque nosso).

Na mesma edição da revista *Veja*, o senador Marcelo Crivella (PFL/RJ) reiterou a nota oficial acrescentando dois detalhes. Segundo ele, 70% das notas que estavam nas malas eram de R\$ 5,00, R \$10,00 e R\$ 20,00; outros 25% seriam notas de R\$ 50,00 e apenas 5% em notas de R\$ 100,00. Quem estava transportando o dinheiro não era o deputado integrante do PFL, e sim um “presidente da igreja”. A preocupação do senador Crivella ao ressaltar o cargo eclesial do deputado João Batista na Igreja Universal era desvincular uma possível relação do dinheiro contido nas malas com o chamando escândalo do mensalão⁸. O mesmo motivo foi alegado pela cúpula nacional do PFL para afastar o deputado João Batista da legenda partidária (*Folha de S. Paulo*, 12.7.2005).

Dois dias após o incidente em Brasília, uma segunda apreensão da mesma ordem foi realizada pela Polícia Federal no aeroporto da Pampulha, em Belo Horizonte. A quantidade de dinheiro apreendida foi de 600 mil reais, que estavam em poder do deputado estadual/pastor, George Hilton dos Santos (PFL/MG), e do vereador/pastor Carlos Henrique da Silva (PL/MG). Eram “malas e caixas-arquivos de papelão, num total de 11 volumes, contando cheques e maços de dinheiro, em notas de diversos valores oriundo de **doações de fiéis** do sul de Minas [Gerais] e do Triângulo Mineiro” (*Folha de S. Paulo*, 14.7.2005) (destaque nosso). Ao contrário da Polícia Federal de Brasília, a PF de Belo Horizonte liberou estes dois políticos, não reteve o dinheiro, não contou quanto eles transportavam e não se informou sobre o

⁸ Um esquema supostamente arquitetado pelo governo petista pautado na “mesada” de R\$ 30 mil por mês aos deputados da base aliada do governo na Câmara dos Deputados, denunciado pelo ex-deputado carioca, Roberto Jeferson (PTB), ao jornal *Folha de S. Paulo* em 6.6.2004. A lista de beneficiados desse esquema corresponde aos saques realizados na conta do publicitário mineiro, Marcos Valério, nas agências do Banco Rural localizadas em Belo Horizonte e Brasília.

destino do dinheiro. De acordo com delegado responsável “o transportador não estava sendo alvo de investigação.” No caso anteriormente citado, segundo a reportagem da *Folha de S.Paulo* (12.7.2005), o deputado João Batista e o senador Marcelo Crivella respondem a inquéritos no Superior Tribunal de Justiça por suspeita de falsidade ideológica e crime contra o sistema tributário.

Esses episódios das “malas de dinheiro” incrementaram o rol das críticas de extorsão dirigidas pela imprensa à Igreja Universal. O colunista Fernando Bonassi, do jornal *Folha de S.Paulo* (12.7.2005), no mesmo dia em que foi divulgada a apreensão das sete malas em Brasília, afirmava o que segue: “para cada mala de dinheiro, há milhões de carteiras vazias”. A revista *Veja* (20.7.2005), por sua vez, noticiou os dois fatos ocorridos na semana anterior, relacionando-os ao “vigoroso e lucrativo empreendimento religioso que [Edir] Macedo administra a 28 anos”. Apresentava também uma relação patrimonial da Igreja Universal, que compreende editoras, jornais, emissoras de rádio, um canal de comunicação, uma empreiteira e uma financeira, além de 5 mil templos espalhados em oitenta países, por meio dos quais obtém uma receita anual de 3 bilhões de reais, oriunda da contribuição de cerca de 2,5 milhões de fiéis.

Um terceiro e último episódio importante de ser mencionado teve desfecho em 2005. Seu início, porém, ocorreu um ano antes, tendo sido assim descrito pela revista *Isto É*:

“Em uma sexta-feira 13 de um ano bissexto, uma maldição caiu sobre o PT: Waldomiro Diniz é flagrado extorquindo propinas de um bicheiro conhecido como Carlinhos Cachoeira quando presidia a Loterj, em 2002. O ex-braço-direito do ministro-chefe da Casa Civil, José Dirceu, nas relações do Planalto-Congresso, afundou o governo Lula em uma tormenta política sem precedentes para o bloco petista, que sempre desfilou ostentando a bandeira da ética.”

(*Isto É*: 25.2.2004).

O termo “maldição”, utilizado em função da conjunção entre o dia da semana, data e ano, sexta-feira, 13, de um ano bissexto – sugere ser um “infortúnio” - o que na realidade mais tarde viria a se revelar como a ponta de um “iceberg” de um imenso esquema de tráfico de influências por meio de propinas e compra de votos envolvendo membros da Igreja Universal e políticos de diversos partidos políticos, assim como do governo. O suposto feitiço - que provocou o primeiro arranhão na imagem ética do PT e do governo – assumiu, como se sabe, outro colorido meses mais tarde.

Conhecido nacionalmente como “caso Waldomiro Diniz”⁹, esse episódio, pouco tempo depois, foi retratado pela *Folha de S.Paulo*, em função da repercussão, como “tentáculos do caso Waldomiro”. Num total de seis, essas ramificações do caso resultaram em investigações da Polícia Federal e do Ministério Público e envolveram: [1] o abalo da imagem do então “superministro”, José Dirceu, e tentativa da oposição no Senado Federal de promover a “CPI dos Bingos”; [2] turbulência no mercado financeiro; [3] denúncias sobre o “esquema” de financiamento das campanhas do PT no Rio Grande do Sul; [4] investigação de denúncias sobre ligações de Waldomiro Diniz com o jogo clandestino; [5] edição da Medida Provisória de número 168¹⁰ pelo Presidente Luís Inácio Lula da Silva, numa sexta-feira pré-carnavalesca, proibindo o funcionamento de bingos e máquinas caça-níqueis em todo o País¹¹ (*Folha de S.Paulo*, 21.2.2004). Essa medida provisória veio como “resposta do Planalto” à sociedade, uma semana após a divulgação das reportagens sobre o “caso Waldomiro”, com o objetivo de demonstrar autoridade e controle da situação. O sexto e último tentáculo do caso Waldomiro, de acordo com a reportagem da *Folha de S.Paulo*, envolvia um “efeito dominó”: [6] acusado de ligação com Waldomiro Diniz e de participar de um esquema de arrecadação de 1 milhão de reais, por mês das casas de bingos e do desvio de 15 milhões de reais da Loterj¹² (Loteria do Estado do Rio de Janeiro) para campanhas eleitorais dos

⁹ A veiculação nacional da imagem de Waldomiro Diniz e “Carlinhos Cachoeira” apareceu pela primeira vez na edição do *Jornal Nacional*, em 12 de fevereiro de 2004. Foi editada em três quadros que seguiriam a seqüência da negociação, o conteúdo da mesma e a identificação dos personagens. Quanto ao conteúdo da fita de vídeo que fora divulgado pela revista *Isto É*, em 15 de fevereiro de 2004, apurou-se que a intenção de Carlinhos Cachoeira era que Waldomiro promovesse mudanças no edital de licitação, de forma a lhe assegurar o monopólio das loterias virtuais no estado. Waldomiro, além de garantir a “vitória” na referida licitação, ofereceu-lhe a oportunidade de reescrever o edital: “*Redige você*”. Carlinhos Cachoeira inicia neste ponto a conversa sobre “política”. Waldomiro pede R\$ 500 mil para os meses de agosto e setembro de 2002 como “doação” para as duas candidatas que estavam na disputa do governo do Estado do Rio, Rosinha Matheus (ex-PSB) e Benedita da Silva (PT). “Cachoeira” diz que “pode ajudar um pouco”. Acertaram o valor de R\$ 150 mil para cada uma das candidatas. O trecho final, em que ocorre o aperto de mão entre eles, contém o pedido de “comissão” sobre o negócio acertado. Waldomiro pede 1% do total para si pela mudança do edital de licitação da LOTERJ, ficando acertado que “Cachoeira” pagaria a Waldomiro R\$ 2,5 milhões e lhe repassaria 3% do faturamento da empresa.

¹⁰ A Medida Provisória 168 esteve em vigor no país durante três meses, sendo arquivada pelo Senado Federal no dia 6 de maio de 2004 (*Folha de S.Paulo*, 7.5.2004). Resultado: no âmbito federal s loterias e bingos de cartela estão autorizados a funcionar desde que regulamentados.

¹¹ Era intenção do governo, antes do “caso Waldomiro”, promover a estatização dos bingos. Na mensagem de abertura dos trabalhos legislativos do dia 16.2.2004, o Presidente Lula apresentou uma proposta de regularização dos bingos no Brasil: “a legalização prevê a obtenção e a disciplinação de fontes de recursos, como é o caso dos bingos, que permitam o governo financiar projetos de inclusão social” (*Folha de S.Paulo*, 21.2.2004).

¹² A Loterj é a maior fonte de recursos das ações sociais do governo do Rio de Janeiro. Por lei, 70% da sua arrecadação vai para a Vida Obra Social, que na gestão de Anthonny Garotinho, no governo estadual, recebeu R\$ 30 milhões da autarquia. (*Folha online*: 21.4.2004).

representantes da Igreja Universal, o bispo Carlos Alberto Rodrigues Pinto, conhecido como bispo Rodrigues¹³, foi afastado das funções eclesiais e da coordenação política dos seus interesses da Igreja Universal junto ao governo federal.

No dia 23 de fevereiro de 2004, o jornal *O Estado de S. Paulo* divulgou o afastamento do bispo Rodrigues¹⁴ seguindo-se à divulgação oficial do fato por parte da Igreja Universal durante o programa “Fala Que Eu Te Escuto”, na TV Record. Dizia o comunicado da Universal apresentado pela TV:

“O Conselho de Bispos da Igreja Universal do Reino de Deus, diante das últimas notícias envolvendo o nome do deputado, bispo Carlos Alberto Rodrigues, no chamado ‘Escândalo Waldomiro’, entre outros fatos, vem a público comunicar que o referido deputado foi afastado de suas funções de bispo da Igreja Universal e da coordenação política da bancada, não mais representando a igreja como porta-voz”.

O desligamento sumário desse dirigente da IURD antes do seu julgamento político no âmbito das CPIS¹⁵ reitera a postura moralizadora da Igreja Universal com relação à política. De acordo com Ari Pedro Oro (2003) esta e as demais igrejas pentecostais consideram a política campo de evangelização, se inserindo, por hora, com uma função moral. Afastamento exemplar, a Igreja Universal, no entanto, adotou posição dúbia ao não afastar também os demais envolvidos. Estes, por sua posição na hierarquia da Igreja, foram “preservados”.

¹³ Segundo apurou a reportagem da *Folha de S. Paulo*, Rodrigues conheceu Waldomiro em 1998, quando este era assessor do governador do Distrito Federal, Cristovam Buarque (PT). A partir daí suas relações se estreitaram: a esposa de Waldomiro trabalhou como chefe de gabinete do bispo Rodrigues por dois anos. Ela deixou o cargo em meados de 2001, para acompanhar o marido em mudança para o Rio de Janeiro, quando este foi nomeado presidente da Loterj. Na gestão de Waldomiro Diniz coube ao bispo Rodrigues indicar diretores administrativos e de operação da Loterj. Estes, porém, foram exonerados por Benedita da Silva (PT), em 2002, ao assumir o governo do Rio de Janeiro. Em 2003, com a eleição de Rosinha Matheus (PMDB) para o governo do Estado do Rio de Janeiro, o Bispo Rodrigues voltou a ter influência na Loterj, tendo indicado o presidente, o vice e o diretor administrativo da instituição. O afastamento de todos eles do cargo deu-se no dia seguinte ao afastamento do bispo Rodrigues da coordenação política da Igreja Universal do Reino de Deus.

¹⁴ A referência a Carlos Rodrigues neste trabalho corresponde ao período em que manteve o vínculo ministerial e político com a Igreja Universal do Reino de Deus.

¹⁵ A CPI dos Bingos foi instalada no dia 29.6.2005, com o objetivo de investigar a utilização de casas de bingos na prática de crimes de lavagem de dinheiro, a partir de denúncias do “caso Waldomiro Diniz”. A citação do ex-bispo/ex-deputado federal Carlos Rodrigues nessa comissão, ocorreu no dia 13.09.05, durante o depoimento da deputada estadual Cidinha Campos (PDT-RJ). De acordo com o que foi apurado pela *Folha de S. Paulo* (14.9.2005), ela relatou que um funcionário da Assembléia Estadual do Rio de Janeiro confirmou que Waldomiro Diniz e o ex-bispo Rodrigues coordenavam, em meados de 2001, o esquema de arrecadação de 1 milhão de reais por mês desviados da Loterj. O ex-bispo Rodrigues renunciou ao mandato de deputado federal no dia 12 de setembro de 2005 por ter o seu nome numa lista de beneficiados no chamado “escândalo do mensalão”. Rodrigues teria recebido R\$ 400 mil. Afirmou em reportagem à *Folha de S. Paulo* (13.9.2005) ter recebido R\$ 250 mil repassados pelo publicitário para quitar dívidas referentes ao segundo turno da campanha que elegeu Lula, em 2002. Finalizou, dizendo: “Minha vontade, hoje, é sair da vida pública”.

Essa seqüência de episódios envolvendo a Igreja Universal estimula a discussão sobre a sua inserção na vida social e política brasileira, alimentando uma polêmica que há anos se desenvolve na imprensa e no meio acadêmico quanto ao caráter ético de suas práticas religiosas e sociais¹⁶. Não é pretensão engrossar esse debate, mas chamar a atenção para um aspecto que pouco tem sido evidenciado: a prática do jogo como metáfora, que orienta a ação política da Igreja Universal, assim como a sua relação com os adeptos.

As matérias jornalísticas, mencionadas, evidenciam uma face da questão ao sugerirem que quando se trata da gerência e ampliação do patrimônio da igreja, os dirigentes da instituição são estimulados a participar do jogo econômico e político, inclusive driblando a fiscalização federal no que se refere às suas manobras financeiras. Ou seja, faz-se vista grossa às práticas que envolvem manipulação das regras do mercado financeiro e do campo político, quando se trata de defender interesses (financeiros e/ou políticos) da instituição e/ou de seus dirigentes.

Outro aspecto que pouco tem sido explorado na imprensa e nos estudos acadêmicos é o uso da metáfora do jogo na constituição das relações entre a Igreja Universal e os adeptos. A instituição inibe a prática dos jogos de azar e loterias mas, ao mesmo tempo, os envolve em práticas de “aposta com Deus”. Deixando as questões políticas de lado; é sobre estas últimas que trata o presente trabalho.

Será demonstrado por meio de análise da prática da oferta, os mecanismos pelos quais são construídas as relações entre os adeptos e a Igreja Universal. Diferentemente de Mariano (1999) e Gomes (1996), outras análises se concentram no discurso e práticas institucionais, chamando atenção para as estratégias de extorsão empregadas pela IURD, e este trabalho vai evidenciar as motivações dos adeptos para participar desse jogo de *bênçãos sem medidas*, bem como as estratégias utilizadas pela Igreja Universal de forma a garantir sua participação continuada na “aposta com Deus”. Ou seja, partindo do pressuposto que os adeptos são agentes ativos, será demonstrado que estes manipulam, reinterpretem, ressignificam o discurso e as práticas da Igreja Universal na medida em que delas participam. A hipótese é que a metáfora do jogo organiza, fundamenta e estrutura a relação entre igreja/adepto, lógica esta que supõe parceria, mobilizada pelo discurso da “aposta com Deus”.

¹⁶ A esse respeito veja-se: Almeida, 1996, 2003; Barros, 1995; Campos, 1999; Freston, 1996; Gomes, 1996; Mariano, 1999, 2002, 2003, 2004; Oro, 1993, 2001, 2003; Prandi, 1996.

1. Procedimentos da pesquisa de campo

“Na verdade, não há receita para se conhecer as pessoas. (...) Há um período inicial de perplexidade, pode-se até dizer de desespero, mas se perseverarmos, a coisa passa”.

Sir. Edward Evans-Pritchard.

Entendendo por metodologia a construção teórica do objeto, e não a descrição das técnicas de pesquisa, neste capítulo pretende-se abordar como esse objeto de pesquisa – a prática econômica da oferta na Igreja Universal do Reino de Deus – foi analisada por estudiosos do tema. Ricardo Mariano (1999) é responsável pela associação da Igreja Universal à chamada Teologia da Prosperidade, cuja característica fundamental é o desvinculamento da ética puritana. A Teologia da Prosperidade “subverte radicalmente o velho ascetismo pentecostal. Promete prosperidade material, poder terreno, redenção da pobreza nesta vida. Ademais, segundo ela, a pobreza significa falta de fé, algo que desqualifica qualquer postulante à salvação” (Mariano, 1999; pág.159). Assumindo uma nova “ética”, esta postula que “só não é próspero financeiramente, saudável e feliz nessa vida quem carece de fé, não cumpre o que diz a Bíblia a respeito das promessas divinas e está envolvido, direta ou indiretamente, com o Diabo. A posse, a aquisição e exibição de bens, a saúde em boas condições e a vida sem maiores problemas ou aflições são apresentados como provas da espiritualidade do fiel” (Mariano, 1999; pág. 157). Além disso, confere centralidade à coleta financeira. Retomando estudos que analisaram primeiramente o campo pentecostal, Mariano (2002) aponta a identificação deste com o surgimento de algo até então “novo” no cenário religioso brasileiro: “o início da transformação de pequenas seitas pentecostais, desorganizadas e pouco estruturadas em **empresas de fato**” (pág. 116; grifo nosso). Suas análise, como a maioria das demais não é isenta de críticas quanto à postura “capitalista” dos seus dirigentes, por se acreditar que estes impõem aos adeptos práticas de comercialismo e mercantilismo agressivos (Mariano, 2002; pág. 116). Ricardo Mariano (2002) sugere que a contundência dessas análises não se dissocia do contexto

de sua produção: a maioria delas data do período em que no Brasil estes intelectuais eram simpatizantes e até defensores da Teologia da Libertação; esse é o período de implantação das Comunidades Eclesiais de Bases (Ceb's) entre as camadas populares, como também emergentes dos partidos políticos de esquerda.

Coadjuvante, no processo de investigação e crítica dos métodos de arrecadação das igrejas “de crente”, é a imprensa. Segundo o autor, desde os anos de 1960 vêm se somando denúncias ao chamado “pentecostalismo de cura divina”, acusados de curandeirismo, mercantilista e charlatanismo (Mariano, 2002; pág. 115).

Nos anos de 1990 a conquista de um maior espaço na mídia pela Igreja Universal, a partir da compra da Rede Record de Televisão, redundou em aumento das denúncias (sob investigação federal) envolvendo práticas de extorsão e atitudes “impensadas” por parte dos adeptos que ofertam dinheiro, por vezes, de maneira desmedida. Alguns trabalhos voltaram-se para a investigação dos atuais métodos de arrecadação dessa igreja neopentecostal (Oro, 1993; Gomes, 1996). Ricardo Mariano (2002) apresenta os motivos para tanto alarde no cenário nacional a respeito das práticas da Igreja Universal:

“Incomoda e desafia, por seu crescimento e poder econômico, grupos religiosos e empresariais concorrentes. Causa perplexidade pela voracidade com que arrecada e pressiona os fiéis a ofertarem. Surpreende pela competência na aplicação de recursos denominacionais em negócios e empreendimentos extra-religiosos. Estarrece por buscar, de modo irrefreável e por meios heterodoxos, lucro e enriquecimento.” (pág.120).

Houve uma focalização das discussões acadêmicas nas práticas econômicas efetuadas pela Igreja Universal, assim como ocorre na mídia, que as analisa a partir de uma única ótica: a exploração financeira. Se há exploradores, há explorados. Mariano (2002) entende que a mídia tende a uma “noção de vitimização” dos adeptos, sustenta que os adeptos da IURD seriam “vítimas indefesas da exploração descarada dos espertalhões, interessados em dinheiro” (pág. 125). Ricardo Marino (2002) adverte que este “sentimento, subjetivo por natureza (...) não pode ser tomado como critério objetivo e incontestado (...)” (pág. 125). No entanto, se a questão for analisada apenas do ponto de vista do adepto o autor aponta para o “risco que se corre em considerar unilateralmente a motivação do fiel sem considerar os interesses e ambições econômicos e políticos dos mediadores do poder divino” (Mariano, 2002; pág. 130). Para o autor, a visão de mundo do adepto em realizar a obrigação bíblica do dízimo e das ofertas tende a “reproduzir, em maior ou menor grau, as doutrinas e justificativas apresentadas pela cúpula eclesiástica” (pág. 130). Mais adiante, o

próprio autor fornece a sua visão sobre a coleta de dinheiro no interior dos templos “iurdianos”:

“Fiéis e clientes são ensinados, induzidos e admoestados a estabelecer compromisso financeiro, tanto faz se mais ou menos duradouro, para a manutenção e expansão da igreja como primordial de obter o retorno divino.” (pág. 133).

Essa concepção tende a minimizar a atuação dos adeptos, na medida que sua atuação é analisada da perspectiva do discurso, não se considerando suas práticas, por vezes, divergentes em relação às prescrições institucionais. Em geral, os estudos limitam-se à apreensão do comportamento do adepto no contexto ritual. Esta pesquisa etnográfica privilegia as práticas dos adeptos, embora o discurso dos pastores seja dirigido a toda uma assembléia os indivíduos absorvem, reinterpretem e ressignificam em parte ou todo o discurso.

O processo de pesquisa de campo na Igreja Universal praticamente estendeu-se durante todo o ano de 2005. Houve participação em quinze reuniões promovidas pela igreja na Catedral da Fé¹⁷, no centro de Curitiba. Foi acompanhada a programação veiculada no rádio e na televisão. Foram produzidas entrevistas dentro e fora da igreja.

As entrevistas com os adeptos foram realizadas em duas etapas. Na primeira, foi possível ter acesso apenas a duas informantes que freqüenta a Catedral da Fé em Curitiba. Para tanto, primeiramente, foi necessário obter autorização do pastor estadual, Edson Costa, fosse para realizar as observações no interior dos cultos na Catedral da Fé, fosse para entrevistar os adeptos. Essa solicitação foi feita por Ester, obreira da igreja desde 1997, alegando que somente com a autorização expressa do pastor ela poderia dar a entrevista, como também indicar outras pessoas conhecidas. O pastor Edson, falou, juntamente com Éster, após a reunião das 15h00 da Corrente dos Filhos de Deus do dia 8 de dezembro de 2004, autorizou a realização da entrevista e, também, da pesquisa. Entrei em contato com algumas pessoas então minha rede de relações para obter as entrevistas dirigidas. Quando telefonava, falava do interesse em saber a trajetória religiosa que os levou até a Universal, acrescentando que havia uma autorização do pastor para que elas colaborassem. Não surtiu efeito algum. As recusas se sucederam, motivadas por problemas pessoais e/ou do cotidiano, como timidez, indisponibilidade de tempo, problemas de saúde e falta de interesse em

¹⁷ Esta igreja é a sede estadual da Igreja Universal no Estado do Paraná. Será melhor explicado no capítulo seguinte.

colaborar com o trabalho. Ficou claro que sem a intermediação de membros da igreja não seria possível conversar com as pessoas fora da igreja. Ao todo foram oito que se recusaram a dar entrevistas num primeiro momento. Buscou-se a esfera institucional em meados de março de 2005 e soubemos que a direção nacional da Universal havia designado o pastor Edson para o interior do Estado um mês antes. Tentamos uma nova autorização para prosseguir a pesquisa. Tal como Mônica Barros (1995) em seu trabalho de campo, num dos templos da Igreja Universal em Belo Horizonte, em 1992, observou-se um quadro de “semi”, ou total, hostilidade (Barros, 1995; pág. 10).

Fora do ambiente da Catedral foi possível realizar três entrevistas: o pai de uma colega de faculdade e duas mulheres conhecidas de meu namorado, Juliano Wos. As outras entrevistas foram com pessoas que se encontram desligadas da igreja há dez anos. Ao todo foram quatro ex-membros entrevistados, que hoje pertencem a outras igrejas de cunho neopentecostal.

Nesse período ocorreu o episódio das malas de dinheiro mencionado na introdução. Numa das reuniões, em julho de 2005, o novo pastor estadual comentou o fato, alegando que era uma manobra do governo Lula para desviar a atenção da imprensa e da opinião pública sobre o escândalo do mensalão. Explicou que quando era pastor numa cidade pequena do interior da Bahia, ia depositar o dinheiro recolhido nas reuniões e passava por situações constrangedoras como, por exemplo, os comentários “maldosos” do gerente do banco: “O culto foi bom hoje, hein pastor?”. Este tipo de comentário, segundo seu relato, levou a direção geral da Igreja a optar por transportar o dinheiro em malas e aviões fretados, evitando desta forma chamar a atenção das pessoas quanto ao volume de dinheiro movimentado, como também assegurar o depósito na conta bancária da IURD, localizada no município de Santo André (SP).

Na avaliação dos adeptos, em 2005, o caso, por exemplo, do montante de 10,2 milhões de reais encontrados nas sete malas em poder do bispo/deputado federal João Batista, segundo cinco dos informantes, constituía procedimento normal e corriqueiro. Já os freqüentadores da Igreja Universal condenaram, ainda que sem alarde, procedimentos que escapam ao que está “escrito na Bíblia”.

Continuar a pesquisa de campo nesse momento tornou-se mais difícil. A resistência dos adeptos em falar sobre dinheiro, de modo geral, se acentuou.

A solução foi entrevistar ex-adeptos da Igreja Universal, em especial ex-pastores, os quais, por seu conhecimento dos meandros da instituição e por estarem desligados dela, forneceram dados importantes sobre as práticas monetárias da IURD, sobre seus ganhos pessoais quando eram pastores desta e sua visão da “aposta com Deus”.

O conjunto de informantes da Igreja Universal compreende dez pessoas, sendo cinco homens e cinco mulheres. A média de idade varia entre 40 e 60 anos, e fora desta faixa etária havia uma informante com 15 anos e outra com 24. Estas eram as únicas solteiras, as demais são pessoas casadas (sete ao todo) e uma viúva. A maioria delas (seis pessoas) possui ou está no 3.º grau; as demais (quatro pessoas) têm apenas o 1.º grau completo. Quanto à participação nas atividades da igreja, todas as mulheres que entrevistei estavam freqüentando as reuniões regularmente e apenas um dos homens era membro regular, os demais informantes masculinos (quatro deles) eram ex-adeptos. Todos eles são geradores de renda e contribuem para manutenção da casa e da família. Oito informantes trabalhavam e apenas duas mulheres eram aposentadas.

Os motivos que os levaram a procurar a Igreja Universal envolvem a busca de “solução” para problemas de doença na família e deles próprios em situações diárias como, por exemplo, a indisciplina dos alunos; a reestruturação da vida sentimental e financeira. Houve os que disseram ter como motivação a manutenção da obra de Deus.

Quanto à participação nas práticas monetárias da Igreja Universal todos alegaram que são ou que foram fiéis na obrigação do dízimo, entretanto, nenhum deles falou com quanto contribuía. Alguns disseram que retiravam o dízimo dos rendimentos mensais, outros dos rendimentos semanais. O dinheiro para o dízimo é dado de acordo com as prescrições da instituição: “deve-se retirar 10% de tudo o que passar pela sua mão.” Nenhuma das mulheres disse o valor monetário de suas contribuições para o dízimo e para a oferta. Alegaram que faziam o que os pastores diziam. Em relação aos homens, também ocorreu o mesmo: não disseram o quanto doavam como dízimo.

Em relação às ofertas a maioria dizia que ofertava a quantia que tinha no bolso no momento da reunião ou, então, quando podiam. Apenas um ex-adepto contou que ofertava sempre a maior nota que tinha no bolso e que numa Fogueira Santa o valor do seu sacrifício foi uma carta de crédito que hoje valeria em

torno de 20 mil reais. Outro adepto disse que levava para as reuniões uma oferta preparada: nesta eram doados 5 reais retirados do seu salário mensal. No que se refere aos valores do sacrifício da Fogueira Santa, todos disseram ofertar o mínimo estipulado pela instituição. Estes valores eram obtidos por meio da retirada do próprio salário ou, também, por meio da venda de CDs, livros e doação de relógio e jóias.

As práticas econômicas no campo religioso sofrem os mesmos constrangimentos morais que aquelas ligadas aos jogos de azar. Na tentativa de se compreender as motivações e a dinâmica da prática da aposta, entre os adeptos da Igreja Universal com jogadores, foi feita uma investigação, em caráter exploratório. Existem vários lugares públicos de jogo. Alguns deles foram identificados num passeio a pé pelo centro da cidade de Curitiba, como partidas de dama e xadrez entre os idosos do Passeio Público; venda de bilhetes de loteria; do jogo do bicho numa quadra da Rua XV de Novembro e o carteadado nas imediações da sede da central dos Correios. Há, ainda, lugares privados onde se realiza a prática da aposta, como: casas lotéricas, que oferecem tanto modalidades oficiais de jogo como Tele Sena, Mega-Sena, Loto, Loteca, Rospadinha, como também o jogo do bicho e as máquinas caça-níqueis. Identificamos também, corridas de cavalo e casas de bingo.

A pesquisa em casas de bingo foi, porém, inviabilizada por questões políticas. O governador do Estado, Roberto Requião (PMDB), ao assumir o cargo em 2003, revogou uma resolução estadual que regulamentava os bingos fechando quarenta e dois estabelecimentos por meio de determinação governamental¹⁸. Pesquisando na internet e em periódicos da Biblioteca Pública do Estado do Paraná foi descoberto então a existência de um grupo de pessoas que tinha a prática do jogo como experiência comum. Eles deram entrevistas sobre suas práticas monetárias envolvendo o jogo por serem ex-jogadores. Isto é, devido à prática da aposta em jogos de azar eram membros de um grupo de Jogadores Anônimos¹⁹. A exemplo dos outros grupos de auto-ajuda, como os Alcoólicos Anônimos (AA), sua finalidade é a de promover a recuperação de pessoas que possuem compulsão²⁰ pelo jogo. Um

¹⁸ O secretário de Segurança Pública do Paraná, Luiz Fernando Dellazari, em artigo publicado no jornal *Folha de S. Paulo* (2.3.2004) apresenta argumentos que endossam o debate: “nossa luta não se restringe à periferia dos bingos ou dos caça-níqueis. Pretendemos desmascarar o crime organizado”.

¹⁹ Este grupo se define como uma “irmandade de milhares de homens e mulheres que se uniram para fazer algo a respeito de seus problemas de jogo e para ajudar outros jogadores compulsivos a fazer o mesmo”. In: www.jogadoresanonimos.org.br

²⁰ A literatura disponível no site desta organização define a compulsão pelo jogo como uma “*enfermidade emocional que nunca pode ser curada, porém, detida no dia-a-dia (...) a aceitação da doença e sua natureza progressiva é vital para que nos recuperemos e regressemos a uma vida normal (...)*”. A recuperação buscada por parte destas pessoas é da cura da “doença” que as retira da vida normal”. Sendo que a recuperação não ocorre de forma imediata, e sim, tem que ser “evitada”

programa de recuperação de doze passos, tal como o AA, organiza o trabalho. As reuniões²¹ são semanais e são realizadas geralmente na região central da cidade, durando cerca de uma hora, à noite. Não é cobrada frequência, muito menos algum tipo de contribuição financeira. O JA não está associado a qualquer seita, denominação religiosa, partido político, organização ou instituição estatal²²; “não almeja envolver-se em qualquer controvérsia, nem endossa ou se opõe a qualquer causa”, disseram.

Com membros desse grupo presenciamos a 7.^a Reunião Nacional de Jogadores Anônimos, realizada em 31 de janeiro e 1.^o de fevereiro de 2004, em Cajamar, no Estado de São Paulo²³. Foram realizadas entrevistas, nessa reunião, com dois homens e uma mulher, todos residentes no Estado de São Paulo. Outras sete entrevistas foram realizadas com os frequentadores do Grupo de Jogadores Anônimos de Curitiba. Ao todo foram dez entrevistas com ex-jogadores, sendo apenas uma com mulher que apostava no jogo do bicho.

As mesmas dificuldades de pesquisa encontradas entre os adeptos da Universal houve, também, entre os jogadores, até conseguir chegar aos Jogadores Compulsivos. Participantes desse grupo de recuperação do vício do jogo, ao contrário daqueles que estão em atividade, se dispuseram a conversar sobre o seu passado; como se envolveram com o jogo (bingo, carteados, etc); como conseguiam dinheiro para jogar; qual o destino dado à renda do jogo, motivações para continuar jogando²⁴, estratégias adotadas na realização das apostas, etc.

Segundo os relatos obtidos, de uma maneira geral o jogador, quando chega ao Grupo de Anônimos está no fundo do poço. Ou seja, está com a vida

diariamente, conforme um dos informantes disse.

²¹ A coordenação é realizada pelos frequentadores que se encontram há mais tempo no grupo, sendo composta por um (1) coordenador-geral, um (1) tesoureiro, uma (1) relações públicas. O período de permanência nestes cargos é de um ano.

²² O grupo deve ser auto-suficiente financeiramente, não devendo aceitar doações. Por isso eles compram com o dinheiro que está disponível no “caixa”, que é suprido por doações dos próprios membros.

²³ Nessa reunião foram estabelecidas as diretrizes que iriam servir de suporte para a eleição do comitê nacional, realizada em julho de 2004. Também se discutiu as normas para um contrato social para a abertura de uma conta bancária em nome desse comitê.

²⁴ Ao todo aconteceram de nove reuniões dos Jogadores Anônimos de Curitiba, entre dezembro de 2003 e março de 2004. Os encontros ocorriam em dois locais do centro, sempre às 19h30; às terças-feiras na Av. Marechal Floriano, 250, numa sala do 3.^o andar do prédio do Centro Regional de Especialidade (CRE-PR), cedido pela Secretaria Estadual de Saúde; às sextas-feiras, numa sala da paróquia da Igreja Bom Jesus, na Rua 24 de maio, 94. Reúnem-se ali outro “grupos de anônimos” como os Alcoólicos (AA), Narcóticos (NA), Familiares de Narcóticos (NARCA), Mulheres que Amam Demais (MADA) e os Dependentes de Sexo (DASA). Houve participação, também, em uma reunião com os familiares no JOG-ANON, na sala ao lado das reuniões de terças-feiras e participação em um churrasco de confraternização de fim de ano, em 2003.

financeira, emocional e familiar sem controle, em consequência do jogo. A maioria dos informantes era formada por homens, cinco deles com idade entre 30 e 50 anos, muitos já com família constituída; possuíam empregos estáveis, sendo, portanto, provedores de seus lares; os outros dois ex-jogadores tinham 23 e 29 anos. Estavam morando na casa dos pais e estavam cursando a Faculdade de Direito e Faculdade de Turismo, respectivamente. Foram obtidas obter apenas três entrevistas com mulheres provedoras de seus lares, sendo duas ex-jogadoras: de bingo, máquinas caça-níqueis e vídeobingo, e a outra fazia sua fezinha no jogo do bicho. Dois dos entrevistados possuíam o 3.º grau completo e os demais o 2.º grau completo. Com exceção do jovem de 29 anos, que no momento da pesquisa não estava trabalhando, todos os outros entrevistados possuíam fonte de renda fixa, sendo um aposentado.

O discurso moral sobre a utilização do dinheiro numa prática religiosa e a realização da prática social do jogo tratada enquanto vício esteve presente na fala dos entrevistados, mas não é o mesmo nos dois casos. A questão moral é um tema inexplorado, que poderia ser objeto de uma outra investigação, mais adiante.

2. A “reunião universal” no Reino de Deus: ritos e práticas econômicas

“A graça de Deus pode ser compreendida como uma relação bilateral. A iniciativa é de Deus, mas é necessária a aceitação por parte do homem para que essa relação se complete. A aceitação da graça, por um lado, se dá pela fé, e exige **renúncia**, dedicação, obediência e **sacrifícios**”.(grifo nosso)

Bispo Edir Macedo.

Esta epígrafe sugere a concepção de “graça divina” segundo a lógica da dádiva (Mauss, [1925] 2003), formulação que emoldura também os discursos sobre a oferta: “Tenha fé. Oferte aquilo que você não pode dar, mas dá”. Isso porque, segundo o bispo Edir Macedo (2000), “a fé exige riscos”. “Antes de dar a oferta exalte Jesus. (...) Agora ele te dá. Dê a oferta que expresse o seu máximo, tudo, o melhor” (pág. 40).

O objetivo deste capítulo é descrever, por meio da etnografia, como se promove a circulação do dinheiro nas reuniões da Igreja Universal, principalmente as práticas monetárias da oferta. Pretende-se demonstrar as estratégias utilizadas pela IURD no sentido de ampliar o número de pessoas envolvidas e de ofertas ao longo do ano. Dentre as práticas e os rituais em questão analisou-se em especial: (1) as correntes; (2) as campanhas; e a (3) Fogueira Santa de Israel.

2.1 A Catedral da Fé em Curitiba

Dentre tantas igrejas da IURD, localizadas em Curitiba e região metropolitana, foi escolhida para a pesquisa de campo a sede regional, conhecida por Catedral da Fé. Tal escolha se deve a sua estratégica localização. Encontra-se na esquina da Avenida Desembargador Westphalen com a Rua 24 de Maio, no centro de Curitiba, estando a uma quadra da maior praça da cidade, a Rui Barbosa, ponto de embarque e desembarque de quase toda a frota de ônibus da cidade, principalmente os

que vão para a região sul, a mais populosa. Esta possui a Livraria Cultura Evangélica, uma loja de artigos religiosos onde se pode encontrar desde canecas com passagens célebres da vida de Jesus até CDs de música gospel. Também há o acervo das obras escritas pelos bispos da Universal, como Edir Macedo e também do ex-bispo e ex-deputado federal, Carlos Rodrigues. Estima-se que a Catedral da Fé comporte de cinco a sete mil pessoas numa única reunião, segundo uma informante. Com isso se pode ter uma idéia da grandiosidade e imponência de sua construção arquitetônica. Uma escada de oito a dez degraus, aproximadamente, leva à entrada central que é de vidro fumê. Abrem-se três portas, normalmente é a porta do lado direito que fica aberta. Existe um corrimão que divide a escada e ao lado desta há duas colunas em dourado (uma de cada lado), as quais dão a impressão de estarem sustentando o templo. Acima destas colunas, em dourado, há uma fachada cinza iluminada, e com dizeres em dourado “Jesus Cristo é o Senhor. Igreja Universal do Reino de Deus”. Acima dessa fachada há vários vidros em azul-celeste, também iluminados, sob uma construção que mais parece uma capelinha, uma igrejinha católica do interior, só que com requinte, muito moderna e arrojada na sua arquitetura. Justamente nesta entrada, que dá acesso à porta principal do templo, ficam alguns homens e mulheres bem-vestidos, bem-alinhados, que são, na sua maioria, auxiliares de pastores ou, eventualmente, obreiros.

Os cultos na Catedral da Fé acontecem de segunda a sexta-feira nos seguintes horários: 8h00, 10h00, 12h00, 15h00, 19h30 e, apenas, na segunda-feira às 21h00. Aos sábados às 8h00, 15h00 e 19h00. Nos domingos às 7h30, 10h00, 15h00 e 18h00.

Na Igreja Universal cada dia da semana é dedicado a um tema, uma corrente²⁵. O calendário semanal das correntes constitui-se em: segunda-feira é dia da Corrente da Prosperidade. A reunião começa às 19h30 e tem uma hora de duração; as orações se voltam para as pessoas que estão com a vida financeira em ruínas. Às 21h00, nesse mesmo dia, se promove a reunião denominada “Nação dos 318 Homens de Deus”. Esta é específica para os que não estão prosperando nos seus negócios, conforme anunciado nas chamadas dos programas de televisão; às terças-feiras acontece a Corrente da Saúde, conhecida como Reunião do Descarrego. As orações desta reunião são destinadas à cura de enfermidades. A reunião da Corrente dos Filhos de Deus realizada às quartas-feiras; nesse culto se aprende que as pessoas sejam

²⁵ Paul Freston (1996) identifica a prática da “corrente” como uma contrapartida da prática católica das novenas (pág.138).

fortalecidas pelo Espírito Santo, renovando, assim, sua vida espiritual. A Corrente da Família ocorre às quintas-feiras, destinando-se à solução de problemas no âmbito doméstico, em que se enfatiza os filhos drogados, maridos alcoólatras, esposas com depressão, desavenças conjugais, etc. A Corrente da Libertação acontece às sextas-feiras; esta corrente é “exclusivamente dedicada à expulsão do demônio que foi colocado através da macumba, na sua vida, pra te destruir”²⁶. Aos sábados, no período da manhã, realiza-se a reunião do Jejum das Causas Impossíveis, para a qual são convocadas pessoas que têm problemas envolvendo dívidas que não conseguem pagar ou processos na Justiça que se encontram parados; Sábados à noite, tem lugar a Corrente da Terapia do Amor, na qual as orações são dirigidas à vida sentimental. Nestas reuniões acontecem os casamentos e as “firmações de noivado” perante a comunidade. Aos domingos realiza-se o Grande Encontro com Deus – o dia do Senhor. Esta é uma reunião que convoca todos a agradecer e louvar a Deus por todas as “vitórias” alcançadas, visando, como a reunião das quartas-feiras, renovar a vida espiritual²⁷.

As correntes diárias na Igreja Universal envolvem quatro temas fundamentais: prosperidade, família, saúde e libertação. Esses temas servem de suporte para o conteúdo programático durante o período de uma semana. O imaginário que se desenha envolve o combate contra forças externas – miséria, desemprego, vícios, angústias e possessões demoníacas – que se acredita serem empecilhos à prosperidade de seus adeptos. Como cita Campos (1999) as correntes na Igreja Universal são “atividades que obedecem a um calendário semanal uniforme e fixo” (pág. 145). Já para a antropóloga Patrícia Birman (2003) uma corrente é “uma cadeia de pedidos de milagres e de exorcismos que vincula pessoas de dentro e de fora da Igreja” (pág. 243).

Como outros pesquisadores que se dedicaram ao estudo da IURD, foi observado que a ênfase dos dirigentes se concentra no tema da prosperidade (Mariano, 1999, 2002, 2003, 2004; Oro, 1996, 2001; Freston, 1996; Campos, 1999). A observação desta pesquisa no período noturno (cultos das 19h30 e 21h00), em especial nos cultos de prosperidade, se deve ao fato de ser estas as reuniões em que a

²⁶ Frase do pastor Carlos durante a reunião dessa corrente no dia 11.12.04. A utilização deste termo pela doutrina *iurdiana* refere-se à solução de uma situação conflituosa, cuja causa se dá pela presença do *demônio*. O fiel liberta-se do mal que está impedindo-o de prosperar financeiramente, por exemplo.

²⁷ Segundo relatos dos informantes, essas duas reuniões (Domingo e Quarta-feira) são consideradas obrigatórias para o membro da IURD, pois fortalecem e renovam os seus laços com Deus.

questão econômica é enfatizada, além de ser aquela que concentra o maior número de participação de público.

Com base nesse pressuposto, o repertório de dados deste trabalho foi estabelecido a partir de alguns critérios de observação adotados nas reuniões promovidas pela Igreja Universal. O primeiro critério estabelecido foi observar durante os cultos como era realizada a coleta de dinheiro, por meio das solicitações de dízimo e ofertas; o segundo consistia em registrar os valores sugeridos pelo pastor. Foi presenciadas quatorze reuniões. Deste total, apenas em duas não houve solicitação de dinheiro²⁸. Numa dessas reuniões, porém, foram distribuídos envelopes de oferta com valores sugeridos de R\$ 50 a R\$ 1.000,00 para serem entregues na semana seguinte. Nas demais reuniões apenas em duas foram solicitadas a entrega do envelope do dízimo; em seis reuniões foram encaminhados pedidos de oferta²⁹; e em duas reuniões foram entregues os envelopes da Fogueira Santa. O pastor havia distribuído anteriormente os envelopes da Fogueira Santa a serem entregues no altar como forma de sacrifício. Os valores sugeridos neste caso variavam de 100 mil reais até o valor mínimo de 300 reais, valor correspondente ao salário mínimo na época.

Além dos cultos na Catedral da Fé, assistimos à programação da Igreja Universal veiculada pela filial da TV Bandeirantes e acompanhamos programas radiofônicos na Rádio Atalaia (AM). As seguintes atividades foram promovidas pela instituição durante a pesquisa e realizadas no espaço da Catedral da Fé. Três campanhas: uma realizada às terças-feiras, a “Campanha da Tenda da Purificação”; a “Campanha do Tribunal da Justiça”, realizada às segundas-feiras e a “Vigília para as Três Primeiras Sextas-feiras do Ano”; duas reuniões especiais voltadas à bênção dos dizimistas, duas reuniões da cerimônia da “Santa Ceia”, quando houve distribuição de pedaços de pão juntamente com copinhos que continham suco de uva representando a Última Ceia de Cristo com os apóstolos, e uma Campanha Mundial da “Fogueira Santa de Israel”. Além da distribuição de objetos materiais referentes ao tema das reuniões, tais como: canetas, incensos, pacotinhos de sal abençoados, rosas vermelhas,

²⁸ Foram nas reuniões do dia 8 de dezembro de 2004, no culto Filhos de Deus, às 15h00, e, também, no dia 3 de janeiro de 2005, segunda-feira, correspondente à Corrente da Prosperidade.

²⁹ As reuniões em que houve recolhimento de dízimo foram: Reunião dos Filhos de Deus, 1.º/dez/2004; Reunião da Libertação, 3/dez./2004, ambas realizadas às 20h00; e Reunião da Prosperidade, 17/jan./2005, às 21h00. Entrega dos envelopes do “sacrifício” da Fogueira Santa: Reuniões da Prosperidade, nos horários das 19h00 e 21h00, do dia 10 de janeiro de 2005. As reuniões em que houve solicitação da oferta: Reunião do Descarrego, na terça-feira, 30/nov./2004; Reunião dos Filhos de Deus, domingo, 5/dez./2004; Reunião da Prosperidade, segunda-feira, 6/dez./2004; Reunião dos Filhos de Deus, quarta-feira, 8/dez./2004, às 20h00; Reunião do Descarrego, terça-feira, 4/jan./2005; e em duas reuniões que compõem a Corrente da Prosperidade do dia 17/jan./2005, nos horários das 19h00 e 21h00.

medalhas onde se via a inscrição “Honra ao Dizimista”, folhas com dizeres bíblicos; a unção com um óleo que continha, segundo os pastores, pó de ouro e prata e a entrega dos envelopes destinado aos dízimos e ofertas.

As campanhas, segundo o sociólogo Leonildo Campos (1999), são “atividades sazonais realizadas conforme as exigências e circunstâncias adaptadas às condições locais de aplicação. As ‘campanhas’ duram vários dias, geralmente uma semana, e nem sempre atingem a todos os templos locais. Porém, no período de sua vigência, os seus temas e retóricas prevalecem sobre as ‘correntes’. Na verdade, as campanhas se sucedem sem interrupção ao longo do ano, pois “termina uma e geralmente começa-se outra” (Campos, 1999; pág. 145). Durante o período desta pesquisa houve campanhas que duraram, em média, dois meses, tendo como tema um dos quatro símbolos-chave do seu imaginário: saúde, prosperidade, família e libertação.

As campanhas, como as demais atividades desenvolvidas pela instituição têm sua divulgação na mídia local por meio dos programas veiculados no rádio e na televisão. A utilização desses veículos de propaganda tem se mostrado eficiente no que se refere à ampliação da Igreja Universal no espaço público (Birman, 2003). Os veículos midiáticos são fundamentais para divulgação das atividades proselitistas da igreja, constituindo, segundo Birman (2003), uma forma de compartilhamento de projetos na medida que os adeptos são incluídos numa espécie de “projeto coletivo”. Os programas veiculados pela mídia televisiva incitam formas diversas de participação. Os pastores incentivam os telespectadores para participarem dos cultos³⁰. Também se pede que os telespectadores, que procuram os pastores por telefone, os encontrem na Catedral da Fé, antes e após a reunião. Durante as ligações telefônicas para o programa de TV as pessoas expõem os problemas que as afligem. Em seguida, o pastor fornece um diagnóstico do problema e como solução faz um “convite” ao telespectador(a) para que vá assistir uma reunião da Igreja Universal. Caso a pessoa quisesse ter resultados efetivos, diz ele, ela deveria “tomar uma atitude” indo a uma das reuniões na Catedral da Fé, pois, “quando a pessoa quer vencer, faz por onde”. Este “convite” pode ser lido como o primeiro desafio promovido pela Igreja Universal, pois em geral esses telespectadores residem em bairros afastados do centro da cidade, (como Tatuquara, Pinherinho, Monte Castelo³¹) e/ou são adeptos de

³⁰ Dos programas vistos, apenas um homem participou dessa forma de programa da IURD na televisão. Na maioria foram mulheres, cujos problemas giravam em torno da família, como o casamento, filhos e desemprego.

³¹ Bairro localizado na cidade de Colombo, Região Metropolitana de Curitiba.

outra religião. O outro tipo de desafio, o da Fogueira Santa, de âmbito mundial, é descrito a seguir.

2.2 Fogueira Santa: Etnografia de uma reunião

A Campanha Mundial da Fogueira Santa de Israel - Na Fé de Gideão, realizada entre os meses de dezembro de 2004 e janeiro de 2005, mobilizou os adeptos dessa igreja localizados nos cinco continentes³² por intermédio de programas na mídia local. O chamado período de fogueira santa se estende por quarenta dias, sendo realizado duas vezes por ano: uma fogueira santa se realiza entre os meses de dezembro e janeiro; a outra entre junho e julho. A Fogueira Santa consiste numa releitura de episódios bíblicos que envolvem sacrifícios a Deus. Os seus temas também variam. A Fogueira Santa realizada durante esta pesquisa teve como tema o personagem bíblico Gideão, que (cf. Livro dos Juízes) conseguiu salvar Israel de um povo inimigo, os medianitas. Antes de ganhar a batalha, ele ofereceu um cabrito a Deus, que pediu então o sacrifício do segundo boi do seu rebanho. O sacrifício do segundo boi é reinterpretado como doação especial, ou seja, a melhor oferta na época, o valor mínimo estipulado era de R\$ 300,00 (trezentos reais). A entrega dos envelopes com estes valores é realizada somente na Catedral da Fé, numa reunião específica³³ para este fim, que neste caso se deu no dia 10 de janeiro de 2004. A essa prática de oferta se somavam outras, realizadas diariamente nos cultos. No caso da Fogueira Santa o que muda é o volume de dinheiro doado: enquanto na Fogueira Santa há um valor mínimo estipulado, as demais ofertas são consideradas “espontâneas”, proporcionais ao que se pede a Deus.

Essa é uma formulação recente do calendário pela Igreja Universal. Isso porque, segundo dois informantes, uma obreira e um ex-bispo, as Campanhas da Fogueira Santa ocorriam de quatro a seis vezes por ano até meados de 2000, juntamente com as caravanas dos adeptos que acompanhavam os bispos rumo a Israel.

³² A respeito da expansão territorial da Igreja Universal, ver os artigos presentes em Oro, Corten & Dozon, (org.) 2003.

³³ No período da pesquisa foi acompanhado uma edição da *Fogueira Santa*, que ocorreu de 5 de dezembro de 2004 até 10 de janeiro de 2005. A data para a finalização deste evento foi definida pela Igreja Universal a partir da passagem do Livro de Êxodo 12,1-3: “E falou o Senhor a Moisés e a Arão na terra do Egito, dizendo: Este mês vos será o primeiro dos meses do ano. Falai a toda a congregação de Israel, dizendo: Aos dez deste mês, tome cada um para si um cordeiro, segundo as casas dos pais, um cordeiro para cada casa”.

A permanência de duas campanhas foi determinada pelo Bispo Edir Macedo, de acordo com o ex-bispo Jonas, devido à intensificação dos conflitos entre palestinos e judeus na região do Oriente Médio. Os adeptos, por sua vez, não mais iriam acompanhar essa jornada. Segundo a obreira Ester, apenas os obreiros das catedrais, e não dos demais templos, escolhidos por meio de sorteios, é que viajam com os bispos para Israel.

O interesse na prática diária das ofertas tem por objetivo apreender como é promovida a arrecadação de dinheiro na Igreja Universal, tendo em vista não apenas as estratégias da igreja, mas também as motivações e formas de participação desse processo por parte dos adeptos. A participação nos cultos visa apreender o discurso e as práticas da Igreja Universal, que são temas deste capítulo. A resposta dos adeptos não se resume, porém, aos seus gestos observados no âmbito do ritual. Mas constituíram o ponto de partida para o projeto deste trabalho.

A primeira participação na reunião da Igreja Universal foi em companhia de uma informante. Na terça-feira, 30 de novembro de 2004, nos encontramos num café da cidade. Permanecemos no local por umas duas horas e seguimos, então, para a reunião das 20h00 na Catedral da Fé, onde ela desempenha a função de obreira. O templo estava tomado pelos fiéis, que se encontravam sentados. Havia várias pessoas com roupas brancas andando pelos três corredores da igreja. Neste momento, os adeptos estavam respondendo ao convite do pastor, se situando no lado direito do altar, para que passassem por um corredor, ocupados por pessoas de branco, postando-se, em seguida, por dentro de uma tenda branca colocada sobre o altar. Ester, a informante, explicou que estas pessoas eram os obreiros, pastores, auxiliares e, também, os convertidos à Universal, que vieram das religiões afro-brasileiras, sendo denominados como “ex-pais e mães de encosto”. A presença dessas pessoas na Campanha da Purificação, na Corrente da Saúde se deve à sua posição de liderança e executores das práticas mágicas na umbanda, candomblé e quimbanda. Esse envolvimento dos adeptos com a religião afro-brasileira é frequentemente caracterizada no discurso da instituição como sendo a origem dos males na vida da pessoa (Almeida, 1996). A presença destes “especialistas” nesta reunião destinada à cura dos males espirituais possui valoração positiva, na medida que eles conhecem os mecanismos para a produção do mal, segundo a Igreja Universal, pois sendo conhecedores das fórmulas e dos mecanismos que produzem o “mal” eles podem realizar um “trabalho” contrário, de “libertação”.

Fomos as primeiras a passar sob a tenda. Como chegamos, à reunião, atrasadas uns vinte minutos, nos dirigimos imediatamente até o altar. Ester disse que eu “precisava viver a experiência”. Estavam entregando um incenso para cada pessoa e “impondo as mãos” sobre nossas cabeças durante o trajeto. Somente as luzes que iluminavam a tenda estavam acesas, as demais estavam apagadas. O pastor “ordenava” constantemente que o “mal” saísse dos corpos dos “caídos”. Os auxiliares de pastores incitavam as manifestações de algumas entidades do candomblé e da umbanda, como os exus, caboclos e orixás. Enquanto as pessoas passavam, houve quatro “manifestações” em mulheres. Esse processo durou cerca de quarenta minutos. Ao final todos cantaram um hino que evocava a vitória daqueles que acreditam na possibilidade da mudança, para serem “vencedores” e assim poderem “tomar posse das bênçãos”.

Nos vinte e cinco minutos seguintes, o pastor explicou dois procedimentos da Campanha da Tenda da Purificação. Para tanto foi entregue aos presentes uma espécie de miniatura da tenda que se encontrava no altar. Era feita de papel branco, dobrada em três partes, representando, segundo eles, a casa do fiel. O propósito dessa campanha aqui se explica: a entrega dessa tenda, no dia 14 de dezembro de 2004, deveria ser realizada juntamente com os nomes dos familiares que estão com problemas ou, então, daqueles que não estão com problemas para que continuem sendo abençoados. Em seguida passou-se à leitura dos Salmos 91, 27 e 13, com demonstração no altar das situações representadas para cada um deles. O primeiro, Salmo 91, vem a ser o salmo referente à libertação. Conforme disse o pastor, esse salmo representa “a segurança daquele que se refugia em Deus”. Segundo ele, o fiel que se liberta da sua relação com os encostos encontra auxílio e refúgio em Deus. O segundo, Salmo 27, corresponde à “guerra” que o fiel enfrenta no cotidiano para poder vencer. Já o Salmo 13 significa a angústia da não-presença de Deus em sua vida. O pedido de oferta ocorreu neste momento, sendo apresentado como solução de problemas. O fiel deveria ofertar um valor em dinheiro de acordo com o número do Salmo impresso no envelope, juntamente com a tenda e os nomes dos familiares. Caso sua identificação fosse com o Salmo da libertação, sua oferta deveria ser de R\$ 91, por exemplo. A informante pegou o envelope que continha impresso o Salmo 13. Questionada sobre quando iria trazer a oferta, respondeu que iria trazer no período determinado pelo pastor, mas não no valor correspondente ao número do Salmo.

A reunião estava por ser finalizada quando o pastor pediu para que alguns obreiros se posicionassem na saída do templo com os alforjes de veludo vermelho para que os fiéis pudessem fazer uma oferta que representasse o final do mês de novembro e o início de um dezembro abençoado. Os valores sugeridos pelo pastor foram de R\$ 500, R\$ 300 e R\$ 10. Ester pegou uma moeda de sua bolsa e segurou-a na mão. Após a bênção final, nos dirigimos até uma das obreiras que nos disse: “que o mês de novembro vá embora, para que dezembro venha nos abençoar”. Inquirida sobre qual foi o valor da sua oferta, Éster disse que fora de R\$ 0,50 e, acrescentou, que hoje ela tinha esse valor, se noutro dia tivesse R\$ 100, iria ofertar.

2.3 O Calendário das ofertas na Igreja Universal

As práticas monetárias na Igreja Universal são de dois tipos: os dízimos e as ofertas. No que diz respeito ao dízimo, os pastores explicam que é um dever do verdadeiro cristão cumprir suas obrigações para com Deus. A prática do dízimo implica, segundo o discurso da igreja, o reconhecimento do senhorio de Deus sobre todas as coisas. Ou seja, quando alguém dá o dízimo na Igreja Universal, significa reconhecer que Deus é o Senhor não só da vida, mas de tudo o que nela se produz. Segundo o bispo Edir Macedo (2000), os 100% pertencem totalmente a Deus e quando o fiel “devolve” apenas os dez por cento de seu salário líquido, está “assumindo o privilégio de poder usar os outros 90% (...) consagrados, santificados, que o homem adquiriu” (pág. 68).

A entrega do dízimo é feita, pelos fiéis, semanal ou mensalmente em envelopes específicos. Neste se encontra impressa uma passagem bíblica: “Trazei todos os dízimos à casa do Tesouro, para que haja mantimento na minha casa” (cf. ML 3,8-11), e a sugestão: 10%.

As ofertas, por sua vez, são concebidas como um instrumento por meio do qual o fiel se aproxima de Deus na busca de solução para problemas da vida cotidiana. Esta exige sacrifício por parte do adepto. Como identifica Ricardo Mariano (1999), a lógica da oferta envolve reinterpretação do exemplo bíblico: Deus ofertou o seu próprio filho para a salvação da humanidade como expressão máxima de amor (pág. 153). No discurso dos pastores da Universal, a “oferta perfeita” é aquela

realizada por Deus. Ele dá 100%. As ofertas financeiras efetuadas pelos adeptos devem ter o mesmo sentido. Quando a pessoa entrega uma oferta, está repetindo, simbolicamente, de acordo com o discurso institucional, o que Deus fez ao doar parte de si (seu Filho à humanidade). É assim que o Bispo Macedo (2000) interpreta o texto bíblico – o sacrifício de Cristo – ressignificando-o. Segundo afirma, consta na Bíblia “que Jesus deu o seu sangue para salvar a humanidade. O sangue de Jesus é Ele mesmo, Sua vida, Seu sacrifício” (pág. 21). Na busca de solução para os problemas cotidianos, Macedo afirma que os homens devem repetir a medida do gesto divino: “costumo afirmar que o dinheiro é o sangue da Igreja, pois carrega consigo partes das vidas das pessoas - tempo, suor, inteligência e esforço para ser conseguido” (pág. 21). Ou seja, se Deus deu aos homens parte de si, estes devem ofertar aquilo que lhes é mais caro: o dinheiro.

Os envelopes da oferta são um postal simples. Podem ser entregues juntamente com o envelope do dízimo ou, quando não se tem o envelope, são mantidas escondidas entre as mãos do fiel até o momento de entregar, quando o valor em questão é colocado num alforje de veludo vermelho.

A prática do dízimo, assim como as ofertas, ocorrem diariamente. Foram verificados três momentos em que o dinheiro aparece mencionado sob forma de dízimo e ofertas. Nos dez minutos iniciais ocorre a entrega, por parte dos fiéis, dos envelopes do dízimo e/ou das ofertas, ou seja, este momento também pode ser colocado como coleta dos mesmos por parte da instituição. O segundo momento acontece após a explicação do significado do dízimo e entrega dos envelopes pelos obreiros, ou, após a sessão de exorcismo, seguida de explicação sobre o significado das ofertas. O terceiro momento ocorre por volta dos vinte minutos finais, os quais os pedidos das ofertas são acompanhados de entrega de envelopes para que sejam devolvidos com dinheiro dentro do prazo estabelecido pelos pastores.

A estrutura ritual em que as práticas do dízimo e da oferta ocorrem é sempre a mesma: as reuniões começam com a entrada pontual do pastor ou do bispo e todos se levantam. Este entra cantando uma música bem lenta que atinge o seu auge no refrão, quando então todos cantam acompanhando o pastor³⁴, que canta muito alto. Logo em seguida ocorre uma aclamação para evocar a presença de Deus no local. As pessoas estão com olhos fechados e as mãos no coração orando em voz alta e, na maioria das vezes, repetindo o que o pastor fala.

³⁴ Foi colocado apenas o pastor como o condutor das reuniões, apesar de algumas reuniões, consideradas especiais, como as da libertação, terem sido ministradas pelo Bispo Renato Maduro.

Com todos, ainda em pé, o pastor pede àqueles que tenham qualquer envelope que o leve até o altar. Os envelopes são recolhidos e colocados numa sacola de veludo vermelho pelos pastores que estão auxiliando na reunião. É nos dez minutos iniciais que se faz o recolhimento dos envelopes. Terminada a coleta, a sacola é colocada atrás do púlpito, de onde é retirada somente quando todas as pessoas estão de olhos fechados, orando a Deus. Novamente a música, extremamente alta e animada, é conduzida pelo pastor.

Após o canto, o pastor explica o significado do dízimo: “esta é a maneira de você ser fiel a Deus. Ser um fiel dizimista é devolver a Deus o que ele tem te dado de bom na sua vida, seja a sua boa saúde, a sua prosperidade nos negócios, a sua família está abençoada”.

Não se doa, porém, sem receber algo. As pessoas que vão até o altar para entregar ou pegar os envelopes não saem sem receber algo em troca, seja uma bênção com o óleo ungido³⁵ na cabeça ou na palma da mão, ou, então se a pessoa não ofertou ou não “dizimou” nada, ela pode se levantar e pegar a Folha Universal.

O exercício da fé, na interpretação da Igreja Universal, implica a lógica da reciprocidade: as bênçãos divinas exigem retribuição (cf. Mauss, [1925] 2003). Esta não envolve, porém, apenas bens materiais, mas dinheiro especialmente. Em troca da “graça” ou “benção” divina o fiel oferece a fé, que se traduz, como na epígrafe enunciada na abertura deste trabalho, por meio de “renúncia, dedicação, obediência e sacrifícios”.

Os exorcismos acontecem quando o pastor pergunta quem tem algum tipo de problema. Então, pede à pessoa para ir até o altar para que ele, juntamente com os obreiros, façam uma oração forte para retirar o mal que está na vida da pessoa (Almeida, 2003). As manifestações do demônio, como são chamadas, ocorrem nesse momento, que é o ponto máximo de comoção entre o público. A reunião dura quase meia hora, com o pastor pronunciando palavras para expulsar o mal. As pessoas permanecem com a mão no coração e/ou na cabeça também orando alto. Os indivíduos que se manifestam de maneira mais expansiva são levados até o altar e ali permanecem até segunda ordem do pastor. O demônio deve ser expulso, mesmo que venha a demorar um pouco mais³⁶.

³⁵ Significa a unção do Espírito Santo como sinal de santificação.

³⁶ Na reunião da libertação, Bispo Renato Maduro expulsou o que ele classificou como o *chefe dos demônios*. As pessoas olhavam fixamente para o que acontecia em cima do altar. Quando o Bispo Renato Maduro conseguiu expulsar o “Exu da Morte”, foi uma comoção geral. As pessoas não paravam de “aplaudir a Jesus” e, em decorrência deste ato, houve um maior número de pessoas que se

O pastor continua a pregar. Ele afirma “que só depende de você para a solução dos problemas que estão acontecendo na sua vida. O mal foi colocado na sua vida por meio da macumba e para você tirar este mal, você tem que crer no Deus que irá fazer o milagre na sua vida, não importam os meios”. Em seguida, o pastor exorta os participantes a determinar suas vidas nos passos de Jesus. Acontece uma aclamação para que seja “tudo entregue a ti Senhor³⁷”.

Segue-se o momento de solicitação de ofertas. A vinte minutos do término da reunião, o pastor recorre a algum versículo ou passagem da bíblia para que legitime esse pedido. Afirma-se que as ofertas são o desafio que o fiel em Deus tem para vencer. Ou seja: se o fiel tem fé e vive segundo as escrituras sagradas, tendo a certeza que Deus está presente na sua vida, não tem razão para não aceitar o desafio de trazer à igreja a oferta no valor estipulado, na ocasião, pelo pastor. Esta pode ser de R\$ 5.000,00 ou de R\$ 0,50. “Não importa o valor, e sim, a aceitação do desafio da oferta”.

O desafio que se exige do adepto corresponde a um comprometimento dimensionado por doações em valores de dinheiro. Deve-se assumir riscos como demonstração de fé e crença num Deus que pode abençoar muito mais. A lógica aqui se diferencia da promessa católica. Aqui ela condiciona o pagamento ao atendimento da súplica (Mariano, 1999). Nesse caso Deus é “desafiado” recebendo a “oferta” do adepto antes do recebimento da bênção. Com essa concepção de risco assumido pelo fiel, Edir Macedo coloca-o na posição de credor de Deus, coagindo-o a retribuir na mesma medida. Ricardo Mariano (1999) afirma que esse risco é ilusório. Na ótica daqueles que aceitam o desafio não há risco nenhum, pela razão de que Deus não pode deixar de honrar suas promessas. Essa certeza da retribuição por parte de Deus se encontra no discurso dos pastores que afirmam ser os desafios, investimentos seguros e rentáveis (pág.170).

Aqueles que aceitam o desafio durante as reuniões se levantam e caminham em direção ao altar, em sinal de comprometimento público. Para os valores menores, por exemplo, ofertas até R\$ 10,00 se oferecem em troca CD, bíblia ou um livro. As ofertas de R\$ 5,00 ou qualquer moeda eram trocadas pelo jornal Folha Universal.

dirigiu ao altar para pegar os envelopes das *ofertas*, cujos valores estabelecidos pelo Bispo foram de 100 reais a 500 reais.

³⁷ Frase dita pelo Bispo Renato Maduro na reunião de quarta-feira na Corrente dos Filhos de Deus, no dia 8/dez./2004.

Outro detalhe com relação ao pedido das ofertas é que as quantias solicitadas são determinadas pelos pastores de acordo com a quantidade de pessoas presente na reunião. Ou seja, os valores de R\$ 10.000,00 a R\$ 5.000,00 são solicitados quando a igreja está completamente lotada, como nas reuniões da Vigília dos Empresários, do Jejum das Causas Impossíveis e do Grande Encontro com o Senhor. As ofertas de R\$ 100,00 são solicitadas quando a igreja tem menor participação de público, como aconteceu na reunião da Corrente da Família, quando somente metade das poltronas da igreja estavam ocupadas. Em compensação os pedidos por ofertas não cessam até chegar a solicitação de “qualquer moedinha que estiver no seu bolso.”

Justamente na solicitação das ofertas os pastores soltam a imaginação na elaboração de estratégias que assegurem a arrecadação financeira. Na reunião transcrita acima, a estratégia utilizada foi o estabelecimento de valores monetários por analogia ao número do Salmo - libertação: R\$ 91,00; guerra: R\$ 27,00; angústia: R\$ 13,00 - com o valor monetário a ser ofertado pelo adepto na semana seguinte. São três situações que remetem ao imaginário de combate, luta e vitória presente na teologia iurdiana (Almeida, 1996; Barros, 1995; Mariano, 1999; Campos, 1999). Os pastores instigam os adeptos a lutarem contra as investidas do demônio reconhecido nos infortúnios do cotidiano. “Pare de sofrer”. Com essa frase afirmativa e autoritária o adepto encontra templos sempre abertos com pastores e obreiros dispostos a mostrar o caminho que leva a aquisição das bênçãos prometidas por Deus. No entanto, isso tem um custo; pago com o sangue doado pelos adeptos: as contribuições financeiras.

Essas práticas diárias se desenvolvem em torno das campanhas, cuja temática é definida a cada dois meses. No caso aqui apresentado, o tema em pauta era a saúde, apresentada como Campanha da Tenda da Purificação. Sua identificação na Catedral da Fé se deu pela montagem de uma grande tenda branca no meio altar.

A cada dois meses esses temas se renovam e, como já mencionado, se inserem numa campanha mais ampla realizada entre os meses de dezembro e janeiro e os meses de junho e julho de cada ano. São as chamadas Fogueiras Santas. Cada Fogueira Santa dura cerca de quarenta dias. Este é um evento fixo que ocorre a cada seis meses. Sua representação se dá por meio da instalação no altar de uma fogueira de pedra representando a fogueira em Israel, local para o qual serão levados para queimar os pedidos de adeptos de todo o mundo. Segundo Birman (2003), a

Fogueira de Israel segue o seguinte modelo: “mobiliza esforços e dinheiro de seus fiéis para promover um ritual que é, ao mesmo tempo, uma cerimônia religiosa, um espetáculo midiático, um momento final de uma peregrinação e a realização de uma espécie de potlacht para os meios reais e virtuais” (pág. 243). A autora descreve como é realizado o ritual da Fogueira Santa:

“(…) A participação dos fiéis se fazia mediante uma dádiva em dinheiro contra um envelope com pedidos de milagre, que era levado em peregrinação pelos bispos da Igreja à Terra Santa para serem ‘queimados’ numa cerimônia ritual, feita pelos dignatários da Igreja. Por intermédio desta fogueira, arderam envelopes (sem dinheiro, suponho) com pedidos dos fiéis, resultado do esforço somado, envelope por envelope, de milhares de fiéis numa cerimônia realizada em Jerusalém, centro de peregrinação mundial”(pág. 243-244).

Os eventos nos templos da Igreja Universal são temporariamente demarcados; realizados em cenários sobre o altar representando cada tema da campanha. No intervalo entre as Fogueiras Santas ocorrem as campanhas locais. Graficamente podemos representar o calendário ritual da Igreja Universal como segue:

Tabela 1: Calendário das Campanhas promovidas pela Igreja Universal em 2005

Dez./Jan.	Fev.	Mar.	Abr.	Mai	Jun.	Jul.	Agos.	Set.	Out.	Nov	Dez./Jan.
Campanha Fogueira Santa de Israel	Campanhas locais				Campanha Fogueira Santa de Israel	Campanhas locais				Campanha Fogueira Santa de Israel	
	Campanha do Tribunal de Justiça	Campanha do Saquitel de Deus*		Campanha das Loucuras da Fé*		Campanha da Tenda da Purificação					

*Essas campanhas foram acompanhadas apenas pela programação veiculada na rede local de televisão.

Na Tabela 1 temos o calendário das atividades que ocorreram ao longo do ano de 2005. Podemos considerar o período de um ano de atividades realizadas pela Igreja Universal a partir do estabelecimento da Campanha da Fogueira Santa, que marca a passagem de um ano a outro (dezembro/janeiro), envolvendo toda a congregação espalhada pelo mundo, a cada seis meses; no intervalo entre cada Fogueira Santa (de quatro meses) ocorrem as campanhas locais, cujas temáticas se revezam a cada dois meses. Temos assim, o calendário de atividades da Igreja Universal caracterizada por dois eventos semestrais, as Fogueiras Santas, e quatro campanhas monotemáticas realizadas no período “entre Fogueiras”. A partir desta

articulação entre temas e campanhas realizadas no interior dos templos dessa igreja, ao longo dos dias, é possível uma combinação variada de símbolos e imagens pertencentes à doutrina iurdiana ser divulgada aos quatro ventos pelos seus dirigentes através da mídia. Segundo Patrícia Birman (2003) essa articulação não acontece apenas entre os temas mas, sobretudo, nos rituais desenvolvidos diariamente, envolvendo dirigentes e frequentadores permanentes e eventuais numa “integração progressiva e contínua” (pág. 243). Forma-se, então, uma corrente cujos elos correspondem a essa integração entre os agentes religiosos e os adeptos, rumo à apoteose final: ao evento da Campanha Mundial da Fogueira Santa. Birman (2003) argumenta que a importância destes eventos integrados (as reuniões, campanhas e fogueira santa) se dá na medida em que “são eles que recebem as demandas mediadas por seus membros e as integram num circuito que é também de natureza midiática. Os rituais, que se encadearam até a apoteose final da queima dos envelopes em Israel, fazem da mídia um elemento entre outros para que a realização seja bem-sucedida” (Birman, 2003; pág. 244).

A prática da oferta enquanto instrumento de mediação com o plano do sagrado para “receber” a “bênção” de Deus, permanece a mesma. A sugestão dada, a partir da elaboração do calendário de atividades da Igreja Universal, é que existem duas modalidades de ofertas, ou duas modalidades de “apostar com Deus” – a “oferta perfeita” e a “melhor oferta”. O que as diferenciam são os valores fixados com critérios distintos conforme o tipo de campanha. Na Campanha da Purificação, por exemplo, que antecedeu à Fogueira Santa, Ester, a informante, ofertou R\$ 0,50 no final da reunião e pegou um envelope com o número do Salmo 13 referente à angústia da não-presença de Deus. Disse, no entanto, que não ofertaria o valor de R\$ 13,00, e sim, um valor inferior ao estabelecido pela instituição. A combinação destes Salmos (91/libertação; 27/guerra; 13/angústia) corresponde à tríade da teologia iurdiana Diabo-guerra-Deus (Barros, 1995), na medida que articula o rompimento com uma situação de sofrimento “libertação”; a forma de combate contra os problemas do cotidiano, gerados pelo causador dos males e infortúnios (o diabo); a busca da presença de Deus (ausência de angústia), ao mesmo tempo em que legitima o pedido de oferta desta campanha (pela purificação), além de articular as relações entre dirigentes e adeptos no âmbito ritual. Esta foi sua “melhor oferta” no momento da reunião. Para participar da Campanha da Fogueira Santa o valor mínimo estipulado

pela instituição é de R\$ 300,00 (um salário mínimo à época). Esta é concebida como “oferta perfeita”.

Veremos mais adiante como os adeptos realizam a prática de suas “melhores ofertas” e “oferta perfeita”. No próximo capítulo vamos retomar as leituras sócioantropológicas realizadas sobre as práticas econômicas na Igreja Universal.

3. Leituras sobre as práticas econômicas *iurdianas*

“É impossível não haver retorno espiritual e financeiro para o ofertante quando sua oferta está de acordo com a vontade de Deus”.

Bispo Edir Macedo.

Durante as reuniões, no momento do exorcismo, o pastor convoca o público presente a revoltar-se espiritualmente. A orientação do pastor é que os adeptos falem com Deus a respeito da situação de miséria em que eles e seus familiares se encontram: o vício do jogo que domina o marido; o envolvimento do filho com o mundo das drogas; a empresa que está à beira da falência; a depressão que atormenta a filha, etc. Em seguida, os adeptos devem afirmar que não aceitam essa situação e que “exigem” de Deus a distribuição das bênçãos sem medidas porque, segundo o pastor, eles são Seus filhos e, por isso, merecedores da vitória.

Uma das maneiras pelas quais os filhos *iurdianos* do Senhor são instigados a usufruir dessas bênçãos é aceitar o desafio proposto pela instituição religiosa de provar para Deus. O versículo bíblico que legitima essa atitude provocadora do adepto para com Deus, segundo o bispo Macedo, encontra-se em Malaquias, 3.10

“Trazei todos os dízimos à casa do Tesouro, para que haja mantimentos na minha casa; e provai-me nisto, diz o Senhor dos Exércitos, se eu não vos abrir as janelas do céu e não derramar sobre vós bênçãos sem medidas”.³⁸

Este é o suporte bíblico de que se utilizam os pastores da Igreja Universal para convocar o público em suas reuniões, assim como os telespectadores de seus programas televisivos a testarem a “promessa de abundância”. Durante os cultos os pastores informam que é o Senhor quem nos manda testá-Lo para que as bênçãos venham sobre nós. Afirmam, ainda, que é preciso ter coragem, intrepidez e confiança para colocar a fé em ação (Mariano, 1999). Os dirigentes da Universal se

³⁸ Esta mensagem é a trigésima citação bíblica classificada por Edir Macedo (2000) como promessas de abundância de Deus para os filhos (p.36).

colocam na posição de mestres na “arte de barganhar com Deus”, ao ensinar àqueles que os procuram que é “fácil” prosperar quando se obedece à palavra de Deus.

As práticas monetárias dos adeptos suscitadas pela Igreja Universal não beneficiam, porém, apenas os adeptos da igreja. Conforme constantes denúncias na imprensa e trabalhos acadêmicos, o bem-estar da Igreja Universal do Reino de Deus é construído às custas do suor e do sangue dos adeptos.

O objetivo deste capítulo é analisar as leituras produzidas sobre as práticas monetárias da Igreja Universal, tomando especial atenção às observações feitas a respeito da prática da oferta. As acusações oriundas da mídia de que a Igreja Universal é um “balcão de milagres”, ou seja, que suas práticas monetárias nada mais são do que promoção de venda dos bens espirituais a partir do recebimento da graça pedida ser depositada na conduta do crente, tem consenso entre aqueles que, pautados em Bourdieu (1974), se sustenta na tese de que esta mergulhou na lógica capitalista de mundo. Há quem defenda posição semelhante no meio acadêmico, a exemplo de Reginaldo Prandi (1996), que analisa a mudança de significado ocorrida em relação à conversão religiosa nos últimos anos no Brasil, associando-a à mobilidade social dos conversos. Segundo Prandi, a “conversão está associada em grande medida à pobreza e à marginalidade social, exceto para o caso do catolicismo” (Pierucci & Prandi, 1996; pág. 264).

Na mesma direção se orientam as leituras de Ricardo Mariano (1999, 2002, 2004) e Leonildo Campos (1999). O primeiro, ao descrever e analisar a Teologia da Prosperidade como característica do neopentecostalismo, denuncia que a expansão do império erguido pelo bispo Edir Macedo é sustentada pela ênfase dada às práticas econômicas, que assumem nesse contexto uma outra concepção de ética. O segundo, nessa mesma chave de interpretação, explora a questão do marketing, isto é, as estratégias utilizadas pela Igreja Universal para a exploração financeira dos adeptos.

Outros analisam a questão a partir da ressignificação assumida pelas ofertas monetárias no contexto ritual. Caso daqueles que as interpretaram a partir da lógica do sacrifício; como Mônica Barros (1995) e Ari Pedro Oro (1993,2001).

3.1 Primeira leitura: Dinheiro & Mercado

A Igreja Universal do Reino de Deus vem se expandindo rapidamente no campo religioso brasileiro, em especial, segundo alguns autores (Pierucci & Prandi, 1996; Almeida, 1996; Mariano, 1999) a partir do final da década de 1980, quando conseguiu comprar a Rede Record de televisão. Houve uma reação em cadeia contra esse investimento, tanto por parte da mídia escrita quanto televisiva, acusando-a de exploração e comercialização da fé (Campos, 1999).

A organização da Igreja Universal se caracteriza pelo poder centralizado nas mãos do bispo Edir Macedo e pelo uso de métodos de abordagem junto aos fiéis que são constantemente renovados, conforme pudemos verificar no capítulo anterior. Uma das maneiras pelas quais a Igreja Universal ganhou visibilidade no atual cenário religioso brasileiro foi a utilização da mídia, meio pelo qual passou a alcançar um público mais amplo (Campos, 1999; Brasil, 2003).

Dessa exposição nos meios de comunicação resultaram críticas, às quais ainda mais acentuadas às suas práticas monetárias. A especulação sobre seu crescimento não envolve somente o aumento do número de adeptos, mas o volume de dinheiro que arrecada e, também, a forma como este é investido. O montante de dinheiro movimentado pela Universal é considerado exorbitante e inaceitável (Mariano, 2002), uma vez que se trata de uma instituição religiosa e que, portanto, deveria investir em obras sociais e não em fins lucrativos ou promover o enriquecimento pessoal dos seus dirigentes.

A *Folha de São Paulo*, dia 7.12.2003, apresentou uma reportagem sobre os cultos da Igreja Universal voltados aos empreendedores que desejassem melhorar nos negócios, ressaltando no sub-título da matéria que é preciso “dar para receber”. A transcrição de algumas frases ditas pelo bispo Darlan durante a reunião de uma segunda-feira no 4.º andar do Templo da Fé, em Santo Amaro, zona sul de São Paulo, classifica os pequenos empresários e comerciantes como um alvo fácil desta igreja que prega promessa de prosperidade. Segundo a reportagem, o bispo apontara durante o culto para uma pasta de papelão onde se lia: “Meus projetos para 2004 serão em dólar”. E teria dito: “olha quanta nota, é isso que vai ter na sua vida”. Em outro

momento da pregação afirmou que “Deus quer fazer algo grande e, principalmente, que vai entrar dinheiro que nem água”. A reportagem estabeleceu relação entre a presença maciça de pequenos empresários e comerciantes nas reuniões de prosperidade da Igreja Universal e dados disponibilizados pelo SEBRAE (Serviço de Apoio à Micro e Pequenas Empresas) a respeito da perspectiva de fechamento de cerca de 31% das empresas no ano de 2004 no estado de São Paulo. (*Folha de São Paulo*: 7.12.2003).

Na reportagem, a referência às práticas monetárias da Igreja Universal se restringe ao dízimo. Segundo a mesma, para que o fiel acesse a abundância de Deus precisa ter fé e acreditar nesse Deus que tudo pode. Em seguida, deve-se fazer o sacrifício dando o dízimo - 10% do que ganham - para melhorar de vida. Não foi mencionada nessa reportagem a prática monetária da oferta. Toda a circulação monetária que ocorre no ritual da Igreja Universal foi identificada por meio da categoria “dízimo”. Essa é uma prática aceita pelos praticantes das religiões cristãs. Portanto, a reiteração feita pelo jornalista, que reflete a opinião pública, é à maneira de exigir-se a doação em dinheiro sob a forma de sacrifício.

O sociólogo Leonildo Silveira Campos (1999), sugere que é a mídia a grande responsável por divulgar a imagem da IURD como uma instituição religiosa dominada por um grupo de pessoas que têm por finalidade a “comercialização” pura e simples do sagrado (pág. 190).

Campos verifica que pouco mudou no discurso da imprensa sobre as seitas milagrosas da década de 1950 a 1980. A posição desta - na defesa do povo simples e humilde - é caracterizada pela denúncia daqueles que se encontram à mercê de exploração por “charlatanistas em nome da fé” (pág. 183). Várias matérias jornalísticas produzidas sobre a IURD, nesse período, denunciam o seu enriquecimento “imoral”.

Ricardo Mariano (2002) afirma que quando a Igreja Universal se expandiu na mídia, tornaram-se correntes as críticas às práticas com base em juízos de valor ou de cunho moral. Os estudos acadêmicos também fazem o mesmo tipo de crítica, por vezes pouco se distinguindo das críticas do senso comum.

Mariano analisa a relação das igrejas neopentecostais³⁹ com o dinheiro, tomando as práticas da Igreja Universal, no que diz respeito aos meios de arrecadação de dinheiro, como objeto de análise. Esse fenômeno religioso, segundo ele, constitui um campo de investigação “complexo, abrangente e relevante”, pelo fato de envolver a questão da transformação de igrejas em empresas lucrativas (Mariano, 2002, pág. 115).

Essa perspectiva de análise não é nova. A identificação dessas igrejas pentecostais “empresas de cura divina” nos termos de Duglas Monteiro, data dos anos de 1970 (Mariano, 2002; pág. 116). Reginaldo Prandi (1996) no texto “Religião paga, conversão e serviço”, investe nessa perspectiva de análise sugerindo que houve mudança de significado da conversão religiosa ocorrida nos últimos anos no Brasil, associando-a à mobilidade social dos conversos. Há hoje uma multiplicidade de escolhas e “ofertas” dos “serviços” prestados pelas igrejas. Prandi considera essa “oferta” sob o ponto de vista das relações de compra e venda efetuadas no mercado, identificando as igrejas como instituições que se apropriam do estilo de “ofertas”, “propaganda” e “linguagem comercial” do mercado. O adepto, por sua vez, é visto como consumidor desses bens e serviços e, também, um investidor, em vista da função das práticas monetárias de que participa nessas igrejas. Essa perspectiva de análise chama atenção para a organização das relações no campo religioso a partir das relações capitalistas de mercado, porém, deixa de considerar a especificidade do sagrado tomando a mercadoria como qualquer outra.

Pierucci (1996) avança a crítica nessa direção sugerindo que o Estado deveria intervir nas negociações entre a igreja e o fiel quando este se sentir lesado ou ludibriado, fazendo assim valer seus direitos de consumidor reconhecidos pelas leis do Estado. Ricardo Mariano (2002) aponta para essa intervenção do Estado como sendo, em tese, uma idéia boa na medida coibiria ações lesivas e ilegais. No entanto, considera que na prática essa ação seria de difícil execução, sob quais bases (em quais provas) se pautariam os poderes públicos se não está em jogo a quebra de contratos formais? (Mariano, 2002; pág. 22).

³⁹Termo utilizado por Ricardo Mariano (1999) para identificação das mais recentes denominações religiosas brasileiras, como a Igreja Universal do Reino de Deus, Internacional da Graça de Deus, Cristo Vive, Renascer em Cristo, Comunidade Evangélica Sara Nossa Terra, Nacional do Senhor Jesus Cristo e Bíblica da Paz (pág.46).

Leonildo Campos (1999) recusa o conceito de “mercantilização” da religião porque considera esse conceito uma “arma de guerra ideológica ou apologética, que pouco esclarece a eficácia comunicativa da Igreja Universal” (Campos, 1999, pág. 202). Segundo ele, as metáforas do “teatro”, “templo” e do “mercado” permitem ler atividades proselitistas da Universal do ponto de vista da eficácia de sua comunicação. Concentrando-se na análise das estratégias de marketing e na capacidade de persuasão dos pregadores da Igreja Universal, o autor afirma que estas vêm garantindo não apenas a permanência dessa igreja no campo pluralista brasileiro, como também sua expansão ao redor do mundo.

Usando conceitos e perspectivas de análise da área de marketing⁴⁰ para compreender as estratégias expansionistas *iurdianas*, Leonildo Campos (1999) sugere que estes visam satisfazer os “desejos” e exigências do público-alvo desta igreja. Basicamente são duas as maneiras de se registrar os anseios daqueles que procuram os “serviços religiosos” da Igreja Universal: (1) a anotação dos pedidos de oração, pelas telefonistas, que ocorrem durante os programas de rádio e televisão; (2) a transcrição de mensagens escritas pelos próprios adeptos no “livro de orações”, localizado na maioria das vezes em frente ao templo, antes das reuniões. Estas mensagens recolhidas pelos pregadores *iurdianos* servem para antecipar atitudes, campanhas e reuniões.

Como vimos no capítulo anterior, a organização temporal das atividades proselitistas dessa igreja, em campanhas bimestrais e distribuição dos temas das reuniões nos dias da semana, revela essa permanente comunicação com os adeptos, permitindo uma padronização dos bens religiosos adequados a cada segmento e transformando os participantes do processo em sócios do empreendimento, que lhes oferece rendimentos simbólicos, enquanto a igreja-empresa se capitaliza para investir na sua própria expansão. Campos (1999) aponta para um bem simbólico básico oferecido pela Igreja Universal àqueles que a procuram: o despertar da fé. Essa idéia é acionada em todas as reuniões, ativando-se nos adeptos atitudes positivas como a certeza da vitória e a disposição para lutar e vencer as aflições do cotidiano.

⁴⁰ Leonildo Campos (1999) assinala que o termo *marketing*, “além de ser o nome de certas palavras ligadas ao ‘mercado’, traz também gravado em si mesmo a história da economia, da administração e da cultura capitalista dominante no mundo” (pág.207).

Como fixar o valor das bênçãos religiosas? Segundo Leonildo Campos, a Igreja Universal introduziu no meio religioso a fixação desses valores em base monetária. Mas em lugar de tematizar essa troca, circulação-mercadoria, o que se propaga é que é necessário “sacrificar para Deus” para obter suas bênçãos. A lógica do “sacrifício” foge às regras do mercado. A prática do dízimo é a pedra de toque do processo de monetarização do sacrifício (Campos, 1999; pág.233). Segundo o autor facilita a transação entre as partes, “enquanto esconde, por trás da aparente igualdade de condições, uma fundamental distorção de ‘preços’”. Se os bens religiosos têm por objetivo proporcionar felicidade e bem-estar físico e espiritual, como podem ser taxados em moeda corrente se as relações entre homem e Deus estão fundamentadas na gratuidade do ato de dar e receber?

Como pretendemos demonstrar, na Igreja Universal, o que se esconde daqueles que a freqüentam não é apenas a desigualdade da base de troca na doação do dízimo, mas o principal beneficiado pela prática monetária do sacrifício. Neste ponto não nos distanciamos da análise de Leonildo Campos (1999) e outros autores que reiteram nas suas perspectivas de análises o discurso institucional. Porém, em lugar de imaginar que os adeptos simplesmente “obedecem”, isto é, são “passivos”, pretendemos demonstrar que na prática das doações eles também jogam, manipulam as prescrições da Igreja.

Antes, porém, é preciso entender como essa relação igreja/adeptos é formulada na literatura sobre o tema. O pagamento a Deus é apropriado pela igreja. Como opera o discurso da igreja no escamoteamento da sua participação nas “apostas” feitas com Deus? Nesse contexto é que a mediação do dinheiro se legitima, como forma de “oferta a Deus” e instrumento de continuidade dessa atividade simbólica dos pastores.

O dinheiro é concebido pela Teologia da Prosperidade como meio para a resolução de problemas financeiros, espirituais e pessoais, promovendo a cura das enfermidades do corpo e da “alma”. Mariano (1999) identifica esta relação de troca entre o fiel e Deus, por meio da mediação sacrificial do dinheiro, como regida pelo princípio da reciprocidade, tal como formulado por Marcel Mauss [1925] (2003).

Segundo Ricardo Marino, a Teologia da Prosperidade sustenta que

a:

“humanidade foi libertada do pecado original e das maldições da lei de Moisés: enfermidades, pobreza e morte espiritual. (...) No novo pacto estabelecido por Cristo, a fé constitui o elemento fundamental para se alcançar tais bênçãos. Pela fé, os cristãos podem possuir tudo o que determinarem verbalmente em nome de Jesus. Saúde perfeita ou cura de enfermidades, prosperidade material, triunfo sobre o Diabo, uma vida plena de vitória e felicidade, ‘direitos’ dos cristãos anunciados pela Bíblia figuram entre as bênçãos mais declaradas por eles” (Mariano, 1999; págs. 153-54).

Nessa perspectiva, o fiel passa a ter direitos, bíblicamente estabelecidos. A Igreja Universal do Reino de Deus sustenta que para alcançá-los e, principalmente, saber mantê-los, é preciso ativar o circuito da dádiva por meio da prática do dízimo e da oferta.

3.2 Segunda Leitura: Dinheiro & Sacrifício

“A oferta representa o Senhor Jesus Cristo. Daí a razão de ser tão santa e sagrada quanto a própria Palavra de Deus. Aqueles que vêm as doações das ofertas com maus olhos, ou seja, do ponto de vista meramente mercadológico, principalmente do lado da Igreja, também têm dificuldades para compreender a razão da vinda do Filho de Deus ao mundo” (Bispo Edir Macedo, 2000; págs.14-15).

A afirmação acima sugere que o papel moeda tem uma outra significação, que vai além do valor de troca enquanto mercadoria. O dinheiro, para o bispo Macedo, quando sacrificado no altar, carrega os símbolos do trabalho típicos da sociedade ocidental.

No *Ensaio Sobre a Dádiva*, Marcel Mauss [1925] (2003) privilegia a análise de um aspecto da organização social: as trocas e contratos mediados por presentes praticados por segmentos específicos das sociedades “arcaicas”⁴¹, que são realizadas sob um aparente caráter voluntário “quando há, no fundo, obrigação” (pág.188). O autor agrega sob a categoria “dádiva” diferentes tipos de trocas (políticas, rituais de casamento, iniciação, nascimento, sacrifícios, etc.), com

⁴¹ Os dados etnográficos utilizados por Marcel Mauss [1925] (2003) são oriundos de sociedades hierárquicas localizadas nas regiões do norte e noroeste americano, da Melanésia, China, Índia, Polinésia.

o intuito de investigar a origem da obrigatoriedade moral que envolve o circuito das trocas: dar-receber-retribuir, prática que envolve relações entre pessoas e grupos, homens e deuses. O autor sugere que, sob a aparência do dom e da dádiva, se escondem regras de reciprocidade obrigatórias que norteiam moral e economicamente as transações entre os homens – regras estas, que são coletivas; ou seja, não são definidas e/ou cumpridas individualmente, mas coletivamente. Mauss concluiu que são estas regras que orientam as relações sociais e garantem a estabilidade nessas sociedades. Segundo Lanna (2000; pág. 176) “para Mauss a dádiva é um ato simultaneamente espontâneo e obrigatório”.

No que diz respeito às relações entre homens e grupos, Mauss [1925] (2003) encontrou, nos dados, em algumas localidades estudadas exemplos de trocas que definiu como um sistema de prestação total, onde as “prestações e contraprestações [são] realizadas de forma, sobretudo, voluntária por presentes, regalos, embora sejam feitos, no fundo, rigorosamente obrigatória, sob pena de guerra privada ou pública” (pág. 191). Essas prestações/contraprestações ocorrem por intermédio de pessoas morais, isto é, de clãs, grupos e famílias. Mauss verificou que existe um “princípio de rivalidade e de antagonismo que domina estas práticas” (pág. 191), na medida que as trocas entre os chefes envolvem confrontos por meio da mediação de presentes.

O *potlatch* vem a ser o exemplo mais sofisticado, desta instituição, por conter caráter agonístico, forma pela qual são realizadas as trocas entre grupos do norte e noroeste americano, Melanésia e Papuásia. Mais especificamente, segundo Mauss, no noroeste americano e na Melanésia⁴², é que o *potlatch* apresenta rivalidades intensas. Razão pela qual o ele é descrito como sendo um sistema de prestação total do tipo agonístico, envolvendo disputa por honra e prestígio. A obrigação absoluta de retribuir o presente recebido, a dádiva, se impõe nessas sociedades sob pena de se perder o status. Isso significa, segundo Marcel Mauss, que o princípio de rivalidade presente no *potlatch* se expressa na luta dos “nobres” para se afirmar a hierarquia existente entre eles em proveito de seus clãs.

Uma outra manifestação do sistema de prestação total do tipo agonístico é o *potlatch tlingit* esquimó, do nordeste siberiano. Segundo Mauss, a troca dos homens com os deuses caracteriza-se, neste grupo, pela destruição sacrificial de

⁴² Segundo Lanna (2000; pág. 185), pesquisas recentes mostram que “é evidentemente errônea a afirmação de Mauss de que o *potlatch* existe na Melanésia”.

presentes ofertados aos espíritos e deuses, que são “confundidos com suas encarnações vivas” (pág. 204). Aqui há troca de presentes e regalos com homens mascarados, os portadores de títulos e aliados iniciados, tido como representantes dos deuses. Os mortos e deuses são considerados os “primeiros proprietários das coisas e dos bens do mundo” (pág. 205).

O tema da destruição sacrificial foi estudado por Marcel Mauss [1899] (1999) com mais detalhes no texto *Ensaio sobre a Natureza e Função do Sacrifício*, no qual utiliza como fontes os textos do sânscrito e da Bíblia. Toma o sacrifício do Soma - sacrifício animal hindu védico - um sistema composto por rituais, sendo o principal o rito expiatório. Mauss coloca que este é um “caso extremo” dos sacrifícios que analisou, pois conseguiu verificar que há um processo progressivo de mudança de estado da vítima e do sacrificante. Quer dizer, Mauss analisa as condições de realização do sacrifício. Faz-se necessário ter o lugar e o tempo propícios para que venha ocorrer; haja agentes religiosos para operarem; que se tenha os instrumentos e o principal, a vítima. Todos esses elementos se encontram no plano do profano e precisam adquirir o caráter sagrado para que se possa efetuar o sacrifício. Ou seja, Mauss concebe as etapas rituais como processo de mudança de status ou estado - do profano para o sagrado e o retorno ao profano.

Neste texto, Mauss afirma ainda que o sistema sacrificial tem por finalidade estabelecer comunicação entre os planos do sagrado e do profano por intermédio da vítima. Esta é concebida, segundo o autor, como coisa que é destruída. A expiação, a destruição simbolizam a comunicação entre o sagrado e o profano. O caráter simbólico dessa comunicação é dado pelo sacrifício. Segundo a natureza do que se deseja, a importância da vítima varia. A vítima representa simbolicamente a pessoa que solicita ao deus e a sua importância está “em relação direta com a gravidade do voto” (pág. 201).

Essas explicações de Marcel Mauss [1925] (2003), a respeito da noção de troca, e o caráter simbólico do ritual do sacrifício se tornaram lugar-comum nas análises de pesquisadores, que procuraram compreender as práticas monetárias da Igreja Universal. A perspectiva de análise nesse caso se desloca das estratégias institucionais de arrecadação do dinheiro para os significados que o dinheiro assume no contexto ritual. O tema do sacrifício permite abarcar os dois pólos envolvidos nas

práticas econômicas da Igreja Universal: os pastores e os adeptos. Dentre estes, destaca-se o trabalho de Mônica do Nascimento Barros (1995), um dos primeiros a investigar o simbolismo do dinheiro na doutrina *macediana*.

Sua proposta de pesquisa a respeito das práticas monetárias da Igreja Universal se concentra na discussão de sua ressignificação no contexto ritual. Segundo a autora, não é o valor monetário o mais importante nessas transações, mas a capacidade que o ritual tem de transformá-lo em meio de acesso ao sagrado (pág. 154). Apoiando-se na tese de Mauss, já exposta, Mônica Barros considera que o dinheiro ao entrar no campo do sagrado deixa de ser “moeda” para tornar-se um “dom”. Como sugere Mauss, por meio de “ritos” é que o dinheiro “se desloca” para o domínio de Deus, sendo marcado com suas propriedades vivificadoras (Barros, 1995; pág. 157).

Com o dinheiro assumindo essa nova identidade na esfera mágico-religiosa, Mônica Barros promove uma leitura ‘maussiana’ da prática do dízimo (pág. 159). Primeiro, aporta para o preceito bastante difundido no meio evangélico: o dízimo distingue o “crente” do “não-crente”. Em segundo, ela reitera ser a prática monetária do dízimo um canal de comunicação com Deus. Na Igreja Universal, como vimos anteriormente, o dízimo é concebido como um vínculo que une homem e divindade, através do qual é possível “receber bênçãos sem medidas”. Neste ponto, o dízimo difere do *potlatch* porque não é uma demonstração de fortuna ou favorecimento espiritual; ao contrário, o dízimo é uma forma de busca de acesso a essas benesses (Barros, 1995; pág. 161). Reitera-se dessa forma a perspectiva institucional, a semântica do dinheiro: reafirma-se o papel da mediação dos pastores, mas não se comenta como se dá a apropriação, para estes, do dinheiro da “aposta com Deus”.

O dinheiro na Igreja Universal, de acordo com essa perspectiva, é um “dom”: o seu oferecimento pelo adepto está associado à expectativa de ser agraciado por Deus – o “contradom” é a sua prerrogativa. Mônica Barros apresenta a hipótese da existência da promessa católica como um veículo de comunicação com o transcendente, que corresponde ao conjunto de representações dos adeptos da Igreja Universal, podendo estar possivelmente calçado no universo simbólico de diversos grupos religiosos: entre eles, o catolicismo popular. Tanto nas promessas católicas quanto nas ofertas iurdianas, segundo Barros, o que está em jogo é a construção de

acesso e comunicação com a esfera do sagrado. Este não se dá de modo direto, mas pela mediação do pastor e da igreja.

Como praticar o pagamento a Deus sem que haja condenação moral dessa prática? O antropólogo Ari Pedro Oro (2001) se insere nesse debate ressaltando o erro desse tipo de formulação: os adeptos da Igreja Universal realizam suas ofertas na lógica do sacrifício e não do mercado. É justamente neste ponto que Oro identifica conflitos éticos gerados pelo encontro e confronto de visões distintas: a lógica empresarial que orienta a arrecadação de dinheiro por determinadas igrejas, e a lógica que orienta a prática das doações monetárias dos adeptos, em que a mediação sacrificial associa à lógica simbólica do dom. Nessa síntese das duas lógicas, o dinheiro assume na teologia neopentecostal um sentido positivo. Dessa forma, segundo o autor, o neopentecostalismo compatibiliza a lógica do dom (da reciprocidade) com a lógica do mercado, construindo a lógica do “dom quantificado” (Oro, 2001; pág. 82).

Dentre os trabalhos sobre a Igreja Universal, a investigação dos modos de circulação do dinheiro entre a instituição e os adeptos privilegia a análise de como o processo funciona na perspectiva institucional e ritual. No trabalho do antropólogo Pedro Oro (1993) são analisadas as estratégias discursivas que envolvem a ressignificação do dinheiro pela sua inserção na lógica da dádiva e do sacrifício. Perspectiva que também é do sociólogo Drance da Silva (2000), ao afirmar que o dinheiro torna-se a “expressão material da fé em Deus” deixando de ser uma “moeda” para tornar-se um “dom” (pág. 123). O mesmo endossa Mônica Barros (1995) ao afirmar que para os fiéis não é o valor monetário o mais importante na prática do dízimo das ofertas. No contexto ritual o “dinheiro assume um ‘outro’ significado; um significado diferente de seu valor monetário” (pág. 154).

A partir das colocações elencadas podemos identificar que as práticas monetárias da Igreja Universal são lidas numa mesma chave teórica: da reciprocidade e/ou do sacrifício. Leitura que pouco se diferencia do discurso institucional, na medida que o sacrifício se apresenta também como categoria “nativa”.

3.3 Terceira Leitura: Dinheiro & Posse - a bênção como “direito”

No mês de julho de 2005, portanto, durante um ano das Campanhas de Fogueira Santa, uma das informantes me telefonou e disse: “O bispo Natan disse ontem uma coisa que lembrei de você”. Segundo ela, durante a reunião da prosperidade, realizada numa segunda-feira, o bispo fez o seguinte comentário: “os sacrifícios que iriam ser colocados sobre a fogueira eram diferentes de uma aposta de loteria. A entrega do envelope com o dinheiro não se configura numa “aposta com Deus, porque o que o adepto está acionando é o mecanismo para prosperar: Dar para Receber. Segundo o bispo, ao ofertar o valor mínimo de R\$ 300,00 o adepto estava entregando o seu tempo, sangue e suor, não 'apostando'. Deus irá ou não lhe conceder o pedido de bênção”.

Essa fala é importante por apontar a relação dúbia que a Igreja Universal do Reino de Deus mantém com o jogo. De um lado ela inibe os adeptos a praticá-lo, no cotidiano, classificando-o como vício, uma vez que tira o fiel do caminho da prosperidade financeira e condena aquele que conseguiu ganhar algum prêmio em jogos de azar. A exemplo de Ronaldo de Almeida (1996), que identificou o par negação/assimilação como sendo um dos mecanismos fundamentais de constituição do discurso religioso da Igreja Universal a respeito da figura do diabo (pág.97), utilizamos esse mesmo binômio para qualificar a postura da Igreja Universal com relação à prática do jogo, uma vez que ela rejeita o jogo como vício, “manifestação do diabo”, mas, ao mesmo tempo, incorpora, assimila a sua lógica na construção da relação com os adeptos. Nossa leitura sobre a prática monetária da oferta ocorre na seara do jogo, destacando as categorias do desafio e do sacrifício.

A proposta deste trabalho vem a ser a compreensão das relações entre Igreja Universal e adeptos, por meio da metáfora do jogo. Como vimos anteriormente, o dízimo é difundido no universo evangélico como sendo uma obrigação (retribuição) do fiel para com Deus. Concordamos com a explicação dada pela socióloga Mônica Barros (1995) ao “ler” essa prática sob a ótica “maussiana”. Esta se insere numa rede de reciprocidade e explicitamente sustenta a estrutura da igreja de modo a garantir seu funcionamento. No caso da Igreja Universal, conforme as informações obtidas, só o dízimo não seria suficiente para manter a “mega infra-

estrutura” da igreja. Por isso se faz necessário colocar a fé do povo em ação por meio da oferta, embora o discurso institucional não seja qualificado como meio de sustento da igreja. O discurso institucional omite a apropriação pela igreja dos recursos obtidos por meio da prática da oferta: “A oferta simboliza Jesus Cristo. Entre todos os símbolos, a oferta é a que melhor representa o Senhor Jesus Cristo, pois Ele é a oferta de Deus para o ser humano, a fim de que através da mesma, este possa se reconciliar com o Criador” (Bispo Macedo, [1997] 2000, pág. 21).

O dízimo é doação à igreja. A prática da oferta é postulada como modo de relação direta entre Deus e adeptos. Esta última é, portanto, qualificada como um ato de fé.

Na tentativa de qualificar a diferença entre o dízimo e as ofertas Wilson Gomes (1996) sugere que a noção de posse, tal qual como se apresenta nos discursos e práticas da Universal, é a categoria que explica a prática da oferta, da cura e do exorcismo e, também, justifica os outros elementos que constituem a concepção de mundo da Igreja Universal (pág.230). A posse, nesse caso, não significa posse mística ou transe, e sim, como sugere Gomes (1996), a “detenção de bens em vista da sua fruição. Esses bens são geralmente descritos como elementos indispensáveis para aquilo que se pode qualificar de uma vida digna e feliz: saúde, prosperidade e amor” (pág.230-231). Nos discursos e práticas da Igreja Universal os pastores procuram convencer os adeptos da certeza de que Deus fez as coisas para que os adeptos “possam usufruir”. Basta tomar posse, isto é, reivindicar a Deus aquilo que é nosso por direito, garantido por Ele. O autor escreve que “tomar posse, portanto, não significa outra coisa senão realizar aquilo para o qual se está destinado. As coisas são nossas enquanto Deus as fez para nós, para dela fruirmos. Vir a possuir, portanto, significa bem mais uma reintegração de posse, um ter à disposição aquilo que nos é devido por direito de criação” (Gomes, 1996, pág. 231). A idéia implícita na categoria posse, portanto, é que a vida humana tem que estar de acordo com a vontade divina, situar-se dentro da comunhão com o desejo de Deus.

O que mobiliza a posse, além do dinheiro, é a fé. Na Igreja Universal o tamanho da fé se mede pelo risco assumido no ato da doação. Só alcança bênção quem tem fé. Neste caso, como afirma Ricardo Mariano, ter fé significa crer piamente no que os pastores pregam e agir conforme os ditames dessa pregação

(Mariano, 2004, pág.129). Aquele que deseja demonstrar muita fé precisa assumir grandes riscos financeiros ou realizar grandes desafios. Para isso, os adeptos são induzidos a realizar os sacrifícios financeiros. Essa leitura da prática da oferta pouco se distancia da própria concepção iurdiana. “Os desafios são [pensados como] investimentos de alto retorno” (Mariano, 2004, pág. 129).

A noção de posse, discutida por Gomes (1996), consolida essa imagem dúplice de oferta: sacrifício e aposta, ou seja, um investimento financeiro feito pelo adepto, por meio do qual este se arrisca a ganhar ou perder em busca de uma bênção. Segundo o discurso dos pastores, caso não seja abençoado, a culpa recai sobre os ombros do adepto que não teve fé o suficiente ou, simplesmente, aquele não era o plano de Deus.

Diferentemente de outras igrejas pentecostais, como a Assembléia de Deus, que possui um controle rigoroso do dízimo praticado pelos adeptos e da sua coirmã a Igreja Internacional da Graça de Deus, que considera o dizimista como um colaborador, garantindo-lhe, inclusive, um recibo do valor doado, a Igreja Universal não possui mecanismos de controle dos valores que entram no seu caixa. Também não há qualquer forma de prestação de contas aos doadores.

Concordamos quando Ricardo Mariano (2002) aponta o caráter pragmático das práticas monetárias da Igreja Universal, ao afirmar que encerram cálculos utilitários (pág.132). O calendário das atividades institucionais prevê arrecadações de volumes diversos conforme o contexto do culto, conforme a corrente ou campanha.

Diferentemente das citações, anteriores, dos autores que analisam a prática da oferta a partir da perspectiva do discurso - da igreja e dos adeptos -, vamos problematizá-la a partir da prática dos adeptos entendendo-a sob a ótica do jogo. Mas, que tipo de jogo?

4. A “aposta com Deus”: o significado da oferta na prática dos adeptos

“(…) os homens (e não os deuses ou os espíritos da natureza ou ancestrais míticos) são os autores de si mesmos”.

Maurice Godelier.

Entre 3 a 17 de janeiro de 2005, acompanhamos a programação midiática produzida pela Igreja Universal do Reino de Deus veiculada no canal local da Rede Bandeirantes. Nesses programas televisivos são apresentados aos telespectadores testemunhos de adeptos (na sua maioria mulheres) que seguiram os passos sugeridos pela igreja e alcançaram a vitória. Basicamente são dois os programas veiculados neste canal de TV: Espaço Empresarial, transmitido às segundas-feiras com a finalidade de divulgar as reuniões da CORRENTE DA PROSPERIDADE e Ponto de Luz, transmitido nos demais dias da semana. Neste último, a ênfase é dirigida à solução de problemas do cotidiano atribuídos à atuação do diabo. As chamadas veiculadas durante esses programas visam a divulgação das atividades realizadas na Catedral da Fé nas reuniões das 20h00 e 21h00.

A forma de apresentação da igreja nestes programas é a de uma “conversa” informal, por telefone, entre um pastor da Igreja Universal com uma pessoa que liga espontaneamente para o programa na busca de solução para os problemas enfrentados no seu cotidiano. Quem liga são mulheres, principalmente. Depois de apresentado o problema, o pastor fornece um diagnóstico e a possível solução para o mesmo. A interpretação é sempre a mesma: é preciso expulsar as forças malignas que “desorientam” a vida das pessoas. Portanto, o pastor faz um “convite” ao telespectador(a) para que compareça a uma reunião da Igreja Universal na Catedral da Fé. Caso a pessoa queira ter resultados efetivos, diz ele, deve-se tomar uma atitude indo a uma das reuniões na Catedral da Fé, pois, segundo o pastor, quando a pessoa quer vencer, faz por onde.

Com uma hora de duração, das 14h00 às 15h00, o programa Espaço Empresarial é destinado ao tema da prosperidade na vida financeira. Numa das oportunidades em que acompanhei a transmissão, no dia 03 de janeiro de 2005, das

13h00 às 14h00, estava-se divulgando a Campanha da Fogueira Santa, assim como as “bênçãos” que os adeptos receberiam se comparecessem à reunião das 19h00 ou das 21h00 na Catedral da Fé. Estas bênçãos prometidas envolviam a unção com um óleo que contém ouro e prata das minas do Rei Salomão que o pastor faria na palma da mão direita daqueles que almejavam prosperar nos negócios em 2005. Outro atrativo prometido para os que assistissem à reunião era a distribuição da Catedral da Caneta das Grandes Realizações, abençoada pelos 318 Homens de Deus, com a qual o adepto assinaria grandes contratos de trabalho no ano que estava por começar. Esse programa é um espaço na grade televisiva iurdiana reservado para os empresários, donos do seu próprio negócio e, também, para os que estavam desempregados. A mensagem principal desse programa foi resumida pelo pastor nos seguintes termos: que os telespectadores-adeptos não sejam cauda, e sim, cabeça⁴³. Em seguida, o pastor estendeu sobre sua mesa uma bandeira de Israel. Explicou que aqueles que comparecessem naquela noite na Catedral da Fé iriam colocar suas digitais sobre a bandeira, deixando sua marca pessoal entre aqueles que desejavam receber a bênção do pedido feito naquela Fogueira Santa. A bandeira seria levada pelo bispo Renato Maduro a Israel para entrega do sacrifício no Vale de Gideão, no deserto de Israel. O pastor enfatizou que reunião das 21h00, que iria presidir, abençoada por se tratar de um congresso empresarial com unção da riqueza com o ouro e a prata.

Em seguida, o pastor apresentou um vídeo sobre sua escalada, juntamente com outros três pastores, ao Pico do Paraná, localizado na Serra do Mar. Este misto de subida da montanha com peregrinação teve como objetivo mostrar aos adeptos o desejo dos membros da instituição: que as pessoas cheguem aos patamares mais altos da vida financeira. Então, tal como Gideão que liderou 318 homens para derrotar o exército dos medianitas, passando por lugares altos e perigosos e parando para beber a água que brota da montanha, os pastores encenaram ao ar livre, num dia nublado e cinzento, o que seriam os passos desses homens de fé rumo à libertação do povo.

Às 14h12 o pastor atendeu o telefonema de uma “amiga do bairro do Tatuquara”. A mulher contou que estava passando por dificuldades financeiras por causa do alcoolismo do marido. O pastor explicou que somente ela poderia salvar a sua família da ruína financeira e livrar o marido do “encosto” que o leva a beber. A

⁴³ O pastor está se referindo à seguinte passagem bíblica registrada no livro do Deuteronômio 28,13: *“E o Senhor te porá por cabeça, e não por cauda, e só estarás em cima e não debaixo, quando obedeceres aos mandamentos do Senhor teu Deus, que hoje te ordeno, para os guardar e fazer”*.

solução sugerida foi fazer o sacrifício de ir até a Catedral e receber a unção com o óleo do ouro e da prata no culto das 21h00. Ela respondeu que esse horário era muito tarde, pois não tinha com quem deixar as crianças. O pastor perguntou-lhe então se o horário das 19h00 seria melhor. Com o pronto-atendimento da telespectadora, ele em seguida explicou-lhe como chegar à sede estadual.

No estúdio havia uma outra mulher que iria ser entrevistada pelo pastor para dar seu testemunho de como alcançou a bênção na Fogueira Santa de Israel. Essa entrevista, juntamente com as chamadas para as atividades da Universal nos próximos dias, durou cerca de 30 minutos. Explicou resumidamente qual foi a sua trajetória dentro da Igreja Universal até “ser abençoada”. Antes ela tinha problemas de saúde, que não a deixavam trabalhar plenamente e seu marido estava envolvido com o mundo das drogas. Esses problemas impediam-na de ir até a Catedral da Fé. Neste momento, o pastor interrompeu dizendo que esses problemas somente são superados por aqueles que acreditam em Deus e que fazem o sacrifício de ir até a Igreja Universal localizada no centro da cidade. Continuando o testemunho, a mulher disse que fez a corrente da libertação dos 70 pastores e que seu propósito foi o de buscar o Espírito Santo. Não entrou em detalhes quanto ao ano que realizou essa corrente, apenas disse que conseguiu “receber de Deus” o que buscava. Quanto à Fogueira Santa, contou que se lançou no sacrifício com a certeza da cura dos seus problemas de saúde e da bênção da sua vida material, que consistia na aquisição de um apartamento próprio e mobiliado. Repetiu, por vezes, seguida que fora abençoada nesse propósito da Fogueira. O pastor enfatizou que as pessoas que se encontram na igreja no período de Fogueira Santa são os eleitos, tal qual os 318 homens escolhidos por Deus para combaterem junto com Gideão os medianitas. Acrescentou que as pessoas não deveriam aceitar as coisas perdidas no ano que passou, como o emprego ou a perda do negócio próprio. Essas humilhações, dizia ele, seriam superadas no ano que se iniciava. Convocando diretamente aqueles que almejam mudar sua vida financeira, o pastor explicou que se deve escrever uma Carta para Deus, pois Ele é o dono do ouro e da prata, pedindo uma bênção, que Ele irá responder. Essa carta, dizia ele, faz parte do voto que o adepto deveria entregar juntamente com o envelope do sacrifício no dia 10 de janeiro de 2005. Ressaltou que não se faz “forcinha” e sim, sacrifício para Deus. Acrescentou que somente a Catedral da Fé promove a unção do óleo com o ouro e prata juntamente com a entrega da Caneta das Grandes Realizações, àqueles que acreditam em Deus, e que estes iriam conseguir alcançar a vitória neste ano de 2005.

Lembrou que na segunda-feira seguinte iria ocorrer a entrega do sacrifício da Fogueira Santa. Leu em seguida um trecho do Livro do Êxodo 12,1-3 para justificar essa prática. Faltando sete minutos para acabar o programa, fez a oração final com a bênção do copo com água⁴⁴.

Neste mesmo dia, segunda-feira 3 de janeiro de 2005, às 19h00, a Catedral da Fé, em Curitiba, estava praticamente cheia. Os obreiros estavam vestidos com uma túnica branca com os seguintes dizeres nas costas: “Faço parte da Nação dos 318 Mais Capazes”. Havia uma réplica grande da Caneta das Grandes Realizações no altar e, também, uma fogueira feita com placas de granito sobrepostas e no meio desta via-se um pano branco com luzes vermelha e amarela representando a chama de Deus na Fogueira Santa de Israel.

Às 21h01 o pastor Edson Costa subiu no altar e pediu para que os presentes se dessem as mãos dizendo “a vitória é nossa”. Todos ficaram em pé com as mãos para o alto. O óleo contendo ouro e prata foi consagrado coletivamente e o pastor pede a Deus que as “coisas dêem certo” neste ano. Disse a todos que no dia da entrega do sacrifício distribuiria um pouco do óleo consagrado para que o adepto unguisse a cabeça e o local do trabalho em todos os 365 dias do ano. Em seguida, solicitou que as pessoas deixassem o envelope do dízimo, ou qualquer envelope, em cima da fogueira. Após este ato, o pastor ungiu as mãos dos ofertantes com o óleo. Ao fundo ouvia-se uma música, cujo refrão era: “Deus não vai falhar. A vitória é nossa em nome de Jesus”.

Vinte minutos depois os obreiros fizeram a entrega, aos presentes, dos envelopes do dízimo e da oferta, para que fossem entregues na semana seguinte, dia 10 de janeiro de 2005. Leu em seguida Jeremias 18,1-6⁴⁵, a partir do qual explicou que o oleiro é Deus; o vaso quebrado é a vida financeira. O pastor quebrou então um vaso grande de barro que, segundo disse, simbolizava a vida financeira dos fiéis, que estivesse em “cacos”. Pediu às pessoas que fossem ao altar para pegar partes do vaso quebrado, os quais deveriam ser colocados em um outro vaso de cor dourada no dia

⁴⁴ Ao término dos seus programas veiculados no rádio e na televisão, o pastor solicita aos ouvintes e telespectadores um copo com água para que, através das suas palavras proferidas no estúdio, esta água seja abençoada como também quem dela beber.

⁴⁵ “A palavra do Senhor, que veio a Jeremias, dizendo: Levanta-te, e desce à casa do oleiro, e lá te farei ouvir minhas palavras. E desci à casa do oleiro, e eis que ele estava fazendo a sua obra sobre as rodas. Como o vaso, que ele fazia de barro, se quebrou na mão do oleiro, tornou a fazer dele outro vaso, conforme o que pareceu bem aos seus olhos fazer. Então veio a mim a palavra do Senhor, dizendo: Não poderei eu fazer de vós como fez este oleiro, ó casa de Israel? diz o Senhor. Eis que, como o barro na mão do oleiro, assim sois vós na minha mão, ó casa de Israel.”

10 de janeiro. Segundo o pastor, esse gesto estaria colocando suas vidas financeiras nas “mãos de Deus”.

Em seguida, informou que a oferta para se participar da Fogueira Santa era de R\$ 300,00 (trezentos reais) enfatizando que este é o sacrifício a ser feito por aqueles que almejam a vitória. Além da oferta em dinheiro, deveriam entregar uma carta com os seus pedidos de bênçãos e mais o valor do dízimo. Dirigiu a palavra aos que desejassem aumentar o valor da oferta e àqueles que não estão fazendo o “sacrifício perfeito”. Explicando disse: “tem que fazer a diferença. Este sacrifício tem que doer, sentir na própria carne”. Em seguida, ajoelhou-se ficando com a cabeça para fora do altar. As pessoas que quisessem aumentar a oferta para a Fogueira Santa deveriam ir à frente e passar a mão em sua cabeça. O pastor concedeu, então, a benção aos que foram à frente pegar os envelopes da oferta da Fogueira Santa. Sugeriu àqueles que não tivessem dinheiro para ofertar, no dia 10, que poderiam colocar um cheque pré-datado no envelope, pois “Deus olha a sinceridade”. Disse-lhes que seriam os primeiros do Brasil a entregar os votos na Fogueira Santa. Entregou uma caneta àqueles que não possuíam uma, no momento, e disse que os obreiros iriam ungi-la.

O pastor foi sugerindo, de olhos fechados, os valores das ofertas. Aos obreiros, nesse momento, cabia ungir a cabeça daqueles que vinham à frente pegar o envelope do sacrifício. Valores sugeridos pelo pastor para a oferta da Fogueira Santa: R\$ 100 mil, R\$ 70 mil, R\$ 50 mil, R\$ 30 mil, R\$ 20 mil, R\$ 10mil, R\$ 7mil, R\$ 6 mil, R\$ 5 mil, R\$ 2 mil, R\$ 1 mil, R\$ 700,00, R\$ 500,00, R\$ 365,00, representando os 365 dias do ano, e, finalmente, R\$ 300,00, correspondente ao valor mínimo para se participar da Fogueira Santa. Em seguida liberou o “voto secreto” para aqueles que não pretendiam declarar o valor da oferta. Depois, solicitou aos obreiros que ficassem nos corredores com os alforjes vermelhos para recolher as ofertas. Os presentes ao culto cantaram, então, uma música cujo refrão era: “Deus não vai falhar. A vitória é nossa em nome de Jesus”. Grande parte dos participantes desse culto se dirigiu até o obreiro mais próximo para entregar sua oferta. Ao término da música, os obreiros se dirigiram rapidamente até as portas laterais, localizadas atrás do altar, entregando os alforjes a outros dois obreiros que seguiram porta adentro. Ao mesmo tempo, o pastor pediu para que os 318 homens de Deus, representados pelos obreiros, subissem ao altar e permanecessem com as mãos estendidas para o “povo” que, por sua vez, estava com as mãos no coração. Palavras do pastor: “tem que ter a vitória” e “essa é a hora de conquistar”. A pedido do pastor todos, ficaram com os

olhos fechados, pediam a Deus para que Ele lhes desse visão. Com as mãos no coração e pediam que o caco do vaso se transformasse em vaso de honra.

Durante o programa transmitido pela televisão foi observado que não houve menção alguma a dinheiro ou à prática da oferta. O convite aos telespectadores para que participassem da Campanha Mundial Fogueira Santa de Israel também não explicitava que era necessário doações monetárias de, no mínimo, de 300 reais (salário mínimo da época). O pastor proferiu a palavra sacrifício referindo-se à ida para as reuniões da Catedral da Fé. No depoimento da mulher que alcançou a vitória foi ressaltado o percurso recente de sua vida financeira, enfatizando como era a vida dela e seu cônjuge antes das correntes de libertação iurdianas e a realização do propósito da Fogueira Santa e, depois quando ocorreram as bênçãos: obtidas: a aquisição de um apartamento mobiliado.

Os “testemunhos” obedecem sempre a esse mesmo padrão: a oposição entre o “antes” e o “depois” da participação nos cultos da Igreja Universal. Não há menção de doações financeiras. Porém, nas reuniões da igreja, a troca de dinheiro por bênçãos se apresenta como tônica do ritual. Para um adepto recém chegado, essa mediação das bênçãos divinas realizada pelo dinheiro pode assustar. Isso ocorreu com Samuel logo que começou a freqüentar a Igreja Universal, em 1994, não entendendo o que vinha a ser a oferta e achava um “absurdo as pessoas dando aquilo que não têm”. O ex-bispo Jonas também relatou que quando começou a freqüentar a Universal em 1980, no bairro da Abolição, no Rio de Janeiro, não quis permanecer na igreja pelo aspecto financeiro. Isso porque pessoas de sua família diziam que as formas de pedir dinheiro mais pareciam um leilão de quem dava mais [dinheiro] por um lugar no céu. Disse que o valor solicitado era muito alto para as pessoas humildes que freqüentavam os cultos.

Essas pessoas humildes, que meus informantes descreveram, não são diferentes daquelas entrevistadas pelos pesquisadores do Instituto Superior de Estudos da Religião (ISER), quando realizou uma pesquisa sobre o universo evangélico do Grande Rio, região metropolitana do Rio de Janeiro, em 1998. À época, verificou-se que há uma grande participação financeira dos evangélicos nas arrecadações das igrejas, sendo a participação dos adeptos da Igreja Universal a mais expressiva. Segundo a pesquisa, em todas as denominações evangélicas cobra-se o dízimo (veja-se tabela 2). Dos que contribuem com valores acima do dízimo; 21% são

freqüentadores da Igreja Batista; 20% pertencem às igrejas históricas e os adeptos da Igreja Universal se destacam com 27%.

Tabela 2 – Contribuição financeira – maior ou menor que o dízimo

Contribuições	Assembléia	Batista	Universal	Históricas	Renovadas	Outras Pente- costais	Total
	N=411	N=245	N=218	N=123	N=98	N=237	N=1332
Igual ao dízimo	23%	29%	24%	22%	35%	26%	26%
Maior que o dízimo	14%	21%	27%	20%	12%	18%	19%
Menor que o dízimo	25%	21%	17%	26%	19%	23%	22%
Não contribuiu	33%	26%	24%	29%	25%	26%	28%
NS	5%	3%	8%	3%	9%	7%	5%

Fonte: Novo Nascimento – ISER (1998) (destaque nosso).

Ainda, segundo essa mesma pesquisa, as ofertas para igreja, conforme faixas de renda, se dão na relação inversa da condição sócioeconômica, ou seja, quanto menor a renda, maior a contribuição financeira dada à igreja (tabela 3). A Igreja Universal do Reino de Deus se destaca, nesse contexto, com as ofertas de maior valor que o dízimo. As doações dos que possuem renda menor que dois salários mínimos correspondiam a 35% do total “ofertado” pelos freqüentadores. Esse é o mesmo percentual “ofertado” pelos freqüentadores da Igreja Batista, que recebem entre dois e cinco salários mínimos. As doações que correspondem ao mesmo valor do dízimo somam 37%, entre os fiéis da IURD, que se encontram na faixa de renda maior que cinco salários mínimos. Em relação às outras denominações evangélicas, portanto, a Igreja Universal se destaca na questão de arrecadação do dinheiro entre os adeptos.

Tabela 3 – Ofertas para a igreja, segundo faixas de renda, por denominação

	Assembléia	Batista	Universal	Históricas	Renovadas	Outras Pente-costais	Total
	N=161	N=81	N=80	N=33	N=33	N=80	N=468
Faixa de Renda menor que 2 S.M.							
Igual ao dízimo	31%	32%	27%	37%	43%	29%	31%
Maior que o dízimo	15%	20%	35%	27%	18%	14%	20%
Menor que o dízimo	24%	22%	20%	24%	15%	27%	23%
Não contribuiu	29%	24%	14%	12%	18%	25%	23%
NS	1%	2%	4%	-	6%	5%	3%

Fonte: Novo Nascimento – ISER (1998) (destaque nosso).

	Assembléia	Batista	Universal	Históricas	Renovadas	Outras Pente-costais	Total
	N = 78	N = 61	N = 35	N = 26	N = 16	N = 42	N = 258
Faixa de Renda entre 2 S.M. e 5 S.M.							
Igual ao dízimo	30%	31%	31%	19%	43%	26%	30%
Maior que o dízimo	21%	35%	26%	23%	13%	33%	26%
Menor que o dízimo	32%	21%	17%	35%	25%	24%	26%
Não contribuiu	15%	13%	23%	23%	6%	10%	15%
NS	2%	-	3%	-	13%	7%	3%

Fonte: Novo Nascimento – ISER (1998) (destaque nosso).

	Assembléia	Batista	Universal	Históricas	Renovadas	Outras Pente-costais	Total
	N =22	N =18	N =11	N =14	N =7	N =16	N =88
Faixa de Renda maior que 5 s.m.							
Igual ao dízimo	32%	28%	37%	39%	71%	63%	40%
Maior que o dízimo	23%	33%	36%	29%	29%	25%	28%
Menor que o dízimo	27%	28%	9%	35%	-	6%	21%
Não contribuiu	9%	11%	18%	7%	-	-	8%
NS	9%	-	-	-	-	6%	3%

Fonte: Novo Nascimento – ISER (1998) (destaque nosso).

Os números obtidos pela pesquisa do ISER alimentam as imagens veiculadas pela mídia e alguns pesquisadores (Prandi & Pieruccu, 1996; Mariano, 1999,2002) que sustentam a tese da “exploração da fé” de pessoas com “dificuldades” e “mal-orientadas”, as quais são “induzidas” pelos pastores a doar dinheiro à igreja de um modo “irracional”.

No caso de Samuel e do ex-bispo Jonas, ex-adeptos, citados acima, a primeira impressão sobre a prática monetária da oferta não foi a que ficou. Eles disseram que a não-compreensão da oferta, quando recém chegados à Universal, foi se modificando à medida que começaram a freqüentar com regularidade as reuniões.

Gradualmente foram compreendendo o significado que o dinheiro assume na Igreja Universal. O processo de conversão implica, nesse caso, numa reavaliação de pré-noções.

Mônica Barros (1995) sugere que o ritual da Igreja Universal dá um novo significado ao dinheiro, ou seja, o dinheiro, ao entrar na esfera mágico-religiosa, deixa de ser moeda corrente, valorizada pelo mercado, para tornar-se um “dom” na relação com Deus. A autora cita o texto *O Batismo do Dinheiro*, de Michael Taussig (1987), que adota essa mesma perspectiva. O “batismo” é um ritual que ocorre no Vale do Cauca, na Colômbia, e consiste quando uma pessoa, convidada para apadrinhar uma criança, esconde uma cédula na mão no decorrer da cerimônia. Dessa forma, a cédula fica “batizada” no lugar da criança, que continua pagã. Ao retornar à circulação monetária, acredita-se que a cédula voltará ao seu “padrinho” juntamente com outras, ou seja, retorna sempre com juros. Para isso, ao recolocá-la no circuito comercial, é necessário que o “padrinho” faça uma oração especial. Taussig explica que a “nota batizada” recebe o nome que o rito batismal atribuiu à criança. “(...) Pergunta-se à nota, chamando-a pelo nome, se ela voltará ou não para seu padrinho. Se tudo funcionar a contento, ela em breve retornará trazendo consigo uma grande quantidade de dinheiro. Esta transferência de fundos realiza-se de modo invisível” (1987, págs. 18-20). Michael Taussig ressalta que naquela sociedade, então, em trânsito para o capitalismo, a capacidade de produzir juros e rendimentos monetários não era implícito do dinheiro, mas resultado de uma “intervenção divina”, isto é, considerada sobrenatural, produzida ritualmente. É, portanto, por meio desse ritual que se acreditava que o dinheiro pudesse ser marcado com “propriedades vivificadoras”. O “poder de reprodução do dinheiro”, neste caso, era-lhe atribuído como antinatural, isto é, obtido por acréscimo por meio do ritual do batismo. Taussig ressalta que o rito do “batismo do dinheiro” é considerado imoral: “A criança continua pagã, não batizada. (...) Essa prática é punida severamente pela Igreja e pelo Estado” (pág.18).

A mudança de significado do dinheiro no ritual da Igreja Universal, assinalada por Barros (1995), e outros (Oro, 2001), obedece a essa mesma lógica identificada por Taussig (1987). Porém, na Igreja Universal o dinheiro não perde a condição de valor de troca. Essa condição “original” do dinheiro é ressignificada nos rituais proferidos diariamente nos templos da Igreja Universal. Seguindo a

argumentação de Taussig a respeito do “batismo do dinheiro”, Vagner Silva (2004) afirma que o

“neopentecostalismo ao enfatizar o dinheiro (medida comum do valor de troca de todas as mercadorias) como meio de troca com o sagrado, parte da sua ‘quantificação’ **em termos de lógica de mercado ‘convertendo-o’ em ‘valor de fé’**, ou na lógica da reciprocidade. No mercado, R\$ 10,00 valem menos que R\$ 500,00, mas o que representa esses valores proporcionalmente na vida de cada um, pobres ou ricos, e aos olhos de Deus é outra coisa. É esse ‘valor de fé’ que Deus quantifica em relação ao dinheiro total do sacrificante e o troca por bênçãos (casa própria, emprego, saúde, felicidade conjugal, etc.)” (pág.23). (grifo nosso)

A ressignificação do dinheiro, pela Igreja Universal, se impõe aos adeptos pelas estratégias anteriormente descritas, fartamente analisadas e criticadas por vários autores. A eficácia dessas estratégias tem sido analisada, na perspectiva dos adeptos, no âmbito discursivo. Dessa perspectiva pergunta-se: o que significa dinheiro, oferta, sacrifício, para quem doa?

Em de entrevistas gravadas há 10 histórias de vida entre atuais membros e ex-membros da Igreja Universal, durante os meses de março a setembro de 2005. O perfil dessas pessoas compreende sete casadas, duas solteiras e uma viúva; são provedores de seus núcleos familiares; se encontram na faixa de idade que compreende entre 40 e 60 anos, exceto uma menina de quinze anos e uma jovem de vinte e quatro; seis deles possuem terceiro grau completo; e quatro, o primeiro grau completo; seis participam das reuniões promovidas pela Igreja Universal e os demais são ex-membros.

Ester, 63 anos, funcionária pública federal aposentada, é natural de Recife (PE). Frequenta desde 1995 a Igreja Universal em Curitiba. Sua trajetória religiosa iniciou seguindo os passos do pai, que era espírita. Tornou-se depois espiritualista, adepta da filosofia oriental e das práticas da ioga e da meditação. Disse que “essas práticas respondiam às questões existenciais, mas em nada ajudaram o meu filho a sair das drogas”. Tudo começou quando uma sobrinha dela morreu num acidente de carro. O filho de Ester foi internado cinco vezes numa clínica particular para recuperação, frequentou sessões de terapia e tomava medicamentos. Ela disse ter gasto cerca de 30 mil reais procurando recuperar seu filho.

Em 1993 sua mãe lhe sugeriu que levasse uma peça de roupa do filho para ser ungida na Igreja Universal. Sua mãe havia ouvido na programação de rádio que estaria se realizando uma reunião, para a família, na quinta-feira. Ester respondeu que seu filho estava nas mãos dos melhores profissionais da área e que

eles, por meio da medicina e psicanálise, iriam salvar seu filho e não pela unção de uma roupinha, por um pastor. Ela contou que o estado de saúde de seu filho se agravou em função de uma lesão na garganta provocada por um comprimido. Dois anos mais tarde, Ester começou a escutar e assistir os programas da Igreja Universal por insistência da mãe. Num domingo à noite, quando seu filho chegou transtornado, Ester disse ter tido um “encontro com Deus”. Após ter dado banho no filho e o colocado para dormir, ela se prostrou de joelhos na sala pedindo a Deus uma luz para o problema que estava enfrentando. Conta o episódio:

“Deus, o que mais o Senhor quer de mim? O controle remoto estava no chão da sala e eu me joguei no chão. Encostei no controle remoto. Eu não assistia à programação da igreja naquela época. Só uma vez ou outra, quando mamãe mandava. Estava no ar o programa da Igreja Universal. O pastor dizia naquele momento: ‘Pare de sofrer. Venha para Jesus. Igreja Universal do Reino de Deus. Fogueira Santa de Israel’. E lá fui eu”. (SIC)

Ester freqüentou a Igreja Universal durante os quarenta dias que caracterizavam o período da Fogueira Santa, com dois propósitos: o primeiro, solucionar o problema do seu filho; o segundo, conhecer e saber “quem era Deus”. O sacrifício que fizera nesta época foi o de “lançar-se totalmente” aos apelos do pastor quanto ao valor monetário estipulado para a oferta. Seu filho veio a converter-se posteriormente. Ele começou a freqüentar a igreja com o intuito de averiguar quem era o pastor por quem acreditava que sua mãe estivesse apaixonada.

Ela e seu filho, já convertidos à Universal, tiveram que enfrentar as dívidas com os internamentos. Foi então que começaram a vender plástico, vasilhames de *tupperwer*, na vizinhança, como forma de sacrifício a Deus e também para pagar o restante da dívida:

“Vender plástico?! Eu antes comprava. Sair vendendo plástico para mim, no começo, era muito sacrifício. Era muito humilhante. Como eu estava trabalhando com cerimonial e, de repente, eu fazer aquilo? Aí eu vi que até que dava um bom dinheiro”. (SIC)

A humilhação é compreendida na Igreja Universal como sendo um sacrifício de status, requerido para se obter as bênçãos de Deus. Ester explicou que isto é um exercício que deve ser realizado para que haja desapego das coisas materiais. Deu exemplos de como levantou dinheiro para ofertar nos períodos das Fogueiras Santas: doou jóias para a igreja; seu filho ofertou um relógio de valor; ela vendeu todos os seus CD’s e suas melhores roupas. O dinheiro obtido foi entregue no

altar sob forma de sacrifício. Ester acredita que este se torna fomentador de obras assistenciais, sendo também destinado à manutenção da programação de rádio e televisão da igreja.

Apesar de ter uma renda fixa, Ester revende produtos cosméticos, artigos biológicos, fórmulas de emagrecimento, roupas que traz das viagens que faz para os familiares e amigos próximos. Disse que essa prática aprendeu com os pais, que com a venda dos produtos que traziam de suas viagens cobriam os gastos da mesma maneira. A partir do momento que se tornou representante destes produtos, passou a obtê-los para si pela metade do preço. Ester não considera essa prática de vendas como sua fonte principal de renda. Mas é desta que retira parte das doações em dinheiro que faz à Igreja Universal nas reuniões de que participa. Ela diz que dessa forma segue os preceitos da igreja: “todo o dinheiro que passar na sua mão, 10% é de Deus”. Quando recebe, seja o salário ou os pagamentos dos produtos que revende, ela separa as premissas, os 10% como dízimo. Ela considera esses 10% sua obrigação, pois tem que ser fiel também no dízimo, ao passo que o dinheiro das ofertas é concebido por uma outra ótica.

Ester acredita que as doações em dinheiro dos adeptos servem à estruturação física da igreja e para as obras de evangelização. Ele deve ser ofertado sob a forma de sacrifício para que possa realizar tanto essas obras de evangelização quando interceder junto a Deus na obtenção da bênção. O dinheiro não perde sua natureza: continua a produzir e reproduzir capital, mas é ressignificado. Para entrar na igreja tem que ter uma origem lícita, isto é, entrar “via ritual”.

“Porque se o dinheiro não for ‘sangue’ não sou eu quem estou no altar. Porque o dinheiro me substitui no altar. Tá entendendo? É minha vida. É o que eu tenho. (...) É o dinheiro daquilo que eu coloco, do trabalho das minhas mãos. Porque é minha vida. É sangue. A oferta é sangue. Entendeu?! Na prostituição é uma coisa carnal. Na loteria quantas pessoas deixaram o seu sangue ali para outro levar tudinho?! Muito injusto. E Deus é justo. Deus não aceita isso”, afirma ela.

O início da trajetória religiosa de **Rute** começou quando ela ficou internada num colégio de irmãs localizado no interior do Estado do Paraná. Segundo disse, o fato de permanecer dos 10 aos 12 anos de idade, juntamente com suas três irmãs mais novas, significava, naquele tempo, um status alto para a família, pois manter os filhos num colégio interno católico representava dar boa educação aos filhos.

Rute casou-se e, também, batizou seus três filhos na Igreja Católica. Porém, não estava “satisfeita” com o que havia aprendido a respeito da Bíblia: queria estudá-la. Graduou-se em Desenho pela Faculdade de Belas Artes/PR, vindo a ser professora de artes, no Estado do Paraná, voltada ao ensino fundamental e médio. Procurou cursos teológicos na própria Igreja Católica e na Faculdade de Teologia da PUC-PR, mas não ficou satisfeita. Em 1978 fez o Curso Teológico da Igreja do Evangelho Quadrangular. Foram quatro anos de curso. Ela criou os três filhos na Igreja Quadrangular. Sua filha mais velha ministrava curso de ensino religioso para as crianças desta igreja. Seu filho frequenta os cultos da Quadrangular e também é operador de som na mesma.

Seu ingresso na Igreja Universal, em 1996, resultou de uma curiosidade. Ela assistia aos programas na TV e, juntamente com sua avó, que tinha então 75 anos, resolveu ir à Catedral da Fé, em Curitiba, assistir a um culto. Sua avó frequentava a Igreja Metodista localizada ao lado da Catedral da Fé. Disse ter ido verificar se era verdade o que via na TV: “Diante de tudo o que eu conhecia da Palavra de Deus, queria ver se era verdade o que mostravam na TV. Fui na segunda, depois no domingo. E acabei me envolvendo”, declarou ela.

No que diz respeito à família, Rute procurou primeiro resolver, por meio da Fogueira Santa do ano de 2000, uma grande mágoa que sentia em relação à sua mãe. Contou-me que sua mãe casou grávida aos 15 anos e aos 19 já tinha quatro filhas: “eu sou a consequência do casamento dela”. Quando Rute tinha um ano e dez meses caiu da janela do apartamento da sua avó. Devido à queda, sua visão do olho direito ficou prejudicada. Há três anos fez uma cirurgia a laser em que recuperou parte da visão. “Tenho certeza de que foi minha mãe quem me jogou. Ela nunca gostou de mim. Sempre me batia mais que nas outras [irmãs]. (...) Como foi no apartamento da minha avó, acho que ela se sente responsável pelo que aconteceu e por isso me ajuda até hoje. Porque salário de professora é pouco e ainda mais com marido sempre desempregado, pior ainda”, disse ela.

As intenções com que fez aquela Fogueira Santa foram para libertar-se daquela mágoa que sentia pela mãe, perdoadando-a. Ainda, no que diz respeito à educação que recebera, lembrou de um episódio quando tinha uns 14 anos. Rute acredita que tenha sido sua mãe que convenceu seu pai a bater forte nela, de maneira que deixasse marcas no corpo. O motivo da surra foi coisa de criança, que para ela não se justificava, pois o motivo era banal. Disse que no dia seguinte sua mãe levou-a

ao colégio e mostrou às professoras, às supervisoras e para a diretora as marcas da surra que seu marido dera “para mostrar que estavam educando bem as filhas”. Ela disse que a sua mãe se preocupava com as aparências: “Ela [sua mãe] era doida por dinheiro. Vivia fazendo competição com meus tios ricos de quem tinha o melhor”. Acredita que em função disso desenvolveu “horror ao dinheiro”. “Eu não sei vender os quadros que faço. Não consigo colocar um preço neles. Quando alguém se interessa eu prefiro dar do que vender. (...) Acho que vou ter que me ‘libertar’ disso também”. Esse relato em sua entrevista foi interessante porque a Igreja Universal prega que para uma pessoa conseguir prosperar financeiramente ela “deve” encontrar outras maneiras para levantar dinheiro, principalmente no período de Fogueira Santa. Os pastores costumam ilustrar essa situação através da venda de bombons na porta da igreja, por exemplo. “É a minha arte. O meu momento de prazer. Tenho o meu salário. Tá ótimo”.

Quanto às práticas financeiras, com relação à Igreja Universal, Rute faz a obrigação bíblica do dízimo uma vez por mês, porque só tem um salário. As ofertas ela diz que realiza de acordo com a “vontade” e quando tem dinheiro: “como eu ganho pouco, eu dou pouco para Deus. Mas ele me abençoa”. Essa não é a lógica das doações pregada pela Igreja Universal. Freqüenta as reuniões Corrente do Jejum das Causas Impossíveis; no sábado e no domingo a Corrente do Grande Encontro com o Senhor, sempre pela manhã. O que busca nessas reuniões é a solução para os seus problemas diários, como a indisciplina dos seus alunos, os problemas de seus familiares e amigos, procurando interceder por eles nas reuniões: “o que eu busco é o amor, o respeito, a consideração para com as outras pessoas, sem medo ou algum tipo de receio. Porque dinheiro não é tudo na vida”, afirma.

A última participação monetária dela foi nessa Fogueira Santa - Fé de Gideão. Ela praticou o “sacrifício perfeito”, ou seja, fez doação do valor mínimo estipulado pela Igreja Universal, de R\$ 300 reais. Pediu para Deus que curasse ou “levasse” seu sogro, que estava com câncer no intestino, bem avançado. Entregou o sacrifício no dia de 10 de janeiro de 2005. Seu sogro faleceu dez dias depois. “Pedi pela libertação do meu sogro e fui atendida”.

Ana, natural de Curitiba, tem 37 anos, é casada desde os 16 e é mãe de três filhos. Está cursando a 8.^a série do ensino fundamental. Quanto à sua profissão, ela disse ser empresária, pois gerencia uma loja de material de construção, mas

registrou-se há pouco tempo como balconista para pagar menos impostos e tirar um fixo de R\$ 450,00. Sua mãe é católica e o pai evangélico da igreja Deus é Amor. Não realizou nenhum dos rituais católicos, como batismo, crisma e primeira comunhão.

Seu primeiro contato com a Igreja Universal deu-se em 1999, durante as madrugadas em que esperava seu marido voltar do futebol com os amigos. Desde então, o marido a critica dizendo que ela dá dinheiro para pastor. Ela disse que hoje em dia não discute mais com ele e que continua acompanhando a programação da Universal, só que pelo rádio, num walkman. Os últimos cinco anos passou a freqüentar a Catedral da Fé com mais assiduidade, diferentemente da época em que ia numa igreja do bairro onde mora. Participa das reuniões da segunda-feira da Corrente da Prosperidade; da Corrente da Saúde às terças-feiras e no domingo, às 18h00, da reunião do Vale do Sal. Teve, recentemente, problemas com os dois filhos. O mais velho envolveu-se com drogas e indisciplina no colégio; o segundo filho está atormentado e não consegue dormir à noite. Disse que o coloca no colo e faz uma oração forte sem que perceba.

Quando freqüentou a reunião da Prosperidade, em março de 2002, no horário das 15h00, Ana fez o seguinte propósito: entregar os 10% do dízimo durante a Campanha da Purificação. Ela explicou que à época não sabia como definir o valor do dízimo, pois não era registrada e estava apenas gerenciando a sua loja. Então, decidiu que no período da Campanha, que durou cerca de dois meses, entregaria 10% do lucro total da loja sob a forma de dízimo. Quanto ao valor doado, limitou-se a dizer apenas que conseguiu realizar esse propósito, sem quantificá-lo.

Na Campanha Mundial da Fogueira Santa, do início de 2002, Ana pediu, no propósito, para ser gerente de uma loja. Disse que o dinheiro que entregou no altar sob forma de sacrificio foi o mínimo estipulado pela Igreja Universal. No mês seguinte, em fevereiro, seu pai convidou-a para administrar essa loja de material de construção que havia comprado de um amigo na Região Metropolitana de Curitiba. Depois de ter “recebido o que pediu a Deus”, Ana não participou mais de nenhuma outra Fogueira Santa. Disse que prefere participar das reuniões da Prosperidade porque ali aprendeu que não vai ficar rica de uma hora para outra, muito menos desanimar ou desistir. “E também aprendi a não dar ouvidos ao que os outros falam”, completa.

Ana lembra de uma situação interessante. Em uma das reuniões do Vale do Sal, ela ofertou R\$ 10 com o propósito de que cessassem as brigas que sua

mãe promovia entre ela e suas irmãs, em vez de dar esse valor para uma das suas irmãs, que estava, na época, desempregada. Na sua concepção esse foi o seu sacrifício, porque ela poderia ter dado esse valor para sua irmã, mas optou pela solução de seu problema com a mãe.

Quanto à prática da oferta, Ana disse que a quantia que ofertava à IURD era em torno de 1 real ou uma “moeda”, enfatizando em seguida: “nada de fanatismo”. Quando pressionada nesse ponto, sobre os valores monetários, ela alegou: “não, não fazem lavagem cerebral na minha cabeça”. Explicou que pensava que ao colocar o dinheiro no envelope, ou o sacrifício sobre o altar, a sua parte já estava feita e, assim, só faltava Deus realizar a dele. Após as várias explicações dos pastores nas reuniões que freqüentou, antes de ser “abençoada” com a gerência da loja, Ana contou que a forma “certa” de realizar o “voto com Deus” é sob a forma do sacrifício: o dinheiro a ser entregue é “aquele que vai te fazer falta; essa doação tem que doer; tem que ser uma entrega difícil e ter confiança na realização do pedido, e não ter dúvida se vai ou não ser realizado”. Aqui há uma reprodução do discurso religiosos sobre a oferta de dinheiro.

Ana disse não pensar que o dinheiro ofertado vai para o bolso dos pastores, sendo gasto em viagens para o Caribe ou na compra de carros de luxo, como diz seu esposo. Se fizerem isso, argumentou, são “eles que vão acertar as contas com Deus e não eu”. Acredita que o dinheiro entregue nos alforjes seja para o pagamento das despesas da igreja.

Rebeca, de 15 anos, é vizinha de Ana. Natural de Pelotas (RS), mudou-se com o pai e a madrasta para Curitiba em julho de 2004. É católica de família e, ainda em Pelotas, freqüentava junto com a avó a missa de domingo e, em Curitiba, ia num grupo de oração às segundas-feiras à noite junto com a madrasta. Começou a namorar o filho mais velho de Ana passando a freqüentar a casa desta nos fins de semana. Em função dos problemas de saúde do pai, depressão da madrasta, o envolvimento da sua prima e do seu namorado com as drogas e a mágoa de ter uma mãe que não conhece, Rebeca aceitou o convite de Ana para ir às reuniões da Universal na Catedral da Fé.

Desde abril de 2006 trabalha como estagiária numa loja de computação, atividade que exerce três vezes por semana, recebendo R\$ 20 por dia. Quando perguntado se ela ofertava, disse que doava uma moeda quando seu pai lhe dava algum dinheiro, antes de começar a trabalhar, ou então, Ana lhe dava uma

moeda para entregar no alforje e em troca recebia o jornal Folha Universal. Como esta entrevista foi realizada perante Ana, ela interveio nesse momento, alegando que Rebeca ainda é muito nova e por isso não entendia o que vinha a ser a oferta. “Ela não tem cabeça para isso”, disse. Outro fato narrado por Ana foi uma reunião em que Rebeca estava sentindo fortes dores na bexiga. Ana pediu que um pastor orasse sobre o local. Quando perguntei a Rebeca se a dor desapareceu, ela disse que “depois que fui na Universal dói bem pouquinho”(SIC).

A estagiária de Jornalismo, **Marta**, foi a última das adeptas entrevistadas, depois de estabelecer contato com ela através de um amigo em comum. Marta tem 24 anos e está cursando o terceiro ano de Jornalismo numa faculdade particular. Natural da cidade de São Paulo, veio morar junto com a mãe em Curitiba, em julho de 2002. É solteira e possui renda fixa. Trabalha como produtora dos programas exibidos pela Igreja Universal e escreve matérias educativas para o Grupo Jovem, publicação interna mantida pela igreja e direcionada para o público jovem.

Sua trajetória, até se converter para a Igreja Universal no início de 2003, foi marcada, segundo suas próprias palavras, por momentos muito difíceis. Filha única de pais separados, Marta disse que sua vida espiritual religiosa dividia-se entre o catolicismo da mãe e as idas aos terreiros de umbanda acompanhando o pai. Ela rezou até aos 14 anos de idade, antes de dormir, e rezava o terço três vezes quando queria obter ajuda divina. Aos 16 anos fumava dois maços de cigarro, por dia, e bebia muito. Nessa época ingressou no grupo de teatro Macunaíma, em São Paulo. Dizia ter ali descoberto sua sensualidade e “virou do avesso”. Encenou a peça *Dois perdidos numa noite suja*, de Plínio Salgado, dentro de uma casa de strip-tease localizada na capital paulista conhecida como “boca do lixo” à meia-noite. Disse que não fez programa na boate e que apenas aprendeu a dançar e a fazer strip-tease, pois fazia o papel de uma prostituta, na peça. Ali aprendeu a fumar maconha. Nessa época, estava namorando um rapaz, mas o relacionamento era conturbado. Para segurá-lo, Marta aceitou a chantagem de um tio - cunhado de seu pai -, que também freqüentava a umbanda. Este arranjava-lhe “encontros” com homens para que ela transasse com eles em troca de dinheiro. Caso ela se recusasse ele ameaçava fazer um “trabalho” para prejudicar o seu namorado. O primeiro homem da lista foi esse tio.

Marta disse ter colocado um fim a essa chantagem quando veio morar com a mãe em Curitiba. Deixou para trás o curso de teatro, um emprego como telemarketing de um hotel, um estágio à noite numa rádio. Conseguiu transferir a

matrícula da faculdade. Após dois meses já estava freqüentando a faculdade. Era tida pelas colegas como uma menina chata e encenqueira. Tinha apenas uma amiga, que era obreira da Igreja Universal e Marta não sabia disso precisou de sua ajuda. O namorado de São Paulo veio passar um final de semana no apartamento de Marta e os dois tiveram um briga definitiva. Então, ela foi para casa da amiga e no domingo à tarde esta a levou a uma reunião da Universal na Catedral da Fé. Disse que ali se sentiu amada e acolhida. Passados alguns dias, Marta levantou às três horas da manhã assustada dizendo que tinha visto um vulto preto ao seu lado na cama. Ligou para a amiga, que fez uma oração de descarrego.

Após um ano freqüentando as reuniões na Catedral da Fé e já tendo sido batizada nas águas, Marta disse ter recebido o batismo do Espírito Santo num domingo em que estava sozinha em casa orando a Deus. Trabalhava numa loja de roupas, dizimava, tinha parado de fumar e de beber. Participou da Fogueira Santa ocorrida em julho de 2003, fazendo o seguinte propósito: dali em diante iria manter relações sexuais com um homem somente após o casamento. Conseguir ofertar o valor mínimo estipulado pela igreja promovendo a rifa de uma cesta de café da manhã entre as colegas de faculdade e os vizinhos. Contou que a partir dali as coisas começaram a mudar. Outro propósito que fez foi freqüentar as reuniões de 3.^a à 6.^a, às 7h30, na Catedral da Fé, em jejum, para conseguir vender o apartamento em São Paulo. Ofertava entre 10 a 20 reais nesta ocasião e “sempre de acordo com as minhas posses”, disse. Quando passou a ser dizimista - doando valores entre 50 e 70 reais -, Marta disse que sua mãe conseguiu comprar dois apartamentos, um deles está alugado; também conseguiu comprar um carro para si.

Entre agosto e setembro de 2003, Marta fez a Campanha do Anjo⁴⁶ nas reuniões da quarta-feira (Corrente dos Filhos de Deus). Disse que manifestou o mal pela primeira vez quando tomou o vinho do chamado cálice da libertação. Lembra de ter ofertado, na ocasião, a quantia de 20 reais. Na seqüência participou da Fogueira Santa (2003-2004), pedindo para que fosse transformada em uma mulher de Deus⁴⁷. Como havia arranjando um novo emprego, entregou como sacrificio o valor de R\$ 900,00 (novecentos reais) correspondente à totalidade de seu salário mais o dinheirinho extra que ganhou de suas tias como presente de Natal. Em junho de 2004, participou de outra Fogueira, pedindo pela sua vida sentimental. Entregou o valor do

⁴⁶ Segundo Marta, essa campanha correspondeu ao pedidos feitos ao Anjo do Senhor para que este libertasse os fiéis das [situações de] angústias e medos.

⁴⁷ Para Marta, ser uma “mulher de Deus” é não beber, não fumar, freqüentar os cultos, ser amável com as pessoas e, principalmente, manter relações sexuais somente após o casamento.

seu sacrifício no altar após ter vendido os cd's, roupas e livros que não mais lhe interessavam. Em uma outra Fogueira, 2004-2005, pediu para ser obreira e ali provou da chamada “fé burra”: Marta retirou o dinheiro do seu limite no banco e o ofertou. Ela já tinha algumas dívidas e dessa forma acabou por aumentá-las. Disse ter aprendido com essa experiência que “o sacrifício não é destruir a sua vida fazendo dívidas”. Permaneceu endividada por seis meses. Por intermédio do marido de sua amiga, soube da possibilidade de um emprego no departamento de jornalismo da produtora da Igreja Universal. Enviou seu currículo. Passou nos testes e foi contratada como produtora do programa do bispo regional, para o qual trabalha. Desde maio deste ano namora um obreiro da igreja.

A entrevista que segue foi concedida pelo único homem que, ainda, frequenta a Igreja Universal, dentre os entrevistados. **Samuel** tem 52 anos e o primeiro grau completo. É natural de Siqueira Campos (PR) e continua “casado no papel” com sua primeira esposa, tendo tido três filhos, embora esteja morando com outra mulher há uns cinco anos. O motivo da sua separação foi a desconfiança da sua esposa quanto à sua fidelidade. Eles casaram na Igreja Católica e encaminharam os filhos nessa direção. No entanto, Samuel descobriu, anos depois, que sua esposa era mãe de santo. Depois de muitas brigas em casa, ele começou a frequentar os cultos da Igreja Universal, à época (1994), localizada na Al. Dr. Muricy, em Curitiba. Sua esposa o criticava dizendo que ali naquela igreja só havia “pastor sem-vergonha”. No final de 1994 ele tomou uma atitude: saiu de casa. Contou que a gota d’água foi quando encontrou embaixo do colchão uma camisa sua bem-passada, com as mangas cruzadas e com um “monte” de galhos de arruda, pimenta e ramos de alfazema amarrados sobre ela. Percebeu que sua esposa tinha feito um “trabalho” contra ele. Separou-se dela. Hoje ele se arrepende do que fez, pois esse episódio é uma ferida que o impede de ser obreiro ou pastor na Universal.

Samuel trabalha como responsável pelo setor de peregrinos numa rede de lanchonete em Curitiba. Não quis dizer qual o valor do seu salário, mas garantiu que retira o valor do dízimo uma vez por mês. Quanto às ofertas disse que se ofertasse R\$ 50,00 ou R\$ 100,00, tanto faz, pois não iria resolver a sua ferida porque são valores pequenos perto da dor do seu problema. Ele disse ofertar o que dispunha no bolso. Em seguida, contou que nas reuniões que frequenta, às quartas-feiras e domingos, oferta sempre 5 reais. Quando participa de uma campanha, oferta o valor que está escrito no envelope. Participou das duas últimas Fogueiras Santas em

junho/julho de 2004 e dezembro/janeiro de 2005. Seu pedido a Deus era tornar-se dono do seu próprio negócio, no máximo em um ano. Também tem buscado a “cura” de seu joelho e cotovelo, na igreja; pede normalmente pela sua família e pelo seu trabalho. Samuel sente-se em dívida com Deus por causa de sua separação, por não ter transformado a sua vida familiar, de forma a não abandoná-la. Diz sentir-se fiel a Deus quando não fica devendo nada para ninguém, e não adquire dívidas: “Deus é nosso sócio. Não deixa faltar nada”.

Foi entrevistado, também, um ex-membro da Igreja Universal que ocupou um dos postos mais altos da hierarquia da igreja. Vamos chamá-lo de ex-bispo **Jonas**. Em meados de 1993, ele era o líder da Igreja Universal no estado de Minas Gerais.

Em 2000, ele desligou-se da cúpula iurdiana por discordar de alguns procedimentos do bispo Edir Macedo. Disse ter sugerido ao bispo que este criasse uma fundação da Igreja Universal, conforme o modelo do bispo R. R. Soares, da Igreja Internacional da Graça de Deus, à qual caberia gerir o dinheiro arrecadado nos templos. Essa fundação poderia emitir recibo aos fiéis, permitindo que esse dinheiro fosse debitado do Imposto de Renda. O bispo Macedo não aprovou a idéia e Jonas deixou a instituição depois de vinte anos de conversão. Foi claro ao mencionar que “existe um Edir Macedo antes e depois da compra da TV Record”. Segundo Jonas, foi com o dinheiro dos adeptos que Edir Macedo comprou a Record, colocando a empresa em seu nome: “ele [Edir Macedo] é empresário hoje. É dono da Record”.

Jonas, 47 anos, é natural da cidade do Rio de Janeiro (RJ), casado e pai de 2 filhos. Tem 3.º grau completo, tendo se formado em Administração na Fundação Getúlio Vargas, no Rio de Janeiro (FGV/RJ), na década de 80. Era, então, bispo regional da Igreja Universal naquela cidade. A falta de estímulo à formação dos pastores é outro ponto de crítica a Edir Macedo. Segundo Jonas, a maioria dos pastores da Igreja Universal não tem o segundo grau completo e que vêm de profissões de remuneração muito baixa. A Igreja Universal exige dos pastores que permaneçam vinte e quatro horas na obra de Deus. Segundo o ex-bispo Jonas, isso prejudica o futuro desses jovens, pois caso não se adaptem à rotina de um pastor perdem a referência com o mercado de trabalho. Ele, para garantir o próprio futuro e o de sua família, diz ter conseguido com muito sacrifício conciliar suas atividades de evangelista com as tarefas da faculdade. Também alegou que as constantes viagens e um lugar indefinido para morar com sua família foram motivos de insatisfação com a

instituição. Contou que quando liderava a igreja em Recife (PE), no início de 1995, o bispo estadual foi notificado pelos pastores locais quanto à maneira de Jonas “liderar o rebanho”. Em seguida, ele foi transferido para Curitiba. Ali encontrou a Igreja Universal estruturada com base em laços de amizade e confiança envolvendo a cúpula da igreja local e os adeptos Isaías e Mateus (explicação a seguir), o que também alimentou sua insatisfação com a instituição.

“Não posso ficar mal num lugar. Quando percebi que não tinha mais nenhuma afinidade com a direção da igreja, eu me retirei e reiniciei minha vida em Curitiba”, declarou.

Quanto à sua trajetória religiosa, Jonas disse ser filho de pais católicos e neto de avós paternos espíritas. Aos domingos ia na Igreja Católica e durante a semana ia ao centro espírita frequentado pelos avós. Disse que dessa maneira sua vida espiritual ficou dividida. No final dos anos de 1970, quando tinha 20 anos, ingressou no serviço público, trabalhando como funcionário na Companhia Telefônica do Estado do Rio de Janeiro (TELERJ). Passados dois anos, teve uma crise de depressão por causa da morte do pai, tomava remédios inclusive para dormir. Foi quando em 1980, por meio de um convite de uma amiga, foi a uma das reuniões da Igreja Universal, localizada numa antiga funerária no bairro da Abolição, no Rio de Janeiro. Achava muito estranha a maneira como Bispo Macedo fazia menção às ofertas. Seus parentes diziam que parecia um “leilão”. Mas Jonas foi ficando e disse que com o dinheiro das ofertas o pastor Macedo comprava horários no rádio e na televisão para divulgação do Evangelho. “Vi essa arrecadação como um investimento na obra de Deus”. Mas o que realmente foi decisivo para a sua conversão foi o combate aos espíritos promovido pelo pastor Macedo. A cena teatral que se instaura no altar com o pastor exercendo autoridade e poder sobre os demônios o impressionou. Pensou consigo mesmo naquela época: “esse cara vai resolver a minha vida”. Leu em seguida *Orixás, Caboclos e Guias: deuses ou demônios?*, de autoria do bispo Macedo. Converteu-se a esta denominação e foi “levantado” a pastor em 1983 e, em seguida, a bispo. Depois de anos na igreja, Jonas passou a discordar dessa postura iurdiana. Nas suas palavras:

“O [bispo] Macedo afrontava a fé das pessoas durante os cultos, e nos programas [de rádio e televisão] apresentava a Igreja Universal como a única que vai resolver os problemas da sociedade brasileira. Se fosse dessa forma seria maravilhoso. Mas não é assim. É somente Deus. Deus. Temos que fazer a nossa parte”.

Perguntei-lhe sobre a prática da oferta e dízimo na época em que era membro. Ele disse que como tinha fonte de renda fixa retirava os 10% equivalentes ao dízimo. Quanto às ofertas limitou-se a dizer que quanto mais levasse para contribuir para a obra de Deus, maior seria o sinal de gratidão. Essa era a mensagem que, quando era pastor, repassava às pessoas. Para o ex-bispo, as ofertas maiores, que os adeptos podem dar, são vistas como gratidão a Deus por bênçãos alcançadas. Como o dinheiro que entra nos alforjes de veludo vermelho é proporcional à quantidade de pessoas presentes nas reuniões, Jonas procurava explicar para aqueles que não dispunham de dinheiro, que deveriam fazer um esforço para alcançar o êxito através da construção da oferta. Sugeria, por exemplo, às pessoas que fizessem faxina ou então vendessem latinhas de alumínio e levassem parte da oferta do seu sacrifício a Deus. Segundo ele, o resultado desse trabalho é o recebimento da graça pela fé da pessoa em Deus.

Jonas procurou resolver vários problemas através das correntes e reuniões que freqüentava quando era membro. Conseguiu resolver alguns, como a obtenção da pensão para sua mãe viúva; a vida financeira de sua família se estabilizou; parou de tomar remédios para depressão e para dormir; e, então, se entregou como “sacrifício-vivo” para ajudar na obra de Deus, deixando o emprego de servidor público na TELERJ para tornar-se pastor. Contou que como pastor e bispo orientava as pessoas no sentido do estímulo da fé.

“Nem sempre a pessoa alcança, mas ela não deixa de suplicar a Deus. Alguns conseguem, outros não. A orientação da Igreja era a seguinte: ‘não foi da vontade de Deus. Não é o seu melhor, segundo Deus’”, comentou.

Isaías também é um ex-adepto da Igreja Universal. Iniciamos a entrevista perguntando sobre a sua participação na igreja, ele disse com entusiasmo: “Eu tinha autoridade sobre os obreiros, mas não era obreiro. Eu tinha autoridade sobre os pastores novos, mas não era pastor”. Foi justamente essa liderança, que exercia sobre os pastores e obreiros na antiga sede da igreja localizada na Al. Dr. Muricy, um dos motivos da sua saída da instituição. O problema ocorreu em 1995, quando o ex-bispo Jonas foi nomeado bispo regional no Estado do Paraná. Ele não aprovava as práticas adotadas por Isaías que contabilizava, no domingo, o dinheiro arrecadado nas reuniões durante a semana; fundou, junto com a segunda esposa, a Escolinha de Ensino Bíblico para as crianças; foi candidato a vereador pela Igreja Universal na

legenda do PDT; comprou dois horários no rádio, um se chamava Bolsa de Empregos, transmitido entre as 7h00 e 8h00; o outro, Viva a Vida, era destinado a pregar a palavra de Deus. Como era diretor da Obra Social da Igreja Universal fazia viagens pelo interior do Paraná e levava alimento para os pastores da Igreja Universal, que “chegavam até a passar fome”. Essa cesta básica de alimentos era paga com dinheiro dele, pois a igreja pagava a manutenção do seu carro e o combustível. Foi avalista de vários imóveis alugados pela Igreja Universal juntamente com Mateus (próximo entrevistado), um dos braços-direitos do bispo João Batista. Ambos realizaram, por dois anos, o sopão da Universal nas praças Tiradentes e Rui Barbosa. Eles arrecadavam os alimentos que não eram vendidos nos boxes da CEASA, pertencentes a comerciantes evangélicos. Com alguns voluntários da igreja faziam três panelas tipo merendeira, com capacidade para 150 litros, e entregavam pães. Isaías disse que fazia esse trabalho com a finalidade de promover resgate de almas. Alguns viciados abordados, nessa época, são hoje pastores da Igreja Universal.

Isaías conquistou a confiança da cúpula iurdiana de Curitiba por meio de um trabalho realizado ao longo de doze anos. De família católica, estudou num seminário até completar os estudos do ginásio. Formou-se na Faculdade de Direito e Administração. Tem 62 anos, está casado com sua segunda esposa e tem, ao todo, quatro filhos. Perguntado sobre qual era sua profissão respondeu: “sou do comércio”. Possui um escritório de representação de máquinas e equipamentos para a construção civil. Contou que fez o seguinte propósito com Deus: quando conseguia a representação de uma máquina nova, gostaria de vendê-la em seis meses. Caso conseguisse seu propósito, 50% do valor dessa venda para o dízimo referentes a esses seis meses. Ou seja, ele não comprometia o seu ganho fixo e, ainda, ficava quite com a obrigação do dízimo alegando que doava mais que os 10% mencionados na Bíblia. Nos seis meses seguintes ele repetia essa mesma operação, com outra representação, na medida em que a anterior já havia sido anexada aos rendimentos fixos. Quanto às ofertas disse que os valores que doava correspondiam àquilo que achava que deveria dar e não o que eles [os pastores] pediam. Em geral, suas ofertas eram em torno de 200, 100 e 50 reais, alegando o seguinte: “você dá de livre e espontânea vontade”. Em época de Fogueira Santa participava com o valor mínimo estipulado pela instituição e pedia para ter uma saúde perfeita para nunca precisar ir ao médico. Disse que alcançou o que pediu. Buscava pela paz na primeira família e na atual, paz com os amigos e conhecer a palavra de Deus. Saiu da Igreja Universal, em 1995, por ter tido

algumas desavenças com o ex-bispo Jonas e expressou o desejo de conhecer mais a Bíblia.

Depois de ter saído da Igreja Universal, participou da Igreja Sara Nossa Terra, por cinco, anos e atualmente participa da Igreja Reviver em Cristo. Contou que é o responsável pelo setor financeiro da instituição e que quando o dinheiro das ofertas não cobre o valor do aluguel ele se dirige até o altar no final das reuniões e, com a permissão do pastor, arrecada junto aos presentes o dinheiro necessário. Conta as notas em público e agradece aos que colaboraram. Disse que faz isso porque todos ali o conhecem. O dinheiro, segundo Isaías, é uma intercessão do seu pedido junto a Deus porque Ele é dono de tudo. Dar dinheiro é para o crescimento da Sua obra, para que a Palavra de Deus seja levada aos que necessitam dela como também para a bênção de um irmãozinho.

Isaías apresentou **Mateus**, seu amigo desde os tempos da Universal. Este foi avalista dos imóveis locados pela igreja e também, fazia a auditoria contábil e a folha de pagamento dos funcionários da produtora da igreja e a contabilidade da ABC (Associação Beneficente Cristã), até 2004. Mateus é contabilista de profissão, tendo se formado em Contabilidade pela FAE/PR. É casado e pai de dois filhos. Sua filha mais nova teve uma séria infecção ao nascer. Ele e a esposa recorreram a vários tratamentos médicos, mas não obtiveram sucesso. De família católica, Mateus procurou padres, benzedores e curadores para sanar o problema de saúde de sua filha, indo, por último, no espiritismo. Permaneceu por oito meses obtendo uma leve melhora da saúde de sua filha. Foi sua esposa que escutou, em 1980, no rádio, o seguinte desafio:

“se uma pessoa está sendo tratada pela intercessão dos espíritos, ela não iria melhorar, porque esse tratamento é maligno. Mas, caso a pessoa aparecesse curada pelos espíritos, ele, o pastor, iria rasgar a bíblia”(SIC).

O programa terminou com um convite, desse mesmo pastor, aos ouvintes para que comparecessem à Igreja Universal do Reino de Deus, então localizada à Al. Dr. Muriciy, no centro de Curitiba. Mateus e sua esposa foram à igreja. Aproveitou a oportunidade para procurar ajuda para seu cunhado, que estava envolvido com drogas. Com o passar do tempo, Mateus e a esposa viram que sua filha fora curada pelo pastor, assim como seu cunhado, que havia deixado o vício. Todos se tornaram adeptos da Igreja Universal e também ajudaram na obra de Deus, juntamente com Isaías.

Como tinha uma fonte de renda fixa, pagava os 10% do valor do dízimo mensal dessa renda. Quanto às ofertas, Mateus disse que fez um propósito a Deus: sempre ofertar a maior nota que tivesse no bolso no momento de sua participação nas reuniões. Na da Fogueira Santa oferecia como sacrifício os maiores valores de que dispunha, tendo chegado a ofertar uma carta de crédito no valor de 20 mil reais. Em meado de 1992, por indicação do bispo João Batista, saiu como candidato a vereador em Curitiba pela legenda do PDT, mas não conseguiu se eleger. Essa indicação do bispo João Batista foi decorrente da amizade e da confiança que este tinha em Mateus. Desde 1987, o escritório de contabilidade de Mateus fazia auditoria contábil para a Igreja Universal do Estado do Paraná. Disse que era contrato, não trabalha de graça, muito menos oferta este serviço para a igreja. Em troca, Mateus avalizava os contratos para locação dos imóveis e que nunca teve problemas dessa ordem.

Permaneceu na Igreja Universal entre 1980 e 1995, retirando-se no mesmo período que seu amigo Isaías. Alegou que saiu da igreja porque “desejava conhecer mais a palavra de Deus” sendo a Universal “uma igreja muito boa, mas para os iniciantes, aqueles que não conhecem nada da vida espiritual”. Frequentou a Igreja Quadrangular, a Igreja Sara Nossa Terra e, atualmente, é membro da Igreja Cristã “O Chamado”. Depois que saiu da Igreja Universal foi indicado pelo Bispo João Batista para assumir o cargo de diretor-superintendente regional da Rede Record em Santa Catarina. Trabalhou por dois anos recebendo um salário de R\$ 10 mil, por mês, por três dias de trabalho na semana, além de hospedagem em apart-hotel, locação de carro e alimentação. Disse que, após “quinze anos de contribuição nos dízimos e ofertas Deus foi justo; me devolveu”.

Fizemos contato com entrevistado, a seguir, no escritório do Isaías, no dia seguinte à sua entrevista. O pastor **Tiago** é conhecido de Isaías e de Mateus desde os tempos da Muricy. Sua trajetória religiosa começou na sua cidade natal, Rio de Janeiro. Filho de mãe espírita e pai católico, Tiago frequentou o centro espírita juntamente com a sua mãe e irmãos, permanecendo por quatorze anos nessa instituição. Com a morte do pai, em 1980, sua irmã começou a beber, seu irmão adquiriu diabetes e ele começou a ter desejos de beber. Atribuiu esses males aos espíritos que não o ajudavam; eles estavam sim, afundando sua família financeiramente. Por praticar atletismo, conseguiu uma bolsa de estudo integral num colégio anexo à Universidade Gama Filho do Rio de Janeiro, na zona sul, enquanto

morava em Rocha Miranda, subúrbio carioca. Faltava às aulas e aos treinos, começou a roubar rádios dos carros dos alunos do colégio para vender e assim conseguir dinheiro para beber. Como ele apenas estudava, conseguia alguns trocados sendo baterista da escola de samba da Portela. Disse que ali ele teve contato com o candomblé, sendo filho de Ogum e Yemanjá.

Como sua mãe vivia apenas da pensão do marido, Tiago foi trabalhar como servente num hospital. Ele havia sido expulso do colégio por roubo. A situação familiar, porém, estava se agravando. Sua mãe resolveu procurar ajuda do, então, pastor Edir Macedo, após escutar um programa, no rádio da Igreja Universal. Depois de alguns meses sua mãe não apenas estava freqüentando a igreja como havia se convertido e era fiel no dízimo. Decidiu ir com sua mãe à Universal armado e “meio bêbado” tirar satisfação com o pastor Macedo e saber porque sua mãe havia cortado a sobremesa em casa - goiabada com queijo minas - para dar sob forma de dízimo.

“Seu safado. Você está roubando dinheiro da minha mãe. Vou acabar com a tua raça, Macedo”. (SIC) “E daí, ele colocou a mão no meu ombro e começou a orar. Eu mandei ele tirar a mão do ombro. Aí, perguntei para ele, apontando a arma para ele, se ele não tinha vergonha de roubar dinheiro da minha mãe com essa história de dízimo. De repente, se formou em volta de mim uma roda com um monte de pastor orando. Eu fiquei sem o que fazer. Minha mãe conseguiu tirar a arma de mim e guardou na bolsa dela. Foi quando o pastor Silvério disse [me lembro como se fosse ontem]: ‘jovem, um dia você vai passar pelo mesmo que passei e está expondo eu e o pastor Macedo. Você vai ser um pregador do evangelho. Eu estou profetizando isso para você’. Mas na hora respondi assim: ‘você acha?! Olha bem para minha cara rapaz. Um cara pagodeiro que nem eu que desfila na Portela... você acha que eu vou sair crente daqui? Eu só vim porque minha mãe pediu” (SIC).

Isso ocorreu em 1982. Contou que tinha ido numa cerimônia de batismo acompanhando a mãe meses mais tarde e, num determinado momento, todos os presentes estavam batendo palmas, exceto ele. Uma senhora que estava a seu lado disse-lhe que não precisava ter medo, pois suas mãos não iriam cair. “E desse momento até hoje eu bato palmas para o Senhor Jesus, filha”. Foi levantado a obreiro na metade de 1983 pastor no final desse ano. Outro fato interessante que recordou ocorreu em junho de 1982, durante a Copa do Mundo de Futebol. Disse que o bispo Macedo sofreu um acidente de carro na serra de Petrópolis quando saía de sua casa em direção ao Rio de Janeiro, quebrando os braços e as pernas. Mas mesmo assim, fazia os cultos sentado na cadeira de rodas. Essa casa de Petrópolis foi vendida mais

tarde para comprar a primeira emissora de rádio da Igreja Universal, a rádio Copacabana.

Com relação aos dízimos e ofertas, na época em que era servente no hospital, buscava nas reuniões da Igreja Universal solução para a situação financeira da família; queria também poder viajar e arrumar uma namorada. Retirava mensalmente os 10% do dízimo do salário que recebia no hospital, além de ofertar. Sabia que o dinheiro recolhido nas reuniões servia para comprar horários no rádio e na televisão e, também, para financiar as viagens dos pastores para Israel. Entretanto, disse que uma vez fez uma barganha com Deus: como gostava de viajar, deu como oferta o valor alto que retirou da poupança porque precisava de cinco mil cruzeiros para acampar. Não recebeu nada em troca. Disse também que não conseguiu alcançar nenhum dos pedidos que fez na Fogueira Santa com relação à vida financeira.

Largou da Universal em 1995, quando estava em Curitiba, período em que também saiu de casa deixando a esposa e os dois filhos. Alega que sua esposa o havia traído e contraído doença venérea. Conheceu sua atual esposa, que era obreira da Igreja Universal, e com ela passou um final de semana na Ilha do Mel, litoral do Paraná. Fato este que a igreja não aceitou. Foi estigmatizado pelos demais integrantes da igreja e, constrangido, resolveu sair da instituição. Trabalhou como vendedor em uma loja de móveis, juntamente com sua esposa, até assumir a liderança de uma Igreja Evangélica da Paz, na região sul da cidade, exercendo a profissão de pastor evangélico: “eu fui treinado para isso: ganhar almas para Jesus, filha”, disse.

Estas entrevistas evidenciam que os adeptos, muitas vezes, manifestam estranhamento em relação às práticas monetárias da Igreja Universal, mas com o tempo acabam por incorporá-las. Todos os entrevistados disseram praticar o dízimo e participar das ofertas. No que se refere a estas últimas, quando os pedidos envolvem bênçãos às pessoas da família, estes se concentram nas Campanhas Mundiais da Fogueira Santa. Os problemas cotidianos, como indisciplina dos alunos, vida sentimental e dinheiro retido na Justiça, por sua vez, envolvem as ofertas realizadas nas campanhas locais e no período “entre fogueiras”.

O discurso institucional sobre a prática do sacrifício aparece como interpretação das ofertas. A assimilação do discurso da igreja é legitimada. No entanto, a maneira como realizam as doações financeiras, muitas vezes, não condiz com os preceitos defendidos pela instituição. Ester e Marta, por exemplo, venderam CD's, livros e roupas para conseguir o dinheiro que iriam ofertar na Fogueira Santa.

Ester chegou até a doar algumas de suas jóias, e Marta obteve o dinheiro por meio de saque de seu limite bancário para ofertar. Isso ocorreu também com o pastor Tiago, que na época em que era membro tentou ganhar cinco vezes mais do que ofertou, sacando o dinheiro da poupança. Diferentemente do ex-bispo Jonas, que disse ter entregue a sua vida como “oferta perfeita” a Deus. A única entrevistada que não participou de nenhuma Fogueira de Israel foi Rebeca, que tinha “pouco tempo de igreja”. Isaías e Mateus fizeram as suas ofertas de acordo com o que eles tinham determinado. O primeiro, limitou-se a dizer na entrevista que ofertava os valores que achava que deveria dar e não os valores pedidos pelos pastores; o segundo, disse que tinha um voto com Deus de sempre ofertar a maior quantidade de dinheiro que dispunha na época. Ao passo que Rute e Samuel disseram que retiravam do salário o valor a ser ofertado, e Ana não se lembrou de quanto foi a sua oferta.

Os valores ofertados nem sempre são os solicitados: em geral doam, nas reuniões diárias, o maior valor de que dispõe no momento do culto. Este pode ser uma nota de 50 reais ou, até, um real. Exceto Samuel e Marta, que disseram ofertar cinco reais e trinta reais, respectivamente; os demais não mencionaram em nenhum momento da entrevista esses valores. Quando indagados a respeito de valores monetários, Ana disse que era errado comentar valores com qualquer pessoa. Outra que se negou a falar foi Ester, alegando que cabe “somente a Deus” saber a quantidade de dinheiro que colocou dentro do envelope.

Ao longo das entrevistas pudemos notar que os adeptos vão incorporando o significado das práticas monetárias da Igreja Universal. Os adeptos criam, por vezes, um sistema próprio de definição do dízimo na medida em que não retiram, simplesmente, os 10% de tudo o que lhes passa pelas mãos, conforme as instruções da igreja. Em relação ao dízimo, exceto Marta e Rebeca que não disseram realizar essa prática, alguns o fazem como Samuel e Rute que retiram 10% do salário para contribuir mensalmente. Os ex-adeptos Jonas, Tiago e Mateus disseram que também retiraram do salário o valor de 10%. Como também a obreira Ester disse retirar 10% de tudo o que lhe passa pela mão. Estes estão reiterando o discurso institucional sobre a prática do dízimo. Outros retiram dos ganhos extras, como Isaías. Ele contou que entregava o valor de 50% da representação de uma máquina para a construção civil. Estipulava que num período de seis meses teria que vendê-la para entregar sob a forma de dízimo. Esta não é uma prática que condiz com os preceitos institucionais, porque Isaías não retirava o valor do seu salário ou do dinheiro que

passasse pela sua mão, mas sim de uma nova representação de máquina; ao passo que Ana fez uma vez, como dízimo, apenas a entrega do lucro da sua loja de material de construção como propósito a Deus numa Campanha e não de acordo com os preceitos da Igreja Universal.

Quanto às ofertas percebemos nas entrevistas que para se alcançar uma determinada bênção, os adeptos se referem às campanhas mundiais da Fogueira Santa em relação às demais campanhas e correntes. Busca pela “libertação” do sogro e resolver a mágoa com a mãe foram os motivos que levaram Rute a participar da Fogueira Santa ofertando o valor mínimo. Éster, por sua vez, lançou-se na fogueira para poder conhecer a Deus e, também, tirar o seu único filho do mundo das drogas. Ana foi abençoada com o desejo de ser “empresária”. Ao passo que Marta buscou ser obreira e apenas obteve dívidas. Como também Samuel que almejava ser dono do próprio negócio. Isaías pedia para ter uma saúde perfeita na época da fogueira. Observamos nos relatos que há uma hierarquia de bênçãos como lógica que prescinde a doação financeira. Dizer que se dá o que “se tem no bolso” no momento do culto é uma forma de dizer que “se cumpre” a norma institucional, porém nem todas as ofertas praticadas dessa forma consistem em sacrifício. Este se realiza quando o adepto faz um propósito – dentro ou fora da Fogueira Santa.

Em relação às ofertas apenas Ester, a obreira, reitera a prática e o discurso destas. Concebe o dinheiro entregue no altar como sacrifício que a represente perante Deus na Fogueira Santa. Outra que reiterou esse discurso em duas Campanhas da Fogueira Santa e uma Campanha da Tenda da Purificação foi Marta. Ofertou 900 reais angariado de parentes, venda de livros, roupas e CD's para a primeira campanha e o valor de 20 reais para a outra campanha. No entanto, retirou o limite do banco para ofertar como sacrifício na Fogueira Santa de 2004-2005. O único ganho foram as dívidas que adquiriu. Já Samuel oferta o valor de 5 reais nas reuniões que frequenta e participa da fogueira contribuindo com o valor mínimo estipulado pela instituição. Ou seja, na prática Samuel reinterpreta o discurso sobre a oferta. Outra que não age tal qual os preceitos iurdianos é Rute, pois sua fala - “como eu ganho pouco, dou pouco para Deus”- não é a lógica das doações, conforme preceitua Igreja Universal. Ana participou de apenas uma Fogueira Santa, em 2002, tendo sido abençoada. Não pratica o dízimo como um “dever bíblico” e, em relação às ofertas diárias, doa um real ou uma moeda. Rebeca, sua vizinha, participa apenas das ofertas doando um real

quando ganha de mesada do seu pai ou quando Ana lhe entrega uma moeda. O ex-bispo Jonas não comentou, durante a entrevista, os valores que ofertava, mas disse que ele se entregou à obra de Deus e essa foi a sua oferta viva.

Há também uma manipulação do discurso, pelos adeptos, no sentido de escamotear o fato de que nem sempre têm dinheiro para dar. Dizer que se “dá o que se tem no bolso” no momento do culto é, portanto, uma forma de aparentar que “sempre se tem dinheiro”. O ex-adepto Mateus comentou que sempre ofertava a nota de maior valor que tivesse no bolso; Isaías, outro ex-adepto, enfatizou que ofertava o valor que ele achasse melhor naquele momento e não o que o pastor determinava. Outros adeptos disseram, na entrevista, que podiam ofertar 50 reais ou 100 reais caso tivessem essas notas durante o culto. Mas ao acompanhar Ester na Campanha da Tenda da Purificação, em 30 de novembro de 2004, ela ofertou uma moeda de 50 centavos com o intuito de que o mês de dezembro viesse abençoado. Ao passo que Samuel, no começo da entrevista, disse que se ofertasse 100 reais ou 500 reais não iria resolver o seu problema. No entanto, no final da entrevista disse que oferta sempre 5 reais. Ana também oferta uma moeda ou 1 real. Isso evidencia um “jogo de aparências”.

O discurso da Igreja Universal sobre a “aposta com Deus” tende a escamotear sua participação do desafio realizado pelos adeptos em busca da “bênção sem limites”.

Lévi-Strauss [1962] (2002) em *O Pensamento Selvagem*, define o jogo a partir da polarização com o rito:

“o jogo aparece, portanto, como disjuntivo: ele resulta na criação de uma divisão diferencial entre jogadores individuais ou das equipes, que nada indicaria, previamente, como desiguais. Entretanto, no fim da partida, eles se distinguirão entre ganhadores e perdedores. De maneira simétrica e inversa, o ritual é conjuntivo, pois institui uma união (pode-se dizer aqui uma comunhão) ou, de qualquer modo, uma relação orgânica entre dois grupos (que, no limite, confundem-se com a personagem do oficiante, o outro com coletividade dos fiéis) dissociados no início” (pág. 48)

O argumento do autor é que no jogo a simetria é pré-ordenada. Trata-se de uma igualdade estrutural que é desequilibrada, isto é, pela contingência dos fatos, da intenção, do acaso ou do talento. No caso do ritual, o autor argumenta que ocorre o inverso: existe uma assimetria pré-concebida entre o “profano e o sagrado, os fiéis e o oficiante, mortos e vivos, iniciados e não-iniciados” e, neste processo, o jogo “consiste em fazer passar todos os participantes para o lado da parte vencedora através de fatos cuja natureza e ordenação têm um caráter verdadeiramente estrutural” (pág. 48). Esta perspectiva “classificatória” serve para pensar a “construção da realidade”, fundamentada em princípios simbólicos:

“Como a ciência (se bem que aqui, ainda, no plano especulativo ou no prático), **o jogo produz fatos a partir de uma estrutura**: compreende-se, portanto, que os jogos competitivos prosperem em nossas sociedades industriais, ao passo que os ritos e os mitos, à maneira do bricolage (que estas mesmas sociedades industriais não toleram mais senão como hobby ou passatempo), decompõem e recompõem conjuntos factuais (no plano físico, sócio-histórico e técnico) e se servem deles como de outras tantas peças indestrutíveis, em vista de arranjos estruturais que assumem alternativamente o lugar de fins e de meios” (págs. 48-49). (grifo nosso)

Como pensar a prática da Igreja Universal a partir dessa proposta? Sugerimos que há na prática da aposta, na Igreja Universal, uma releitura da prática ritual sob a ótica do jogo. Nesta, parte-se de uma “igualdade moral” (todos são iguais perante Deus) e instaura-se, por meio das “apostas”, a desigualdade: nem todos

alcançam as bênçãos desejadas. Por outro lado, reafirma-se a hierarquia, isto é, a soberania divina.

Como foi apontado por Wilson Gomes (1996), a prática da oferta articula e põe em movimento o discurso da Igreja Universal de que os bens materiais e espirituais desejados são ganhos por “direito”, como resultado da promessa do Senhor. A teologia iurdiana constrói, portanto, segundo Patrícia Birman (2003) uma imagem de religião associada à riqueza, à opulência, ao cosmopolitismo e à globalização. Segue afirmando que,

“esta imagem também oferece elementos de combate e de não-aceitação pelos segmentos populares de um lugar social que os vincula a um lugar hierárquico inferior do ponto de vista social e simbólico, bem como ao tradicionalismo religioso que ele destila” (pág. 242).

A “identificação” com aqueles que dão os testemunhos de vitória no altar ou nos programas de televisão servem como parte de uma estratégia de manutenção e sustentação de seu império no campo religioso, na medida que reitera, na sua prática proselitista, o princípio da sociedade moderna: a única forma de prosperar neste mundo se dá através “identificação” com os vencedores, os heróis. No entanto, por ser uma instituição religiosa, os seus referenciais de heroísmo são personagens bíblicos que entregando em sacrifício a Deus os primeiros frutos obtinham as graças solicitadas. Mas, se a prática está ancorada na Bíblia, onde está o jogo então?

O jogo competitivo foi tema de pesquisa do antropólogo francês Roger Caillois [1967] (1990). Em seu livro *Os Jogos e os Homens* o autor apresenta as seguintes características como próprias do jogo: [1] o fato de ser livre, uma vez sendo da sua “natureza” ser divertido, atraente e alegre; [2] delimitado no tempo e espaço, ambos preestabelecidos; [3] incerto, na medida que não se sabe o resultado; [4] improdutivo, porque não gera bens nem riquezas e conduz a uma situação idêntica à do início da partida; [5] regulamentado por regras que “suspendem” as leis convencionais, instaurando-se momentaneamente novas regras; [6] fictício, por gerar uma realidade “outra”, em relação à vida “normal”.

Caillois cita três exemplos onde acredita que a prática dos jogos de azar tem esse caráter: o jogo de dados ao sul de Camarões e norte do Gabão; a charada chinesa em Cuba e o jogo do bicho no Brasil. Caillois [1967] (1990) sugere que, caso

se queira fazer riqueza a partir da prática do jogo, os cálculos devem ser feitos de forma sagaz (pág.11). A noção de risco se encontra na avaliação dos recursos disponíveis pelo jogador e dos cálculos das eventualidades. A aposta, portanto, corresponde à comparação entre o risco aceito e o resultado previsto. Como prever resultados? Caillois [1967] (1990) aponta ser este o segredo, o “mistério” do jogo. É indiscutível que o segredo, o mistério se prestem a uma atividade de jogo, mas convém acrescentar que esta atividade se exerce necessariamente em detrimento do que é secreto. O “mistério” se faz presente à medida que o jogo passa a envolver uma instituição, e esta, sim, seria responsável pela dimensão do “segredo”:

“Tudo o que é, naturalmente, mistério ou simulacro está próximo do jogo. Mas é também preciso que a componente da ficção e de divertimento prevaleça, isto é, que o mistério não seja venerado e que o simulacro não seja o início ou sinal de metamorfose e de possessão” (pág. 24).

Essa característica simuladora do jogo, segundo Caillois se expressa também na definição do que é permitido/proibido, no jogo, por meio de regras. Estas indicam o que é e o que não é jogo. Se forem violadas, adverte o autor, o jogo acaba imediatamente. Existem jogos, entretanto, que não envolvem regras fixas. Essa liberdade de ação do jogador, essa margem concedida à ação é essencial ao jogo e explica, em parte, o prazer que ele suscita.

“(…) em geral, aos jogos que supõem uma livre improvisação e cujo principal atrativo advém do gozo de desempenharmos um papel, de nos comportarmos **como se** fôssemos determinada pessoa ou determinada coisa. (...) a ficção, o sentimento do **como se** substitui a regra e desempenha exatamente a mesma função. Em si mesma a regra cria uma ficção” (pág. 28).

Mesmo consentindo com a importância das regras para a criação do mundo exterior, Roger Caillois sustenta que vários jogos não envolvem regras. O sentimento do, **como se**, postula que os jogos são regrados ou são ficcionais, haja vista que o simulacro também se apresenta no ambiente do jogo.

Com base nestes pressupostos, o autor define serem quatro os tipos de jogos: (I) competição, (II) acaso (sorte), (III) simulacro e (IV) vertigem, os quais denomina, respectivamente, de *agôn*, *alea*, *mimicry* e *ilinx*. Caillois os distingue com o intuito de ressaltar características dos jogos e suas diferenças:

(I) *Agôn*: na Grécia significa uma competição esportiva de caráter público. Os critérios de competição, destreza, numa busca de igualdade de chances, estão

necessariamente presentes. Uma vez estabelecida as condições de igualdade nos jogos de competição, a rivalidade figura como um princípio essencial. O agôn, segundo Caillois, se apresenta como “forma pura do mérito pessoal e serve para o manifestar” (pág. 35). Neste caso, o que define o jogo é a disciplina, a perseverança, a habilidade, o treino, a qualificação do jogador. Os jogos que pertencem à categoria *agôn* tendem, portanto, a afirmar o trabalho para desempenhá-lo como responsabilidade individual.

(II) *Alea*: em latim significa sorte. Sorte e esperança são fatores determinantes. O “destino” é o único artesão da vitória. Os jogos que possuem a *alea* são os jogos de roleta, de baralho, o cassino, as loterias. Diametralmente oposta ao *agôn* é a categoria dos jogos abarcados pela *alea*. O princípio que prevalece é o da arbitrariedade. Nega-se o trabalho, o que faz com que o jogador seja passivo diante da sorte, entregando-se ao destino. Na *alea* o jogador conta com tudo, exceto consigo mesmo, diferentemente do agôn em que conta consigo mesmo. Caillois afirma que os jogos classificados nesta categoria proporcionam aos jogadores “com sorte” muito mais do que ele poderia encontrar numa “vida de trabalho, disciplina e fadiga” (pág. 37).

(III) *Mimicry*: envolve aceitação temporária de uma “ilusão”. Na *mimicry* o indivíduo se despoja de sua personalidade para se fundir numa outra. Para o autor, os jogos encontrados nesta categoria envolvem a máscara, o disfarce e a representação, e não tem qualquer relação com a *alea*, embora o *agôn* não esteja excluído. Isso significa que “a mera identificação com o campeão constitui já uma *mimicry* semelhante àquela que faz com que o leitor se reconheça no herói do romance, e o espectador, no herói do filme” (pág. 42). Contudo, a *mimicry* apresenta todas as características do jogo: liberdade, convenção, suspensão do real e espaço e tempo delimitados. A característica desta categoria é a “invenção incessante. A regra do jogo é uma só: para o ator consiste em fascinar o espectador, evitando que um erro o conduza à recusa da ilusão; para o espectador consiste em prestar-se à ilusão sem recusar 'a priori' o cenário, a máscara e o artifício em que o convidam a acreditar, durante um dado tempo, como um real mais real do que o real” (pág. 42).

(IV) *Ilinx*: envolve a destruição momentânea da estabilidade da percepção ao envolver os sujeitos numa espécie de êxtase. Os elementos da vertigem são fundamentais na medida em que destrói a estabilidade de percepção, inflingindo pânico e instabilidade onde reina apenas paz e lucidez. Trata-se de uma entrega a um tipo de espasmo, um transe ou um estonteamento que desvanesce a realidade com uma imensa brusquidão.

O caráter competitivo observado na sociedade moderna é analisado por Roger Caillois, por meio da aproximação entre a Justiça e os jogos. A Justiça, expressa pelas leis, deve buscar estabelecer um equilíbrio mais democrático entre as aptidões e as oportunidades haja vista que a sociedade, ao contrário do que prega como princípio, é uma organização desigual, pois,

“perdida a esperança de ganharem nos desafios do *agôn*, acorrem às loterias, aos sorteios, em que o menos dotado, o imbecil, o inválido, o desajeitado, face à deslumbrante cegueira de uma nova espécie de justiça, se encontram, finalmente, a par dos homens com recursos e com perspicácia” (pág. 137).

Caillois trabalha com as categorias do *agôn* e *alea* para “ler” a sociedade moderna, atribuindo ao jogo o papel de criação de possibilidades de conquista de uma posição que representa ‘destaque’, ‘sucesso’, ‘vitória’ em nossa sociedade competitiva. Esta eventualidade pode encorajar também os “humildes a suportarem melhor a mediocridade de uma condição donde nunca terão, praticamente, outra forma de se evadir. Seria necessária uma oportunidade fora de série, um milagre, em suma” (pág. 137).

A questão da “identificação” existente neste contexto competitivo se desdobra para Caillois numa forma degradada e diluída da *mimicry*. Trata-se da única forma passiva de prosperar num mundo presidido pelos princípios do mérito e da sorte, que só favorecem uns raros eleitos. A maioria fica frustrada, pois cada indivíduo deseja ser o primeiro – a Justiça e os regulamentos conferem-lhe esse direito. Justamente neste processo que emerge a adoração de ‘ídolos’ e ‘heróis’. Para Roger Caillois as pessoas passam a vencer indiretamente, a partir da identificação com outra pessoa, da devoção frente a alguém que aparentemente conseguiu ter sucesso através de seu mérito e recursos individuais

“Quem é que não deseja tornar-se um ás ou uma vedete? E de, entre essa multidão de sonhadores, quantos são os que perdem alento às primeiras dificuldades? Quantos as enfrentam? Quantos sonham realmente confrontarem-se com elas um dia? É por isso que

todos preferem vencer por procuração, por intermédio de heróis dos filmes e dos romances, ou melhor, ainda, pela mediação das personagens reais e fraternas que são as vedetes e os campeões” (pág. 144)

Para o autor este é um dos mecanismos compensatórios da sociedade moderna democrática, e a maioria das pessoas tem a ilusão de que esta “opção”, por vencer sem preocupação, é uma forma de distração e, até mesmo, diversão da monótona, cansativa e maçante vida cotidiana.

O modelo do jogo utiliza um repertório de imagens, símbolos e recursos que permitem combinar elementos sem cessar, para “ler” uma outra situação utilizando-se deste instrumental simbólico. Com base nessa perspectiva do jogo enquanto modelo é que proponho interpretar a prática da oferta na Igreja Universal.

Durante os quase 2 anos e meio que desenvolvemos esta pesquisa, verificamos que essa instituição cresceu, em 30 anos, o que uma empresa capitalista levaria 60 anos para se desenvolver. O mecanismo apontado para esse prodigioso salto qualitativo nas contas bancárias vem a ser a prática da oferta e do dízimo, diariamente nas suas reuniões.

Na pesquisa desenvolvida entre vários autores, todos concordam que a prática do dízimo e das ofertas, impostas aos freqüentadores da Igreja Universal, é a tônica principal dos cultos e reuniões. A ajuda espiritual gira em termos de valores monetários, da doação por parte dos fiéis. “Dê seu dinheiro para a igreja que Deus o ajudará no seu infortúnio”, pregam os pastores.

O importante para os dirigentes dessa instituição é o valor que os adeptos podem dar. Em uma aposta com Deus, apregoam que quanto mais você doar, Deus é obrigado a te atender, uma vez que Ele é o detentor de poderes divinos, e já que o fiel fez a parte dele, Deus é obrigado a fazer a dele. Não por acaso que as reuniões e campanhas feitas pela Igreja Universal utilizam cenários grandiosos, personagens bíblicos que conseguiram superar suas fraquezas a partir da crença num Deus poderoso que retribui as bênçãos requeridas. A partir desta prerrogativa, a leitura proposta vem a ser o modelo da *mimicry*, conforme anteriormente citada por Roger Caillois [1967] (1990), para a prática da oferta da Igreja Universal do Reino de Deus. Os referenciais de heroísmo utilizados pela instituição são personagens bíblicos que entregando em sacrifício a Deus os primeiros frutos obtendo as graças solicitadas.

Durante a pesquisa de campo, em nenhum momento presenciamos alguém dizer que tinha sido curado ou tivesse alcançado qualquer tipo de graça que pudesse ser considerada divina. Não levando em conta a Rebeca, menina de 14 anos, que relatou algo como: ao sofrer de dores na bexiga foi ao culto e retornou dizendo que “ainda dói, mas só um pouquinho”, todos os demais que melhoraram de vida foi graças a seus próprios esforços, seus trabalhos, pois foram à luta para conseguir seus objetivos. No entanto, não deixaram de contribuir nas ofertas nas reuniões e campanhas. Isso porque houve a identificação com as imagens sugeridas de heróis bíblicos nestes cultos. Como vimos, Roger Caillois [1967] (1990) afirma que a mera identificação com os personagens envolve aceitação temporária de uma “ilusão”, encaixa-se nas descrições da *mimicry*.

Nessa aposta com Deus, quando os pastores pedem dinheiro, eles dizem que esse dinheiro “é próprio do ser humano e que a bênção alcançada (se a pessoa alcançar) é divina”. Então, a lógica é que se o adepto doar o dinheiro dele, Deus é 'obrigado' a lhe atender. O discurso proferidos nos cultos são meios para que ocorra a identificação do fiel com os heróis bíblicos, que vão até lá em busca de soluções para seus problemas, sejam financeiros ou de saúde, por exemplo. Ficou claro nas histórias de vida aqui apresentadas que nem todos são incautos. Muitos deles nem sempre obedecem às imposições da Igreja Universal, quando da oferta. Aliás, mais da metade não contribui com o valor estipulado pelos pastores, fazendo do culto um jogo de gato e rato. Os pastores simulam que os pedidos dos adeptos serão atendidos e os adeptos simulam que contribuem.

A IURD, como instituição de fé, não existe. O que existe é uma empresa que faz da fé, de alguns milhares de fiéis, seu produto de venda, uma mercadoria. Quando seus pastores pregam que quanto mais você contribuir, maior será a bênção alcançada, eles estão lhe vendendo algo que já lhe pertence: sua fé.

ALMEIDA, Ronaldo. (1996) *A universalização do Reino de Deus*. Campinas, IFCH/Unicamp. Dissertação de mestrado.

_____. (2003) “A guerra das possessões”. In: ORO, ARI PEDRO; CORTEN, André & DOZON, Jean-Pierre (org.) *Igreja Universal do Reino de Deus: os novos conquistadores da fé*. São Paulo, SP: Paulinas.

BARROS, Mônica do Nascimento. (1995) *A batalha do Armagedon: uma análise do repertório mágico-religioso proposto pela Igreja Universal do Reino de Deus*. Belo Horizonte, UFMG. Dissertação de mestrado.

BIRMAN, Patrícia. (2003) “Imagens religiosas e projetos para o futuro”. In: Birman, Patrícia (org.) *Religião e Espaço Público*. São Paulo: Attar Editorial.

BOURDIEU, Pierre. (1974) “A gênese do campo religioso”. In: *A economia das trocas simbólicas*. São Paulo, SP: Perspectiva.

_____. [1994] (2003) “A economia dos bens simbólicos”. In: *Razões Práticas: sobre a teoria da ação*. São Paulo, SP: Papirus.

BRASIL, Alexandre. (2003) “Igreja Universal: um império midiático”. In: ORO, ARI PEDRO; CORTEN, André & DOZON, Jean-Pierre (org.) *Igreja Universal do Reino de Deus: os novos conquistadores da fé*. São Paulo, SP: Paulinas.

CAILLOIS, Roger. [1967] (1990) *Os Jogos e os Homens*. Lisboa, Portugal: Edições Cotovia.

CAMPOS, Leonildo Silveira. [1997] (1999) *Teatro, templo e mercado: organização e marketing de um empreendimento neopentecostal*. Petrópolis, RJ: Vozes; São Paulo: Simpósio Editora e Universidade Metodista de São Paulo.

- FERNANDES, Rubem C.; SANCHIS, Pierre; VELHO, Otávio G.; PIQUET, Leandro; MARIZ, Cecília; MAFRA, Clara (1998). *Novo nascimento: os evangélicos em casa, na política e na igreja*. Rio de Janeiro, Mauad, pp. 67-68.
- FRESTON, Paul. (1996) “Breve história do pentecostalismo brasileiro” In: *Nem anjos nem demônios: interpretações sociológicas do pentecostalismo*. Alberto Antoniazzi ... | et al. | - Petrópolis, RJ: Vozes, 2ª Edição.
- GEERTZ, Clifford. [1973] (1989) “Um jogo absorvente: Notas sobre a Briga de Galos Balinesa”. In: *A Interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro: LTC Editora.
- GOMES, Wilson. (1996) “Nem anjos nem demônios”. In: *Nem anjos nem demônios: interpretações sociológicas do pentecostalismo*. Alberto Antoniazzi ... | et al. | - Petrópolis, RJ: Vozes, 2ª Edição.
- LANNA, Marcos. (2000) “Nota sobre Marcel Mauss e o Ensaio sobre a dádiva”. In: *Revista de Sociologia e Política*. N.º 14, p.173-194, jun.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. [1962] (2002) “A ciência do concreto”. In: *O pensamento selvagem*. São Paulo, SP: Papyrus.
- MACEDO, EDIR. [1990] (2000) *Vida com Abundância*. Rio de Janeiro, RJ: Universal Produções.
- _____. [1997] (2000) *O perfeito sacrifício: o significado espiritual do dízimo e das ofertas*. Rio de Janeiro, RJ: Universal Produções.
- MARIANO, Ricardo. (1999) *Neopentecostais: sociologia do novo pentecostalismo no Brasil*. São Paulo, SP: Loyola.
- _____. (2002) “O debate acadêmico sobre as práticas econômicas da Igreja Universal”. In: *Religión Y Postmodernidad: Las recietes alteraciones del campo religioso*. Quito, Equador: Abya-Yala.

- _____. (2003) “O reino de prosperidade da Igreja Universal”. In: ORO, ARI PEDRO; CORTEN, André & DOZON, Jean-Pierre (org.) *Igreja Universal do Reino de Deus: os novos conquistadores da fé*. São Paulo, SP: Paulinas.
- MAUSS, Marcel. [1925] (2003) “Ensaio sobre a Dádiva” In: *Sociologia e Antropologia*. São Paulo: Cosac & Naify.
- _____. [1899] (1999) “Ensaio sobre a Natureza e Função do Sacrifício”. In: *Ensaaios de Sociologia*. São Paulo: Perspectiva.
- ORO, Ari Pedro. (1993) “Podem passar a sacolinha: um estudo sobre as representações do dinheiro no pentecostalismo autônomo brasileiro atual” In: *REB*, mar/abr, pp. 300-323.
- _____. (2001) “Neopentecostalismo: magia e dinheiro”. In: *Ilha Revista de Antropologia*. Vol. 3, nº 1, novembro. Florianópolis, SC.
- _____. (2003) “Pentecostalismo e política no Brasil”. In: *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, nº 53, São Paulo.
- _____; CORTEN, André & DOZON, Jean-Pierre (org.). (2003) *Igreja Universal do Reino de Deus: os novos conquistadores da fé*. São Paulo, SP: Paulinas.
- PRANDI, Reginaldo. (1996) “Religião paga, conversão e serviço” In: Pierucci, Flávio & Prandi, Reginaldo (org.) *A Realidade Social das Religiões no Brasil*. São Paulo, Hicitec.
- SILVA, Drance Elias. (2000) *A representação social do dinheiro entre os neopentecostais*. Recife, PE. Dissertação de Mestrado.
- SILVA, Vagner Gonçalves. (2004) *Entre Jesus de Nazaré e a Gira de Fé: Relações sócio-estruturais entre neopentecostais e religiões afro-brasileiras*. Texto apresentado no Seminário “Raça, Racismo e Políticas Públicas: um debate antropológico”, ABA – UFBA.
- TAUSSIG, Michael. (1987) “O batismo do dinheiro e o segredo do capital”. In: *Religião e sociedade*, 14/2. Rio de Janeiro, ISER. Pp: 18-31.